



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

ROMULO CRAVEIRO DE SOUSA TARTARUGA

**O USO DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA NA APRENDIZAGEM
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL**

APÊNDICE K – CD-ROM

Salvador
2011

RÔMULO CRAVEIRO DE SOUSA TARTARUGA

**O USO DE TRANSCRIÇÃO FONÉTICA NA APRENDIZAGEM
DO PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL**

Trabalho de dissertação apresentado ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Gama

Salvador
2011

APÊNDICE K – Transcrições das falas das professoras Elen e Francine e seus alunos nas aulas de aplicação do experimento - CD-ROM

NOTA

Optei pela versão em CD-ROM das transcrições das aulas dos períodos instrucionais por se tratar de um elevado número de páginas, e por já ter mantido, no corpo do trabalho, os trechos essenciais para a análise de dados que me propus fazer. Além disso, a divulgação desses dados pode ser útil àqueles que se interessarem em captar melhor o universo da sala de aula de cada professora, as interações entre os sujeitos, e os diversos aspectos ali envolvidos.

SUMÁRIO

Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento: primeiro dia	4
Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento: segundo dia	10
Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento: terceiro dia	12
Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento: quarto dia	23
Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento: quinto dia	29
Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento: primeiro dia	34
Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento: segundo dia	42
Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento: terceiro dia	103
Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento: quarto dia	122
Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento: quinto dia	150
Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento: sexto dia	161

**Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento:
primeiro dia**

PROFESSORA ELEN: Ok... página noooveee... por favor.

JEAN FRANÇOIS: ãh? que “facemos”?

PROFESSORA ELEN: Página noove.

Alguns instantes depois...

PROFESSORA ELEN: É isso aí. Tudo bem? Tudo bom? Qual a diferença entre “Tudo bem” e “Tudo bom”? Qual é a diferença entre bem/bom, mau/mal? Vamos ver os exemplos aqui. (inicia a leitura de um texto) “Os portugueses construíram bons navios. Eles conquistaram boas terras. Mas os índios viviam bem. As escravidão foi um mau episódio da nossa história. A comida dos navios era má. Mas eles cozinhavam mal. Ok, o que que cês observaram nos exemplos da diferença entre bom e bem? “Mau” com <u> e “mal” com <l>?”

GIANNA: Mal com l e bem são ad... ad... advérbios?

PROFESSORA ELEN: hum...

GIANNA: Os outros são adje...tivos.

PROFESSORA ELEN: Ah, então cê tá me dizendo que: (escreve no quadro as palavras “bem” e “mal”, uma seguida da outra, sob a categoria “advérbios”)... que bem e mal são advérbios. Né isso? E... (escreve a categoria “adjetivos” e sob a palavra escreve “bom” e “mau” e seus plurais e femininos) bom bons, boa boas, mau má, maus más... são adjetivos (olha para a aluna e balança a cabeça afirmativamente). Qual é a função do advérbio? Em uma frase, Que que o advérbio faz... numa frase?

GIANNA: Qualifica o verbo.

PROFESSORA ELEN: Somente os verbos?

GIANNA: ...

PROFESSORA ELEN: Também às vezes, os adjetivos. Por exemplo: uhm... vou dar um exemplo com o que nós temos aqui (escreve no quadro “Esta praia é bem bonita, circulando a palavra “bem”). “Esta praia é ‘bem’ bonita”. “Bonita” é o adjetivo. Não é? Ele qualifica a palavra “praia”. E “bem” aqui está qualificando o adjetivo “bonita”. Qual é o sentido aqui nessa frase?

GIANNA: ...

PROFESSORA ELEN: Que que eu quero dizer quando eu falo “Ah, essa praia é ‘bem’ bonita”?

GIANNA: (inaudível)

PROFESSORA ELEN: Muito bonita. Né? É um intensificador. Né isso? E os adjetivos (aponta para os que estão no quadro)? Em uma frase? Qual é a função dos adjetivos?

GIANNA: Dar qualidade ao substantivo.

PROFESSORA ELEN: (ri depois de olhar para os outros alunos, e escreve a definição dada por Gianna no quadro).

PROFESSORA ELEN: A pronúncia é diferente?

RASHID: [maw]...

JEAN FRANÇOIS: [maw].

PROFESSORA ELEN: A pronúncia dessas duas palavras é diferente? Sim ou não?

RASHID: Não.

PROFESSORA ELEN: Não. É a mesma pronúncia. Então, a gente só sabe a diferença quando a gente escreve. Né? Pode ver a diferença. Caso contrário, é a mesma coisa, pronúncia (transcreve foneticamente então no quadro as palavras “mal” e “mau”, abaixo de cada uma).

JEAN FRANÇOIS: Que estranho...

PROFESSORA ELEN: É estranho, né?

JEAN FRANÇOIS: Não se escreve o mesmo, não significa o mesmo, mas se diz... exatamente o mesmo (diz, em tom frustrado).

PROFESSORA ELEN: Mas significam mais ou menos o mesmo, né?

JEAN FRANÇOIS: Sim, mas... (faz gesto contrariado com a cabeça).

PROFESSORA ELEN: É função diferente, né? Jean François, três (quesito do exercício).

JEAN FRANÇOIS: “Você fala bem espanho[ɪ]? Sim.” (lê o quesito três).

PROFESSORA ELEN: Fala bem o quê?

JEAN FRANÇOIS: Espanho[ɪ].

PROFESSORA ELEN: Espanho[w].

JEAN FRANÇOIS: Espanho[w]. Ah! “Você fala be[m] espanho[w]? Sim. Falo be[m].

Além de ter feito um bom curso em Madri, morei em Barcelona por quase três anos”.

PROFESSORA ELEN: Ok?

GIANNA: O que eles acharam do filme? Eles acharam o fi[ɪ]me muito bom.

PROFESSORA ELEN: Eles acharam o “...”?

GIANNA: fi[ɪ]me.

PROFESSORA ELEN: Fi[w:]me...

GIANNA: Fi[w:]me.

PROFESSORA ELEN: Né? Lembra que nós vimos isso semana passada?

GIANNA: Sim.

PROFESSORA ELEN: Que esse <l> a gente fala assim, [ˈfiwmi] (transcreve foneticamente o som de <l> na palavra “filme”, colocando [w] abaixo.

GIANNA: “...[ˈfiwmi] muito bom. Mas disseram que o ar condicionado do cinema não estava funcionando muito... bem”.

PROFESSORA ELEN: Rashid.

RASHID: “Tchau! Bom fim de semana, descanse bem no sábado e bom praia no domingo”?

PROFESSORA ELEN: “Praia” é feminino.

RASHID: Oh... “boa”.

PROFESSORA ELEN: Uh-hum... Pode continuar, Rashid.

RASHID: Oh... “Obrigado, senhor. Bom fim de semana pra você também. Bem... descanso.

PROFESSORA ELEN: Mexe a cabeça em sinal negativo.

RASHID: Bom.

PROFESSORA ELEN: Descanso é masculino.

JEAN FRANÇOIS: “Já [sa^lbe] o que vai fa[s]er nas suas férias? Claro. V[u] fazer uma boa viagem[n] até o litoral brasileiro. Boa sorte. Curta be[m] suas férias, e vo[l]te be[m] disposto.

PROFESSORA ELEN: E “...”?

JEAN FRANÇOIS: ...volte ahm...

PROFESSORA ELEN: A pronúncia.

JEAN FRANÇOIS: “vo[l]te be[m] disposto”, *no?*

PROFESSORA ELEN: A pronúncia.

JEAN FRANÇOIS: [βo^lte].

PROFESSORA ELEN: vo[w]te!

JEAN FRANÇOIS: vo[w]te.

PROFESSORA ELEN: “Volte bem disposto”. Eu vou fazer assim, a gente viu isso aqui a semana passada, não foi (refere-se à glidização da lateral alveolar)? A pronúncia do <l>. Então eu vou ficar chamando a atenção de vocês para a pronúncia

do <l>. Tá? Principalmente porque, se por exemplo, a palavra terminar com <l> e depois nós tivermos uma outra palavra começada com vogal, e se você fizer o <l> como [lə], você pode formar uma outra palavra. Né... porque às vezes dificulta ou atrapalha o entendimento... pra outra pessoa.

JEAN FRANÇOIS: “Sa[l]vador” se diz “Sa[w:]vador”?

PROFESSORA ELEN: Sa[w]vador. É. Mas por exemplo, hum... tô pensando em uma palavra terminando em <l>.

GIANNA: “Pessoal”.

PROFESSORA ELEN: (escreve “pessoal” no quadro para iniciar uma frase)... Mas eu tô pensando numa palavra que possa... sei lá, tô tentando alguma coisa aqui pra ver se sai (risos, e escreve “antigo” ao lado de “pessoal”). Quando você pronuncia principalmente o <l> final como [lə], se você tiver uma vogal depois, muitas vezes cê pode fazer a junção e criar uma outra palavra. Você pode dizer “pessoalantigo” (risos). Aí a pessoa, o brasileiro que tá te ouvindo, vai ficar umas três horas assim olhando... tentando entender o que que cê ta falando...

JEAN FRANÇOIS: Aqui não se pode dizer “Pessoalantigo”...?

PROFESSORA ELEN: (ênfase na vocalização de [l]) Pessoaaaa[w].

JEAN FRANÇOIS: Entendi, eu disse “não se pode dizer”.

PROFESSORA ELEN: Não, não, porque não se faz essa junção.

JEAN FRANÇOIS: Pessoaaa[w:], antigo.

PROFESSORA ELEN: Pessoa[w].

JEAN FRANÇOIS: Ok.

PROFESSORA ELEN: Né?

JEAN FRANÇOIS: Ok.

PROFESSORA ELEN: (transcreve [w] abaixo do <l> de “pessoal”) Pra que vocês tenham uma boa produção, para que as pessoas possam te entender... porque depois fala “Estudei, 10 semanas, eu falo e ninguém me entende” (arremeda). São pequenos detalhes que fazem diferença. Certo? Então, essa semana a gente ainda vai trabalhar alguns sons. E todas as vezes que a gente tiver falando, lendo alguma coisa, eu vou chamar atenção especificamente pros sons que nós já trabalhamos. Tá? Então, por exemplo, esse aqui é um deles (aponta para a transcrição [w] no quadro branco). Sempre eu vou chamar a atenção. Tá bom?

Em seguida, a professora iniciou o estudo das pronúncias de <x>, fazendo menção a uma atividade que fez com a turma na semana anterior:

PROFESSORA ELEN: Na semana passada também eh... nós falamos rapidamente sobre algumas palavras que tinham a letra <x>. Tão lembrados? <x>. Tão lembrados? Aí eu fiz uma pequena explicação no quadro... né? E aí a gente viu que a letra <x>, na verdade, tem quatro sons diferentes dentro da língua. Nós vimos dois, né? Então, hoje nós vamos ver organizado os sons do <x>. Então lembra quando nós fizemos isso, quando a gente falou do “queixo” (aponta para o próprio queixo), quando nós estávamos estudando partes do corpo. Lembram? Então cuidado com pronúncia. Esse é a pronúncia do “...”?

TODOS: [ʃ:]

PROFESSORA ELEN: Queeeiixooo! E aqui?

TODOS: Queeeiiijjoo.

PROFESSORA ELEN: [ʒo], muito bem. Então não vão pedir na padaria (jocosa), 100g de “queixo”! Não! 100g de “queijo”.

Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento: segundo dia

PROFESSORA ELEN: Gente, ó aqui: verbo poder... na terceira pessoa... no presente e no passado. Então quando nós escrevemos podemos ver a diferença: um não tem acento e o outro tem acento. E quando eu quero pronunciar, eu quero falar, qual é a diferença entre um e o outro?

RASHID: Pôde, pode (não consegue pronunciar de forma distinta).

PROFESSORA ELEN: qual é qual? Uhm? Esse aqui é como?

GIANNA E RASHID: Pôde.

PROFESSORA ELEN: E esse aqui?

RASHID: Pode.

PROFESSORA ELEN: Atenção. Então, “pode” é mais aberto, [ɔ]. “Pôôde”, fechado, [o]. Vocês perceberam que muitos desses verbos, quando nós usamos no passado, eles terminam em < am > .

JEAN FRANÇOIS: Em < am > ... (vocaliza enquanto raciocina sobre o que a professora diz).

PROFESSORA ELEN: Na terceira, na segunda pessoa... terminam em < am > . Não é? Então eu quero pedir pra vocês... eh... por exemplo, no número seis. Como é que fica a pergunta? “Vocês ‘...’?”

GIANNA: Trouxeram.

JEAN FRANÇOIS: Trouxeram...

PROFESSORA ELEN: ... a câmera? Como? Trouxer[ãũ] (ênfase no ditongo final). Então, vamos prestar um pouquinho de atenção nesse < m > final. Né? Porque quando

nós pronunciamos, olha como eu digo: trazer[ãũ] (ênfase novamente no ditongo final).

JEAN FRANÇOIS: Ah!

PROFESSORA ELEN: Trazer[ãũ] (ênfase no ditongo final, e aponta para os próprios lábios, para que os alunos observem seus movimentos e o seu não fechamento).

GIANNA: Trazer[ãũ].

PROFESSORA ELEN: (movimenta a cabeça em gesto afirmativo em direção a Gianna) Então que que vocês acham que acontece aí?

JEAN FRANÇOIS: Trazer[aõ].

PROFESSORA ELEN: (aceita como válida, através de gesto afirmativo com a cabeça, a forma não-alvo do aluno, porém mais próxima da alvo) Eu pronuncio esse <m> final?

JEAN FRANÇOIS: Não.

PROFESSORA ELEN: Falo... Trazer[ãm]?

GIANNA: (gesto negativo com a cabeça).

JEAN FRANÇOIS: Trazer[ãũ].

PROFESSORA ELEN: (gesto negativo com a cabeça, respondendo à própria pergunta). Trazer[ãũ] (ênfase no ditongo final). Não é? Então atenção pra isso (e transcreve foneticamente no quadro, abaixo do ditongo final de “trouxeram”: [ãũ]). Olha aí: “Vocês trouxeram ‘...’?” ...a câmera? E não “trouzer[ãma] câmera” (aponta para os próprios lábios).

JEAN FRANÇOIS: Ah!

PROFESSORA ELEN: Lembram do que nós falamos ontem sobre fazer a junção das palavras, que às vezes nós podemos produzir palavras, ou... outras palavras diferentes? Aqui, ó: Vocês “...”?

RASHID: “...veram”

PROFESSORA ELEN: “Viiiiram”.

TODOS: “Viram”.

PROFESSORA ELEN: E aqui? Dois... “Eles não ‘...’?”

RASHID: ...tiveram (fazendo “caras e bocas”).

PROFESSORA ELEN: Tiveram (risos, olhando para Rashid). Parece menino pequeno... E aqui?

TODOS: Disseram.

PROFESSORA ELEN: Disseram (ênfase no ditongo).

JEAN FRANÇOIS: Disseram.

PROFESSORA ELEN: (aponta para a palavra “estiveram”)

JEAN FRANÇOIS: “Estiveram”.

PROFESSORA ELEN: Tá bom. Só lembrando isso. Dezesseis...

Nenhum outro evento envolvendo pronúncia e transcrição fonética foi observado no restante da aula.

**Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento:
terceiro dia**

JEAN FRANÇOIS: Algu[em]...

PROFESSORA ELEN: (vai até o quadro escrever “alguém”, como fez com as outras respostas)

JEAN FRANÇOIS: ...(incompreensível) fazer uma excursão pelo nordeste do Brasil.

PROFESSORA ELEN: Ok. Vamo de novo?

JEAN FRANÇOIS: [aw¹gɛm]. Si[m]? Não?

PROFESSORA ELEN: (antes de responder, transcreve a palavra toda foneticamente no quadro). De novo (aponta para a transcrição fonética).

JEAN FRANÇOIS: [aw¹gɛm].

PROFESSORA ELEN: [aw¹gẽĩ] (apontando para a transcrição novamente).

JEAN FRANÇOIS: [aw¹gɛm].

PROFESSORA ELEN: [gẽĩ]. Olha se eu... eu não abro a boca quando eu falo, ó (aponta com uma mão para a transcrição fonética, e com a outra para seus lábios).

PROFESSORA ELEN: [aw / gẽĩ].

JEAN FRANÇOIS: [aw / gẽĩ].

PROFESSORA ELEN: Isso (comemora)! Ó que lindo!

JEAN FRANÇOIS: [aw / gẽĩ].

PROFESSORA ELEN: Isso (ri aliviada)!! [aw / gẽĩ] (ênfase no ditongo final).

A professora seguiu corrigindo o exercício, e no final perguntou se os alunos tinham alguma dúvida. Comentou então que o assunto realmente era difícil, e que ela mesma quando aprendeu inglês teve dificuldade com o uso de indefinidos. O aluno Jean François comentou, demonstrando preocupação com sua pronúncia:

JEAN FRANÇOIS: Para mim o mais difícil não é saber que... que pronum...

PROFESSORA ELEN: “Que pronome”.

JEAN FRANÇOIS: ...que pronome usar. O mais difícil é saber... como pronunciar...

Como pronunciá-lo.

PROFESSORA ELEN: Muito bem...

JEAN FRANÇOIS: É o mais difícil (encerra sua fala, frustrado).

PROFESSORA ELEN: Mas a gente tá praticando, né?

JEAN FRANÇOIS: [si]. [si:m]... [si:m]...

RASHID: [sĩ].

JEAN FRANÇOIS: [si:m].

PROFESSORA ELEN: Então, olha só (entrega-lhes dois cartões de tamanho médio): eu estou dando pra vocês um pedacinho de papel. Eu quero que vocês escrevam nestes pedaços de papel três coisas que vocês fizeram “ontem à tarde”, três coisas que vocês fizeram ontem à noite. Ok?

JEAN FRANÇOIS: Uhm...

PROFESSORA ELEN: Mas... uma dessas coisas tem que ser mentira. Não pode ser verdade.

RASHID: Uh-hum.

PROFESSORA ELEN: E depois nós vamos tentar descobrir qual das seis coisas foi verdadeira ou não.

JEAN FRANÇOIS: uhm...

PROFESSORA ELEN: Qual é a mentira. Entenderam?

RASHID: Uh-hum. Ontem da noite...

PROFESSORA ELEN: Ontem à noite e ontem à tarde, três coisas que você fez ontem à tarde, três coisas que você fez ontem à noite. E uma dessas coisas tem que ser mentira. Tá bom?

JEAN FRANÇOIS: Ok.

Os alunos fazem como a professora orientou. Ela tira suas dúvidas de vocabulário e então chega então o momento de reportar o que escreveram para o grupo. Antes, porém, a professora escreve no quadro:

Ontem à tarde eu...

Ontem à noite eu...

PROFESSORA ELEN: (faz um sinal para Rashid começar).

RASHID: Então, ont[em], à noite eu fui à praia... para a praia?

PROFESSORA ELEN: Fui para a praia.

RASHID: A...

PROFESSORA ELEN: Peraí.

RASHID: ...andei... ont[em], à tarde eu...

PROFESSORA ELEN: Atenção. Que que nós falamos disso (aponta para a junção de “Ontem à tarde” no quadro).

RASHID: [õtẽĩ]... à tarde.

PROFESSORA ELEN: (risos)

RASHID: [õtẽĩ]... [õtẽĩ].

JEAN FRANÇOIS: É quase uma tortura.

PROFESSORA ELEN: (ri e seu gesto corporal parece perguntar “O que você está dizendo?)

RASHID: (risos)

PROFESSORA ELEN: (transcreve as frases do quadro foneticamente)

RASHID: (vocaliza a transcrição fonética) [õtẽĩ], à tarde... (evita a junção, fazendo pausa).

PROFESSORA ELEN: Ó, tudo juntinho (encoraja o aluno). [õtẽĩ] à tarde...

RASHID: [õtẽĩ] à tarde... [õtẽĩ] à tarde eu andei em círculos?

PROFESSORA ELEN: Andou em círculos?

RASHID: Andei em círculos pra 30 minutos (sorri).

PROFESSORA ELEN: Andou em círculos? Por 30 minutos (pergunta, incrédula)?

Ãh...

RASHID: Ah... ontem à tarde... ahm... eu “dormeu” às dez horas. Ou venti duas... horas.

PROFESSORA ELEN: Mas aí é tarde ou é noite?

RASHID: (pensa antes de responder)... ah... de...

PROFESSORA ELEN: (risos)

RASHID: Eh... Ah...

PROFESSORA ELEN: (risos)

RASHID: Ah... eu... eu comeu... frango... e... queijo.

PROFESSORA ELEN: Ontem à tarde?

RASHID: (movimenta a cabeça afirmativamente)

PROFESSORA ELEN: E ontem à noite?

RASHID: ...

JEAN FRANÇOIS: (pigarreia)

RASHID: Onte[m] à noite... [õtẽĩ], noite... (evita a junção, fazendo pausa novamente).

PROFESSORA ELEN: [¹õtẽĩə¹noĩʃɪ].

RASHID: [¹õtẽĩə¹noĩʃɪ]... eu comi... jantar sozinho...

PROFESSORA ELEN: (comemora a pronúncia alvo do aluno) Êh!!!

RASHID: [¹õtẽĩə¹noĩʃɪ] eu ahm... fui pra academia... [¹õtẽĩə¹noĩʃɪ]

PROFESSORA ELEN: [¹õtẽĩə¹noĩʃɪ] (ênfase no glide de “noite”, não pronunciada pelo aluno)...

RASHID: [¹õtẽĩə]... [¹õtẽĩə¹noĩʃɪ], [¹õtẽĩə¹noĩʃɪ]... ahm... falo... falei... com “mio” amigo “pelo” Skype?

PROFESSORA ELEN: “Pelo Skype”... então, o verbo é “...”?

RASHID: ...

PROFESSORA ELEN: Jantar. E não “comer jantar”. Então... “Ontem à noite eu ‘...’?”

RASHID: Jan...tar... jan...tou...

PROFESSORA ELEN: “Você jantou”, eu “...”?

RASHID: “Janteu”.

PROFESSORA ELEN: Jantei.

JEAN FRANÇOIS: Jantei.

PROFESSORA ELEN: “Eu jantei sozinho”.

RASHID: (balança a cabeça afirmativamente).

PROFESSORA ELEN: Bom... você acha que qual é mentira (pergunta a Jean François)?

JEAN FRANÇOIS: ...

PROFESSORA ELEN: Tá um pouco óbvio, acho (risos).

JEAN FRANÇOIS: À tarde ele não dormi.

PROFESSORA ELEN: Ele não “...”?

JEAN FRANÇOIS: À tarde ele não dormi?

PROFESSORA ELEN: Ele não “...” (escreve no quadro)?

JEAN FRANÇOIS: ... dormiu! Ah! Ele não... não dormiu, e... à noite ele não... não foi na... no *gymnasio*.

PROFESSORA ELEN: Ele não foi à academia...

JEAN FRANÇOIS: Ele não foi à academia... Acho.

RASHID: Sim.

PROFESSORA ELEN: Os dois tão corretos? Você não dormiu...

RASHID: Ah... quatro horas. E não... fui à praia.

JEAN FRANÇOIS: Ele não dormiu de tarde.

PROFESSORA ELEN: Ele dormiu às 22h (risos), mas ele fez uma confusão aí (jocosa, ri).

RASHID: Não sei... (inaudível).

PROFESSORA ELEN: Como você sabe que ele não foi à academia?

JEAN FRANÇOIS: Não sei.

PROFESSORA ELEN: Que ele disse ontem que ia à academia.

JEAN FRANÇOIS: Adivinhou? Se diz “adivinhou”?

PROFESSORA ELEN: Adivinhei.

JEAN FRANÇOIS: Adivinhei.

PROFESSORA ELEN: Eu adivinhei. Mas ontem você disse que ia à academia, não (pergunta a Rashid)?

RASHID: Sim, mas eu não... nunca fui.

PROFESSORA ELEN: Como você adivinhou?

JEAN FRANÇOIS: Não sei.

PROFESSORA ELEN: (risos). Vai (para Jean François).

JEAN FRANÇOIS: No, me parece um *poco*... ah, não importa. Ok... (faz caras e bocas para começar a reportar sua parte do exercício).

PROFESSORA ELEN: (adverte) Ó!

JEAN FRANÇOIS: [ontɛm].

PROFESSORA ELEN: Ó! Olhe (aponta para a transcrição fonética)...

JEAN FRANÇOIS: [ontɛm].

PROFESSORA ELEN: [ˈõtẽɣ̃əˈnoɪ̯ʃɪ]. Desculpa. [ˈõtẽɣ̃əˈtahɔ̯ʒɪ] (aponta para a transcrição no quadro)...

JEAN FRANÇOIS: [ˈõtẽməˈtah]... argh!!

PROFESSORA ELEN: Calma... Calma...

JEAN FRANÇOIS: Me mata todo.

PROFESSORA ELEN: Você podia tá aprend...

JEAN FRANÇOIS: Estou *tan* estressado, que *no* posso dizer nada.

PROFESSORA ELEN: Cê podia tá aprendendo russo (jocosa). Russo é pior!

JEAN FRANÇOIS: [ˈõtẽĩməˈtahdʒɪ]...

PROFESSORA ELEN: Aí, tá vendo (elogia a aproximação à forma alvo)?

[ˈõtẽĩəˈtahdʒɪ]...

JEAN FRANÇOIS: [ˈõtẽĩməˈtahdʒɪ]... ehm... à uma, eu fui pra comer na lanchonete perto do Porto da Barra. Depois peguei o ônibus e visitei a Casa do Benin. Às cinco, voltei pra tomar banho na praia da Barra.

PROFESSORA ELEN: Ok. E... ontem à noite?

JEAN FRANÇOIS: [ˈõtẽĩməˈnoɪtʃe] eu fiz... ah... meus deveres[ə] da ca[s]a durante uma hora. Depois, jantei um san[dutʃe] e bebi um [z]uco.

PROFESSORA ELEN: Um [s:]uco.

JEAN FRANÇOIS: Eh... uhm... e por fim, fui no Pelourinho pra desfrutar um pouco da festa.

PROFESSORA ELEN: Fui “...”? “no” Pelourinho?

JEAN FRANÇOIS: Fui ao Pelourinho, ou no Pelourinho.

PROFESSORA ELEN: Pro Pelourinho...

JEAN FRANÇOIS: Ah! pro...

PROFESSORA ELEN: Tanto faz... (escreve no quadro “aproveitar”) Pra “aproveitar” a festa.

JEAN FRANÇOIS: Ah, ok.

PROFESSORA ELEN: Melhor.

RASHID: Ah... *El* não... meu... to... tomou... banho de mar.

JEAN FRANÇOIS: Não. Eh... desculpe... mas... tomei banho.

RASHID: O banho... no praia?

PROFESSORA ELEN: Ele tomou banho na praia... Ele (Rashid) não lembra (risos) das coisas que *cê* falou.

RASHID: (Pega o papel em que Jean François escreveu as coisas que fez) Ah!... Não foi... comer nada.

JEAN FRANÇOIS: Sim fui pra comer algo.

PROFESSORA ELEN: Fui... comer.

JEAN FRANÇOIS: Ah, não se diz fui “pra” comer. Fui comer.

PROFESSORA ELEN: É melhor. Fui comer. Comi na lanchonete.

JEAN FRANÇOIS: E depois eu peguei o ônibus e visitei a Casa do Benin...

RASHID: Você não pegou o ônibus...

JEAN FRANÇOIS: Eu não visitei a Casa do Benin... ainda queria ver... (inaudível).

PROFESSORA ELEN: Você não acabou a adivinhação (para Rashid).

RASHID: Então...

PROFESSORA ELEN: (jocosa) Então... Ele adivinhou, ele já falou! Não foi pra Casa do Benin.

JEAN FRANÇOIS: E de noite... (evita mais uma vez a frase)... Ah... você tinha razão. Eu não foi no Pelourinho, aproveitar da festa.

PROFESSORA ELEN: Não fui.

JEAN FRANÇOIS: Ah, não fui.

RASHID: [ˈõtẽĩəˈnoĩfʃi].

PROFESSORA ELEN: [ˈõtẽĩəˈnoĩfʃi]. Tá bom.

JEAN FRANÇOIS: (arrisca, falando baixo) [ˈõtẽĩməˈnoĩfʃi]

PROFESSORA ELEN: Ah... vocês lembram que ontem, quando nós ouvimos a música (“Filhos de Gandhi, de Gilberto Gil) eh... você (Rashid) observou que uma palavra você não tinha entendido.

RASHID: [ʒo'ba].

PROFESSORA ELEN: (faz gesto afirmativo com a cabeça). “Djobi, Djoba¹” (diz, jocosa, e ri). Lembra? Ahm... “Filhos de Obá” (trecho da canção acima referida). Filhos de Obá (escreve no quadro, colocando um diacrítico indicando a junção “de Obá”, que confundira o aluno). Não era “Djobi, Djoba”. Lembra?

RASHID: Filhos de Obá (vocaliza).

PROFESSORA ELEN: Isso, a gente, eh... a gente... (tenta lembrar) percebeu, né, que faz essa junção aqui. Então, normalmente quando nós falamos, fazemos uma junção das palavras. Né? Que às vezes, dependendo da pronúncia, pode... dificultar ou não. Por exemplo; quando eu falo assim: (escreve no quadro branco) “Vou ao cinema com ela”. Leiam pra mim, por favor, essa frase.

RASHID: “Vou ao cinema [ko'melə]”.

PROFESSORA ELEN: Uhm? De novo, que eu não ouvi.

RASHID: “Vou ao cinema [kou'elə]” ~

PROFESSORA ELEN: Uhm-hum.

JEAN FRANÇOIS: “Vou ao cinema [kou'melə]” .

PROFESSORA ELEN: Então perceberam, o que vocês fizeram, né? Vocês juntaram isso aqui e fizeram “[ko'melə]”.

JEAN FRANÇOIS: Está correto ou não?

PROFESSORA ELEN: (faz gesto negativo com a cabeça).

JEAN FRANÇOIS: Ah! Não se diz...

¹ Canção do grupo franco-espanhol Gipsy Kings.

PROFESSORA ELEN: Não é? Lembram que eu disse que o <m> (faz gesto de circular o grafema no final da palavra “com”, na frase escrita no quadro) não se pronuncia? Nunca é (comprime os lábios, fazendo o gesto do som [m]), [məmə].

JEAN FRANÇOIS: Com, ela.

PROFESSORA ELEN: [kõ'elə]. [kõ'elə] (faz um gesto de ligação entre palavras).

RASHID: [kõ'elə]. [kõ'elə].

JEAN FRANÇOIS: [kõ'elə]. Ah! Ok!

RASHID: [kõ'elə].

PROFESSORA ELEN: Vamos fazer de novo? “Vou ao cinema com ela”.

RASHID: [kõ'elə].

JEAN FRANÇOIS: Vou ao cinema [kou'elə].

PROFESSORA ELEN: Entenderam a importância? É diferente, “[ko'melə]” e [kõ'elə].

JEAN FRANÇOIS: Uhm...

PROFESSORA ELEN: Tá? Por isso que a gente tá praticando bastante a pronúncia final do <m>. Ou, também eu posso dizer “Vou ao cinema com ele”. E não “[ko'melɪ]”.

JEAN FRANÇOIS: [kõ:].

PROFESSORA ELEN: [kõ'elɪ]. [kõ'elə]. Ok?

RASHID: [kõ'e'lə].

PROFESSORA ELEN: [kõ'elɪ]. [kõ'elə].

RASHID: [kõ'e'lə].

PROFESSORA ELEN: [kõ'elə] (ênfase no [ɛ]). “Vou ao cinema com ‘[ɛ]la’”. “Vou ao cinema [kõ'elɪ]”.

RASHID: “Vou ao cinema [kõ'e'lə]”.

PROFESSORA ELEN: [kõ'elɪ]. No masculino. Né? Ok?

RASHID: (inaudível).

PROFESSORA ELEN: O quê?

RASHID: Apagar o <m>.

PROFESSORA ELEN: (gesto afirmativo com a cabeça). E o <m> vira um... nasal.

Né? Cês têm que lembrar que a língua portuguesa é bastante nasal.

JEAN FRANÇOIS: (jocosos, aperta o nariz com o indicador e polegar) Sim!

TODOS: (risos).

A aula transcorreu sem eventos relevantes para a pronúncia e TF. A professora apagou o quadro várias vezes, mas sempre deixando a transcrição fonética “[kõ'elə]”, até o final da aula.

Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento: quarto dia

Estavam presentes na aula Rashid e Gianna. A professora começou a atividade escrevendo no quadro a seguinte frase: “O que as pessoas no seu país fazem quando chove?”

À medida que os alunos iam dando suas contribuições oralmente, a professora ia fazendo uma lista de atividades no quadro e transcrevia-as foneticamente, incluindo as junções de palavras:

PROFESSORA ELEN: Vamos ver aqui, gente. Vamos ver algumas situações, e depois eu quero que vocês me digam... “O que as pessoas no seu país fazem (ênfase) quando... chove?” Quero respostas completas, tá? (pausa)...O que as pessoas nos Estados Unidos e na Suíça fazem quando chove? Ou quando neva?

RASHID: Pessoas... ah... vão... pe... ah... pelo museu

PROFESSORA ELEN: As pessoas vão “...”?

RASHID: ...para... museu.

PROFESSORA ELEN: Para o museu (escreve “as pessoas vão ao museu”).

GIANNA: As pessoas vão ao [ˈsinemə]

PROFESSORA ELEN: As pessoas vão ao cinema (repetição corretiva).

GIANNA: Cinema (vocalização para checar a pronúncia)

RASHID: Ahm... Dormir

PROFESSORA ELEN: As pessoas vão ao museu, ao cinema... (escreve no quadro As pessoas vão ao museu, ao cinema)” “as pessoas “...”?

RASHID: Ahm... Dormiram... Dorme... dormir...

PROFESSORA ELEN: Normalmente... elas...

GIANNA: Dormem...

RASHID: Dormem.

PROFESSORA ELEN: Elas dormem (escreve “dormem” no quadro, seguida da transcrição fonética da palavra)...

GIANNA: Lêem um livro... Comem algo... Co... Fica em ca[s]a... Fique... Ficam

PROFESSORA ELEN: Eu ia colocar “comem um livro” (risos) Comem o que?

GIANNA: Comem *du* chocolate.

PROFESSORA ELEN: Comem algo (escreve “comem algo” no quadro).

GIANNA: Ah... agora compreen...

RASHID: Cozinham...

GIANNA: Ah... is... est... este exercício é *per...* pelo <m>.

PROFESSORA ELEN: Como?

GIANNA: Pra pronúncia.

PROFESSORA ELEN: Do < m > (jocosa)? Quem disse isso?

GIANNA: No... antes não compreendi...

PROFESSORA ELEN: (risos) Cês tão ficando muito espertos pro meu gosto! Tão muito espertinhos.

RASHID: (risos).

GIANNA: (sorri).

PROFESSORA ELEN: Não pode. Não pode (jocosa)! ... ok. “Quando chove, quando neva” (corrige a frase no quadro, que havia escrito antes). Tá. Então. Bora lá. “As pessoas vão ao museu, ao cinema”. As pessoas “...”?

GIANNA: Dormem.

PROFESSORA ELEN: Dormem. E aqui?

GIANNA: Lêem...

RASHID: Lêem...

PROFESSORA ELEN: “Lêem um livro...” (fez um gesto com a mão apontando para a transcrição fonética da frase, fazendo movimento indicando a junção).

RASHID: “Lêem um livro...”

PROFESSORA ELEN: “Lêem um livro...” (repete o gesto também). Tudo junto, né?
“Lêem um livro...”

GIANNA E RASHID: “Lêem um livro...”

PROFESSORA ELEN: (transcreve “comem algo” foneticamente no quadro)

GIANNA: “Comem algo”.

RASHID: “Comem algo”.

PROFESSORA ELEN: “Comem algo”.

GIANNA: “Comem algo”.

PROFESSORA ELEN: “Comem aaaalgo”.

GIANNA: Mas... não...

PROFESSORA ELEN: Diga, pode falar.

RASHID: “Comem algo com ele” (inventa nova frase, testando a junção).

PROFESSORA ELEN: (risos, divertindo-se com a criação do aluno) “Comem algo com eeee” (risos).

GIANNA: Eu eh... uma outra pergunta, uhm... beh... pelo <r>. Por que é “do[h]mem” e “liv[r]o”?

PROFESSORA ELEN: Que que tem aqui depois do <r> (aponta para “livro”)?

GIANNA: Uma vogal.

PROFESSORA ELEN: Uma vogal. Realmente: consoante, <r>, vogal. O som é [rə].

E aqui (aponta para a palavra “dormem” e sua transcrição fonética)?

GIANNA: Uma consoante.

PROFESSORA ELEN: Uma consoante. Então, “do[h]mem”. “Do[h]mem” (põe a mão direita na região da garganta, indicando o ponto de articulação).

GIANNA: “do[h]mem”.

PROFESSORA ELEN: Por exemplo, como é o nome disso aqui (aponta para a porta)?

GIANNA: Po[h]ta.

PROFESSORA ELEN: Porta (com gesto afirmativo com a cabeça).

GIANNA: Ah! “Oração” (palavra que a aluna lê no quadro).

PROFESSORA ELEN: Oração. Olha: uma vogal (aponta para a vogal <a> que segue <r> em “oração”).

GIANNA: Ah...!

PROFESSORA ELEN: (aponta para a palavra “vocabulário”, escrita previamente no quadro) E aqui?

GIANNA: Vocabulário.

PROFESSORA ELEN: Vocabulário. Né? E essa aqui (raiz)?

GIANNA: Raiz.

PROFESSORA ELEN: Raiz (mostra novamente o ponto de articulação). Porque ela tá no início da palavra. Né? Mas isso depende, viu gente? Da região do país.

GIANNA: E tem outra coisa que eu sei... nunca, ahm... ehm... eu não sei nunca... ah... eh... a... ao fim da palavra quando tem <o>. Ah... Eh... você usa... livr[u]? Livr[o]? Livr[u]? É uhm... (faz gesto com as mãos indicando “Como se explica isso?”)

PROFESSORA ELEN: Depende da região. Aqui, nós pronunciamos como livr[u].

GIANNA: livr[u].

PROFESSORA ELEN: Som do <u>, né?

GIANNA: Eh... algumas vezes, eu que é [o], e alguma vezes [u]. Mas estou... não tenho certeza.

PROFESSORA ELEN: Pode ser os dois. Depende do... Em São Paulo, por exemplo, e no Sul, muitas vezes eles pronunciam [o]. “Livr[o]”. Outras vezes, em outros lugares, “livr[u]”. Acho que a maior parte pronuncia livr[u].

Ao final da aula, o quadro branco tinha a lista de junções de palavras e suas respectivas transcrições fonéticas conforme descrito abaixo:

Dormem

[ˈdɔhmẽ̃]

Lêem um livro [ˈleẽ̃ũˈlivru]

Comem algo

[ˈkõmẽ̃ˈawgu]

Ficam em casa [ˈfikãũẽ̃ˈkazə]

Cozinham [ko¹zĩnãũ]

PROFESSORA ELEN: Bora ver aqui ó: (escreve a transcrição fonética de “Ficam em casa”).

RASHID: [fíkã:ũẽĩkəzə]. [fi¹kã:ũẽĩkəzə] (erra a tonicidade).

PROFESSORA ELEN: “Ficam em casa”.

RASHID: [fíkã:ũẽĩkəzə].

GIANNA: [fíkãũẽĩkəzə].

PROFESSORA ELEN: [fíkãũẽĩkəzə].

GIANNA: (vocaliza mais uma vez) [fíkãũẽĩkəzə].

PROFESSORA ELEN: [fíkãũẽĩkəzə]. Pra você que canta é muito bom, viu?

GIANNA: Uh-hum...

PROFESSORA ELEN: Pra você que canta... é bom essa...

GIANNA: [fi¹kã:ũẽĩkəzə].

PROFESSORA ELEN: Porque os cantores, quando cantam, fazem isso, né (faz gesto da junção)? Eles juntam todas as palavras, por isso aquele dia, com “De Obá”, Jean François ficou “Eu não ouvi ‘de Obá’, eu ouvi Djobá!” (e escreve no quadro a transcrição fonética de “cozinham”: [ko¹zĩnãũ])

GIANNA: [ko¹zĩnãũ]

PROFESSORA ELEN: [ko¹zĩnãũ]. As pessoas... cozinham.

RASHID: [ko¹zĩnãũ].

PROFESSORA ELEN: (gesto afirmativo). Mas ele (Rashid) fala ótimo! Você (Gianna) já percebeu que toda hora ele lembra? Ele fica “com ela”, “com ele”. Toda hora ele... ele se lembra!

**Transcrição das falas da professora Elen e seus alunos nas aulas durante o experimento:
quinto dia**

PROFESSORA ELEN: Cês vão completar com as palavras que estão aí do lado. “Não trai, não vem, não tem, seu bem, cai bem, não dá, não sai”. Então cês viram aí que a música se chama “Berimbau”. Então a gente falou hoje sobre capoeira, e aí nós vamos ouvir a música com Vinícius, de Moraes. Todo mundo conhece Vinícius?

JEAN FRANÇOIS: A cidade?

PROFESSORA ELEN: Vinícius de Moraes. Gianna pode falar com você um pouquinho, que ela sabe tudo de Vinícius!

GIANNA: Eu na... eh... Ele escreveu muitas letras de músicas, ehm...

PROFESSORA ELEN: Qual é a música mais famosa dele?

GIANNA: Ah... Garota de Ipanema.

PROFESSORA ELEN: Garota de Ipanema. “Olha, que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela menina que vem e que passa...” (cantarola).

JEAN FRANÇOIS: Ah, lembro.

A professora então coloca o DVD para tocar, e os alunos completam os espaços em branco. Em dado momento, ela pausa a exibição e o aluno Jean François aproveita a deixa para perguntar-lhe:

JEAN FRANÇOIS: Ele é de onde? De Rio?

PROFESSORA ELEN: Ele é carioca, né? É.

JEAN FRANÇOIS: Sotaque difícil. Tem legendas?

PROFESSORA ELEN: Tem.

JEAN FRANÇOIS: Se pode eh...

PROFESSORA ELEN: (entende a solicitação do aluno e faz gesto afirmativo com a cabeça, e põe a legenda na exibição do DVD)

Passa então um trecho da conversa de Vinícius de Moraes em italiano, com a legenda em português. Avisa aos alunos que está falando italiano. Depois inicia-se novamente a canção para que os alunos continuem fazendo a atividade. Para mais uma vez, e o aluno reclama:

JEAN FRANÇOIS: Tendi (entendi) nada.

PROFESSORA ELEN: (jocosa) “Tendi nada”. Mas não tinha a legenda?

JEAN FRANÇOIS: Você disse... Ele é italiano?

PROFESSORA ELEN: Não! Ele tava “falando” italiano.

JEAN FRANÇOIS: Ele é um *cantaor*... é um cantor italiano?

PROFESSORA ELEN: Não. Ele é Vinícius!

JEAN FRANÇOIS: Porque falava italiano?

PROFESSORA ELEN: Ele tá falando pro público italiano. Ele estava apresentando... um show para o público italiano.

JEAN FRANÇOIS: Ah!

PROFESSORA ELEN: Mas ele canta em português.

JEAN FRANÇOIS: *Sí-sí*, claro. Mas não, quando ele canta eu não entendo nada.

PROFESSORA ELEN: Agora o seu som favorito.

Enquanto os alunos assistiam ao DVD, a professora escrevia no quadro a transcrição fonética de “Quem é homem de bem”, para novamente fazer os alunos perceberem a ditongação das sílabas finais terminadas em vogal + <m>.

PROFESSORA ELEN: “Quem é homem de bem (ênfase em , nas três palavras)”. “Quem é homem de bem”.

JEAN FRANÇOIS: Não trai. Não trai. Depois ele disse “Não trai”.

PROFESSORA ELEN: Não trai.

JEAN FRANÇOIS: É a única coisa que entendi.

PROFESSORA ELEN: Então, “Quem é homem de bem, não trai”. “O amor que lhe quer “...”?

RASHID: Seu bem.

PROFESSORA ELEN: Seu beeeem.

Professora Elen continua a correção do exercício, corrigindo também a pronúncia de Jean François, que em dado momento consegue produzir o som alvo:

PROFESSORA ELEN: Quem diz muito que vai “...”?

RASHID E JEAN FRANÇOIS: Não vai.

PROFESSORA ELEN: “Não vai”.

GIANNA: Não vai (incrédula)!

JEAN FRANÇOIS: Por sorte!

PROFESSORA ELEN: “Quem de dentro de si ‘...’ ”? “Quem de dentro de si ‘...’ ”?

JEAN FRANÇOIS: “Assim como não vai”.

PROFESSORA ELEN: Ah, desculpa! “Quem diz muito que vai, não vai, assim como não vai ‘...’ ”?

RASHID: Não vem.

PROFESSORA ELEN: “Não vem...” Muito bom... “Quem de dentro de si ‘...’ ”?

JEAN FRANÇOIS: Tenho “Não sai”.

PROFESSORA ELEN: “Não sai... vai morrer sem amar “...””? Que palavra é essa, Jean François?

JEAN FRANÇOIS: Quê?

PROFESSORA ELEN: “Quem de dentro de si ‘...’ ”? “Não sai, vai morrer sem amar ‘...’ ”?

JEAN FRANÇOIS: Ah! Ning[ẽĩ].

PROFESSORA ELEN: Muito bem (comemora)!!! “O dinheiro de quem ‘...’ ”?

JEAN FRANÇOIS: Não tem. Não?

GIANNA: Não dá.

PROFESSORA ELEN: “Não dá... é o trabalho de quem ‘...’ ”?

JEAN FRANÇOIS: Não t[eĩ].

PROFESSORA ELEN: Não t[ẽĩ] (ênfase no ditongo [ẽĩ]).

JEAN FRANÇOIS: Não t[ẽĩ].

PROFESSORA ELEN: “Capoeira que é bom ‘...’ ”?

JEAN FRANÇOIS: “Não cai”.

PROFESSORA ELEN: “Não cai. Mas se um dia ele cai, ‘...’ ”?

GIANNA: “Cai bem”.

PROFESSORA ELEN: “Cai bem”. Há um monte de [ẽĩ], [ẽĩ], [ẽĩ], aí pra a gente, ó: “quem, bem, tem, vem...” Vamo tentar cantar, gente, a música, usando as nossas

nasais? Que a gente trabalhou durante essa semana toda nasais... o < m > nasalisad... “nasalisador”. Então, vamos? “Quem, vem, tem, bem...”

A professora Elen exhibe mais uma vez o DVD e os alunos cantam com ela. Interrompe a exibição para comentar sobre pronúncia:

PROFESSORA ELEN: Não sei se vocês perceberam o quanto isso aqui é importante (aponta para o quadro branco, onde está escrito “Quem é homem de bem” e sua transcrição fonética). Se vocês falam [kēmēmõmēmđibēm] (risos)...

JEAN FRANÇOIS: “Quem é homem de bem” (fazendo pausa entre as palavras, na tentativa de pronunciar a forma alvo, o que consegue, apesar de não nasalizar os ditongos).

PROFESSORA ELEN: “Quem é homem de bem” (com intonação que sugere que os alunos repitam a forma alvo)

TODOS: “Quem é homem de bem”.

PROFESSORA ELEN: “Quem é homem de bem”.

TODOS: “Quem é homem de bem”.

JEAN FRANÇOIS: “Quem é homem de bem”. Que duro isso. De onde é essa maneira de falar (risos)?

PROFESSORA ELEN: Deve ser dos índios, né?

JEAN FRANÇOIS: De Marte (risos)!

A professora retorna à exibição do restante da canção, cantando junto com os alunos, e enfatizando os ditongos nasais. A aula então termina

FIM DAS OBSERVAÇÕES DE AULA DA PROFESSORA ELEN

**Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento:
primeiro dia**

Depois de indagar sobre momentos de lazer no dia anterior, a professora pede aos alunos que leiam em voz alta um diálogo presente no livro didático em que dois amigos falam sobre futebol. Após a leitura do diálogo pelos alunos Cem e Antonella, a professora chama a atenção dos alunos para questões de pronúncia:

PROFESSORA FRANCINE: Antes da gente... Antes d'eu perguntar a [vo¹ses] que palavras são estranhas (no diálogo), eu quero falar desta... Como é que a gente fala essa palavra (escreve a palavra “telefone” no quadro)?

ALUNOS: Telefone

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente, telefone. Eu ouvi algo como [t^he¹lefonɪ], ou [tɛ¹lefono], mas aqui, [tɛlɛ¹fõnɪ]. Terminando em <e>, tem som de <i>, e a “marca” ‘tá aqui [referindo-se ao acento tônico]. Não tá aqui. Tudo bem? [tɛlɛ¹fõnɪ]. E esta [escreve “TV” no quadro]: se você... , não lendo a sigla, mas a palavra toda, como fica?

ISABEL: [te¹lɛfõnɪ] [não entendendo que a professora se referira a TV]

PROFESSORA FRANCINE: TV? [televi¹zãũ] [dando ênfase na sílaba tônica]

CEM: [televi¹zãũ]

PROFESSORA FRANCINE: É, nós vamos fazer...

CEM: [televi¹zõ] [concomitante à fala da professora]

PROFESSORA FRANCINE: [vi¹zõ]?

CEM: [vi¹sõ]?

PROFESSORA FRANCINE: não...

CEM: [nõ]

PROFESSORA FRANCINE: [vizãũ]

CEM: [vi^lzaũ]

PROFESSORA FRANCINE: u-hum!

CEM: [televi^lsaũ]

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente! [televi^lzãũ]. Como “ver”, visão... [faz um gesto em que o dedo indicador e o médio da mão esquerda se distanciam dos olhos, indicando o significado da palavra] [televi^lzãũ].

PROFESSORA FRANCINE: E... E esta? [escreve no quadro: “golaços”]

ISABEL: [go^lpasos]

PROFESSORA FRANCINE: Isso! [go^llasos]. Eu tinha ouvido [gola^sos].

ANTONELLA: Televisão.

Tendo terminado a atividade com o primeiro texto, a professora passou para um segundo chamado “Ficha Técnica” (um recorte de jornal com informações sobre jogos de futebol, como datas de jogos, times, placares) sobre a qual os alunos responderiam a perguntas de interpretação. Em dado momento, o aluno Cem, ao responder a uma das questões lê uma frase e produz uma forma não alvo da palavra “março” e a professora reage através de uma intervenção com transcrição fonética.

CEM: “Palmeiras e Corinthians jogaram juntos pela última vez em 13 março (pronuncia [ˈmarsØ]) de 94.

PROFESSORA FRANCINE: Está certo?

ANTONELLA: (gesto afirmativo com a cabeça).

PROFESSORA FRANCINE: Treze de março (ênfase em “março”).

CEM: Treze de março (ênfase em “março”, imitando a professora). Como *escribe* março?

PROFESSORA FRANCINE: Como se escreve março (*recast*)? Vamos ver (faz sinal de quem vai escrever a palavra no quadro branco)? Como é, meninas (que se escreve)?

ISABEL: m-a-r-ç-o.

ANTONELLA: (cantarolando) “São as águas de março fechando o verão...”

PROFESSORA FRANCINE: Entendeu (fala com Cem)?

CEM: (gesto afirmativo com a cabeça).

PROFESSORA FRANCINE: (cantarola também). Ok! Então... “março”. Assim, ó, Cem: (e transcreve foneticamente a palavra no quadro, como [ˈmahsʊ]). Então a gente tem, ó, [s], então a gente tem aqui, vai usar, qual foi o símbolo ontem? Que a gente viu? É o [s], né? [ˈmahsʊ]. [ˈmahsʊ]. Tudo bem? [ˈmahsʊ]. A gente não pode usar aquele recurso que a gente viu que é usado no final. Se eu disser [fəˈlah], [fəˈlar], [fəˈla], mas aqui não pode (refere-se ao som de <r> na palavra março, que não pode ser omitido, como ocorre em final de palavra).

Mais adiante, a professora inicia uma atividade com um terceiro texto, cujo título é “Dois pesos, duas medidas”. Depois de a professora ler o título e comentar seu significado, a aluna Darica comenta que fez confusão com o espanhol:

DARICA: Eu estava pensando em *pesos* como... dinheiro em Argentina.

PROFESSORA FRANCINE: Aaaah! E como é que eu falo?

ISABEL: (arrisca) Pe[s]os.

PROFESSORA FRANCINE: Então...

DARICA: Por isso estava confusa.

PROFESSORA FRANCINE: Ah-ha... Nós vamos falar assim: (professora vai ao quadro branco e escreve a palavra “peso”, e logo abaixo, sua transcrição fonética - [ˈpezʊs]).

CEM: [ˈpezʊ].

PROFESSORA FRANCINE: Assim, Darica?

DARICA e ANTONELLA: [ˈpezʊs].

PROFESSORA FRANCINE: A tônica tá aqui (aponta para a transcrição fonética).

DARICA: [ˈpezʊs].

PROFESSORA FRANCINE: Isso! Acho que lá na Argentina é mais como um <s>, aqui?

DARICA: [ˈpesos]. Sim.

PROFESSORA FRANCINE: Então, e a gente aqui... é porque fica esse <s> entre... as vogais, aí o som fica de [ˈkaza]. [ˈpezʊ], [ˈpezʊs] (apontando para a transcrição fonética). Muito bom!

A professora depois leu o texto com os alunos e perguntou novamente o que significava o título “Dois pesos, duas medidas”. Discutiram sobre o assunto e então passaram para a correção de um questionário de compreensão do texto. A primeira questão foi “Explique o título do texto. Que outro título você daria e por quê?” Como já haviam discutido a primeira parte da questão, a professora pediu aos alunos que respondessem apenas que outro título dariam. Foi então que Cem deu a primeira resposta:

CEM: Esporte [im] (incompreensível, talvez algo em turco) no Brasil (jocosos).

ISABEL E DARICA: (riem-se porque notam a brincadeira do aluno).

PROFESSORA FRANCINE: Esporte “...”? O quê? Eu não entendi (risos).

CEM: (continua jocoso) Esporte... (incompreensível) [im] Brasil.

(...)

PROFESSORA FRANCINE: Eu vou escrever aqui para tentar entender uma das palavras que Cem acho que deixou em outra língua. Aqui, Cem (faz menção de escrever algo no quadro branco, esperando que o aluno dite).

CEM: Esporte...

PROFESSORA FRANCINE: Esporte...

CEM: [ɛ].

PROFESSORA FRANCINE: (escreve “é” no quadro).

CEM: *No!* [ẽ].

PROFESSORA FRANCINE: Em?

CEM: [i].

PROFESSORA FRANCINE: (gesto com a cabeça pedindo que repita). [ẽĩ] (risos).

Viu? Se você não falar esse [ẽĩ] (para“em”), ...mais ou menos assim: (transcreve a palavra “em” foneticamente no quadro branco).

CEM: Hum...

PROFESSORA FRANCINE: Né? Em? Como se você estivesse perguntando... imagine que você não ouviu direito e fez “hein?” É... mais ou menos esse som aqui. [ẽĩ]. Então vamos lá. Esporte em “...”?

CEM: Esporte [ẽĩ], eh... vivo rotina...

PROFESSORA FRANCINE: (vocaliza enquanto escreve no quadro) ...vivo... rotina?

CEM: Eh... (incompreensível, talvez algo em turco)...

DARICA: (risos)

CEM: (referindo-se a Darica, jocoso) Ela... pode sair?

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Vamos fazer um... uma votação.

DARICA: (sorrindo) Ceeem! Mas eu te quero!

PROFESSORA FRANCINE: Oh! Que lindo! Você ouviu a declaração de amor?

DARICA: Eu estou rindo porque... por isso. Não porque estou rindo de você. Estou rindo “com” você.

PROFESSORA FRANCINE: Uau! Ela argumentou bem, Cem. E agora?

DARICA: Eu não posso dizer nada.

PROFESSORA FRANCINE: Cem, quer que ela saia?

CEM: *No.*

DARICA: Oh... obrigada!

CEM: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: (rindo) Eu gostaria de terminar com sua frase... “Esporte em vivo rotina “...”?”

CEM: ...rotina... no Brasil.

PROFESSORA FRANCINE: ...no Brasil.

ISABEL e DARICA: (controlam o riso, amigáveis).

PROFESSORA FRANCINE: Como nós podemos eh... mudar alguma coisa nessa estrutura pra melhorar a compreensão do que Cem falou?

DARICA: “Esporte... na rotina... da vida do Brasil”. “No Brasil”. Vivo é... vida (pergunta a Cem)? Você está dizendo vida?

PROFESSORA FRANCINE: Você quer dizer “vida” ou essa palavra se relaciona com rotina?

CEM: No, com vida.

PROFESSORA FRANCINE: Vida?

CEM: *Life.*

PROFESSORA FRANCINE: (apaga a palavra “vivo” no quadro e a substitui por “vida”)

DARICA: Esporte... não...

PROFESSORA FRANCINE: Vamos fazer assim: a gente...

ISABEL: “Esporte na rotina de vida no Brasil” (sugere).

PROFESSORA FRANCINE: Uhm... ok! (risos) Então... Vamos jogar pra cá...
(mudando a frase com setas e apagando palavras) Esporte... na rotina... da vida...

DARICA: Brasileira.

PROFESSORA FRANCINE: Brasileira?

ISABEL: Brasileira.

PROFESSORA FRANCINE: (ou) No Brasil?

CEM: No Brasil.

PROFESSORA FRANCINE: No Brasil. Para manter mais próximo (do que Cem originalmente produziu), né? Vamos lá (começa a reescrever a frase no quadro branco). “Esporte... na... rotina... da vida... no Brasil”. Isso, Cem? Está bom assim? O novo título do texto! Bravo! Então...

ISABEL: Na vida dos Brasileiros (sugere).

PROFESSORA FRANCINE: Vou ter que pedir permissão pra mudar... Você já registrou (pergunta a Cem)...

DARICA: Ceem!

ISABEL: Cem, eu... (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Elas querem seus direitos autorais... pra mudar o seu título um pouquinho. Esporte na rotina da vida...

ISABEL: ...dos brasileiros.

PROFESSORA FRANCINE: Dos brasileiros.

DARICA: Está bom?

CEM: Não.

DARICA: Por favor!

ISABEL: Desculpe!

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Hoje ele não está... de bom humor, hein? “Esporte na rotina da vida no Brasil”, “na rotina da vida dos brasileiros”... um título muito bom.

(...)

Mais adiante na aula, a professora fez um exercício com os alunos no tema de esportes e em dado momento ela pediu que os alunos comentassem a frase de Sócrates “Mente são em corpo são”. Depois passou para um exercício em que os alunos escolheriam gravuras que estivessem relacionadas com a frase.

CEM: Eh... porque eh... afirmativa para... e... eu não sei, *ruh*. Em turco, *ruh*, mas não sei em português.

PROFESSORA FRANCINE: Oh! Eu não sei turco (lamenta, jocosa). Mas tem que...

CEM: *Soul* (lembra da tradução em inglês)... em inglês. *Soul*.

PROFESSORA FRANCINE: Alma?

ISABEL: Alma.

DARICA: Alma.

CEM: [a]ma?

ISABEL: A[w]ma (ênfase no glide).

CEM: A[w]ma.

PROFESSORA FRANCINE: Assim (transcreve foneticamente a palavra “alma”)

ISABEL: [ˈawmə].

PROFESSORA FRANCINE: [ˈawmə]. *Soul*.

PAUSA

(...)

PROFESSORA FRANCINE: E ela trabalha aqui?

CEM: [nɔ].

PROFESSORA FRANCINE: *No*, não. Não.

CEM: [naũ].

(...)

**Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento:
segundo dia**

ANTONELLA: ... acho que não funciona (referindo-se ao ar-condicionado)

PROFESSORA FRANCINE: ... é porque nós acabamos de ligar. Se já es[t]ivesse ligado... uns 10 minutos an[t]es, já estaria bom. Agora dá uns 10 minutos ou mais pra começa[r] a funcionar um pouco o a[r]. Estou bem (ajeitando o cabelo)? Posso competir com Jana²?

CEM: *No*!

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Boa resposta!

CEM: (risos)

² Namorada brasileira de Cem.

PROFESSORA FRANCINE: ... você foi muito... deci[d]ido! (escreve a palavra “Ajudar” no quadro branco). Não ajudo, né? O meu penteado, a competir com o de Jana. Poxa! me humilhou!

CEM: (balança a cabeça afirmativamente).

PROFESSORA FRANCINE: (olha para as alunas) Confirmou que sim! (risos)... E então... Eu gostaria que vocês pensassem em trê[] palavras ou idéias que estejam relacionadas a esta palavra aqui (direciona a atenção dos alunos à palavra “ajudar”).

CEM: relacionadas.

PROFESSORA FRANCINE: Relacionadas, ligadas...

ISABEL: a[]judar?

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente.

CEM: hum... ajudar... help.

PROFESSORA FRANCINE:... hum?

CEM: help!

PROFESSORA FRANCINE: É isso daí em inglês, né? Que tem o mesmo sent... outras em português.

ISABEL: Precisar.

PROFESSORA FRANCINE: Precisaaar.

CEM: Por que “preci[s]ar”?

ISABEL: Eu “preci[s]o” de *alguien*. Ele tem que me ajudar.

PROFESSORA FRANCINE: Eu preciso... de ALGUÉM (repetição corretiva).

ISABEL: Exatamente.

DARICA: Dar uma [maõ].

PROFESSORA FRANCINE: Dar uma mão (escreve no associograma)! Dar uma mão! (sorri, valorizando a contribuição da aluna).

CEM: Eh... [ɔɛn'ges]

DARICA: [ɔɛn'ges]?

PROFESSORA FRANCINE: ONGs ['õgɪs]?

CEM: ['õgɪs]! ['õgɪs]!

PROFESSORA FRANCINE: ['õgɪs]! (repete para realçar o input e escreve o acronismo no associograma) O-N-Gs!

CEM: ['õgɪs]?

PROFESSORA FRANCINE: ['õgɪs].

ISABEL: Ah! ... Eu não sabia essa palavra.

CEM: Você? Não. NGOs [ɛn dʒi 'ous]

ISABEL: Sí, mas... ONGs, não. ['ɔndʒɪs] [naʊ]

PROFESSORA FRANCINE: ['õgɪ]?

ISABEL: : ['ɔngɪs]?

PROFESSORA FRANCINE: É como falamos. Isso Janaína ensinou pra ele. Deve ter uma ONG lá em Santo Agostinho.

ISABEL: Assim, pra as palavras... em... in... inglês...

PROFESSORA FRANCINE: u-hum...

ISABEL: ... você sempre... adiciona... uma “ < i > ”. “Facebook[i]”...

PROFESSORA FRANCINE: Ah, é! A... A... a nossa pronúncia... Diga um exemplo, “Facebook”.

ISABEL: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: (escrevendo “Facebook” – rede social na internet - no quadro)

CEM: [feɪsɪ'buki:] (arremedando, jocoso)

PROFESSORA FRANCINE: Éeee... na nossa pronúncia, tem um som de [i] muito marcado, né? E como a maior parte dos brasileiros não fala inglês, então nós aportuguesamos algumas palavras, como por exemplo [hɔʃi'dɔgi]

CEM: [hɔʃi'dɔgi]... ['pitsə 'huti]! (jocosos) ...['pizə 'hut] (Pizza Hut, pizzaria)

ANTONELLA: ['pitsə 'hʌt]

PROFESSORA FRANCINE: é ['pitsə 'hʌt]. Ok, ['pitsə 'hʌt], ['pitsə 'hut]. ['pitsə 'huti], é? Ah, mas eu ainda não tinha percebido não...

CEM: ['pitsə 'hʌtʃ]

PROFESSORA FRANCINE: [oh'kuti], [oh'kut] (Orkut, rede social na internet)

DARICA: Mas Orkut não é brasileiro?

PROFESSORA FRANCINE: Não...

ISABEL: Mas...

PROFESSORA FRANCINE: O Orkut... é brasileiro?

ISABEL: As pessoas... que u[s]am... [or'kutʃi] são brasileiras.

PROFESSORA FRANCINE: Sim. Aaaah! Os brasileiros são os “adeptos”!

PESQUISADOR: O inventor do Orkut é um americano de origem indiana. É o sobrenome dele.

PROFESSORA FRANCINE: Hum... o cara “bombou”! (risos)... Agora vamos pegar essa palavra que Valentina usou depois nós retornamos pra cá (referindo-se ao sociograma, escreve a palavra “face” à direita dele). Essa palavra assim dessa maneira existe em português? Independente... independente daqui (da palavra “Facebook”)?

ISABEL: Acho que sim.

PROFESSORA FRANCINE: Existe... Face. A “face” (faz um gesto ao redor do rosto, depois tocando nas duas faces, com as duas mãos). É o rosto. A parte de cá, a face direita. Então, como é que nós pronunciamos o “e” final?

CEM: [fa^lsi]

PROFESSORA FRANCINE: Nós pronunciamos o <e> final como [i]. A gente faz assim, olhem (transcreve foneticamente a palavra “face” logo abaixo dela: [ˈfasi])...

CEM: [fa^lsi] (ao tempo em que a professora transcreve foneticamente no quadro)

PROFESSORA FRANCINE: [ˈfasi] Então, quando o brasileiro olha aqui, mesmo que ele diga [fẽ], aqui (referindo-se à primeira sílaba de “Facebook”), ele vai dizer o [ɪ] aqui (referindo-se a <-ce>, na palavra “Facebook”).

CEM: [ˈfasi]

PROFESSORA FRANCINE: ... porque “sorte” em inglês, como é?

CEM: (talvez não entendendo a pergunta) [feɪsˈbʊk].

PROFESSORA FRANCINE: Sem o [i]. Hehe! Não é? Só que aí a gente exagera nesse cá. Nessa parte de cá (apontando no quadro para a sílaba final de “Facebook”). A gente faz... [bʊk] , [bʊki]. Não é?

CEM: (inaudível) ... [ˈraki]

PROFESSORA FRANCINE: reggae [ˈhɛɡɪ], raque [ˈhaki]... muito bom, vocês estão indo muito bem na compreensão aqui. Então... é o caso da ONG... [g]... que mais? ... pensando nessa palav...

CEM: ...lugars... eh... para velho[s] n' ônibus.

PROFESSORA FRANCINE: lugares para os velho[z] no[z] ônibus (repetição corretiva). Como podemos...

ISABEL: lugare[s] especiais?

PROFESSORA FRANCINE: lugare[z] especiais para idosos. Podemos dizer assim? Lugares especiais para pessoas especiais (input sem realce), porque na verdade para idosos, é também para gestantes, é também para deficientes físicos, e pessoas com crianças de colo. Isso também funciona nos bancos (fazendo gesto de “entre aspas”, com as mãos)... Eu vi um ônibus com lugares para cego... cegos, que... têm cães guia. Eu vi um ônibus já assim, aqui. Muito bom.

CEM: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: Muito bom. Que mais?

CEM: *volunteers*.

PROFESSORA FRANCINE: Como dizemos isso em português?

ANTONELLA: voluntários.

PROFESSORA FRANCINE: Vonluntários, não é? ... voluntários...

ISABEL: Perguntar.

PROFESSORA FRANCINE: Perguntar? Perguntar, no sentido de pedir? A ajuda?

ISABEL: Sí, isso mesmo.

PROFESSORA FRANCINE: Pedir ajuda, né?

CEM: Ah, *I have this*.

PROFESSORA FRANCINE: pedir... (esperando que os alunos completem com “ajuda”)

ISABEL: ajuda.

PROFESSORA FRANCINE: É, porque às vezes precisamos pedir ajuda (aponta para a palavra “precisar”, primeira no associograma) mas temos um bloqueio com a questão de... dar o passo e pedir ajuda. É muito importante. Muito importante. As pessoas às vezes pensam que todos os outros vão adivinhar ou que todos os outros estão

preparados pra oferecer e nem sempre é assim. Às vezes precisamos provocar essa ação. Temos mais?

ISABEL: S.O.S

PROFESSORA FRANCINE: S.O.S? (risos) O.K., sim! S.O.S, de formas diversas, né? S.O.S, que é o pedir ajuda que Darica falou, mas de forma mais sistematizada.

CEM: Ssss[akerdo'tizə]

PROFESSORA FRANCINE: [sasehdotizə]

CEM: [saserdotizə].

PROFESSORA FRANCINE: Por que você disse [sahkedo'tizə]?

CEM: porque... alguns país...

PROFESSORA FRANCINE: Alguns países (repetição corretiva)

CEM: Alguns países, [saker], [saserdo]... ehb! (jocosos), muito difícil essa palavra.

DARICA: [saserdotizə].

PROFESSORA FRANCINE: Vamos ver como a gente faz isso daqui. Juntos (transcreve a palavra foneticamente no quadro: [sasehdo'tizə]). Sa – esse aqui? Como antes de ontem, então é esse. [saseh]...

ISABEL: - d[ɔ]

ANTONELLA: - d[ɔ]

PROFESSORA FRANCINE: - do... (apontando para a sílaba <-ti>) aqui está, tá a parte forte? Aqui? Então a gente vai ver aqui. Sacerdoti...

CEM: Sacerdoti... (imitando a professora)

ISABEL: -za.

PROFESSORA FRANCINE: -za. Assim? Então não é [sakehdo'tizə] (ênfatizando [keh]), é [sasehdo'tizə] (ênfatizando [seh]). Tá bom assim? A gente tá aprendendo isso juuuntos. Todo mundo consegue ler esse “tipo de língua”?

TODOS: (não respondem)

PROFESSORA FRANCINE: Esse gruupo... (risos)

ISABEL: Poco. Mas por que exatamente sacerdotisa?

PROFESSORA FRANCINE: Por que sacerdotisa?

CEM: [sasehdo]... [ˈtizə] ou monge.

PROFESSORA FRANCINE: Ou monja. Ele só quer mulher (risos). Sacerdotiza...

Vamos v... Vamos ouvir a explicação... de...

ISABEL: (inaudível)

PROFESSORA FRANCINE: Monja. Na verdade, sacerdotes e monges.

ISABEL: Onte[m] eu estive numa festa... de monjas.

PROFESSORA FRANCINE: Olha aí... vamos trocar as figurinhas. Não é? Enquanto ela diz... onde foi essa festa, como e por que, que agora estou curiosa, você vai pensar na sua explicação, por que sacerdotisa e monja. E por que especialmente no feminino.

Sim, onde foi essa festa?

ISABEL: Ehm... Col[e]gio... Franciscano Imaculado.

PROFESSORA FRANCINE: Colégio Franciscano...

ISABEL: Imaculada.

PROFESSORA FRANCINE: Imaculada? Você conhece (pergunta a mim, balanço a cabeça negativamente).

ISABEL: As monjas franciscanas imaculadas.

PROFESSORA FRANCINE: Ok, e onde fica esse colégio? Aqui na Barra?

ISABEL: Sim. Não!

PROFESSORA FRANCINE: Sim, não.

ISABEL: No, no é Barra.

PROFESSORA FRANCINE: Perto?

ISABEL: Não.

PROFESSORA FRANCINE: É longe?

ISABEL: Não... é mais pra lá (faz um gesto com o braço, apontando em direção norte).

PROFESSORA FRANCINE: Quem convidou você?

ISABEL: Eh... minha m[ãe] da família (referindo-se à família hospedeira).

PROFESSORA FRANCINE: E foi boa a festa, foi diferente?

ISABEL: Sí, diferente.

PROFESSORA FRANCINE: Sim...

ISABEL: primeiro uma missa.

PROFESSORA FRANCINE: Todo mundo sabe o que é uma missa? É o serviço da igreja católica, o culto da igreja católica. Hum...

ISABEL: Foi muito linda a missa, muito diferente. Eles cantaram muito... tudo era cantado. Tudo, tudo, tudo, tudo.

PROFESSORA FRANCINE: Mais... mais próximo ao canto gregoriano ou mais próximo ao canto popular?

ISABEL: Não, Canto gregoriano. Mas tudo era cantado.

PROFESSORA FRANCINE: Que lindo, foi uma missa cantada!

ISABEL: Sim.

PROFESSORA FRANCINE: Só mulheres celebrando, ou homens celebrando?

ISABEL: Homens também.

PROFESSORA FRANCINE: Homens e mulheres.

ISABEL: E depois uma comida.

PROFESSORA FRANCINE: Comida comum ou uma comida... um pouco diferente?

ISABEL: Não, comida comum.

PROFESSORA FRANCINE: Comida comum. Uh-hum.

ISABEL: as monjas também.

PROFESSORA FRANCINE: O.K....O.K. Uma experiência diferente. Você gostou no geral?

ISABEL: Si.

PROFESSORA FRANCINE: Sim. Claro. E agora, por que, Cem? Sacerdotisa e monja, nessa parte de ajudar.

CEM: Sí, porque eh... monjas (risos)

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Estou observando que você perspicazmente colocou...

CEM: Sí, mas... outra palavra... um pouco difícil eh... para ler.

PROFESSORA FRANCINE: Ah, sim? Vamos lá? como é que a gente faz para ler “monja”?

CEM: No-no-no. Não monja. Sa-sa...

DARICA: [sasɛr]...[do'tizə]

PROFESSORA FRANCINE: Sacerdotiza.

CEM: [sasehdo'tizə]

PROFESSORA FRANCINE: E... Como é que a gente faz aqui?

CEM: [ˈmu:nɔ̃ɐ].

PROFESSORA FRANCINE: (escreve “[ˈmõ ” no quadro e mostra o símbolo da vogal nasal aos alunos) Ó. E aqui não é [ɔ] ou [o], por quê? Porque a gente tem aqui, ó: na verdade, esse nasal aqui... [333ə], como é que a gente faz? Alguém lembra?

ANTONELLA: (desenha no ar o símbolo da fricativa alveopalatal vozeada) [ʒ].

DARICA: um *zeta* (quis dizer <z>).

PROFESSORA FRANCINE: Parece um <z>, mas na verdade, é [ʒ:ə].

CEM: [ʒ:ə]

PROFESSORA FRANCINE: E aqui... (termina a transcrição fonética da palavra “monja”, ao que todos reagem)

TODOS: [ˈmõ:ʒə]

PROFESSORA FRANCINE: Seria esse mesmo som aqui (aponta para a transcrição fonética da palavra “ajudar”)?

CEM: Ajuuudar.

PROFESSORA FRANCINE: Esse mesmo som? É. Esse mesmo som. [aʒ:uˈdah] e [ˈmõ:ʒə]. Então, não é [az:], não. <z>, não. [aʒuˈdah]. Aqui também seria então assim, né? A gente vem (começa a transcrever foneticamente, pausadamente, símbolo por símbolo, a palavra “ajudar” do associograma). Aaa...

DARICA: ...-ju.

PROFESSORA FRANCINE: onde é que fica a parte forte?

ISABEL: (vocalizando para responder a pergunta da professora) Ajuuudar. [ˈdah].

PROFESSORA FRANCINE: Aqui?

ISABEL: -dar.

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente. Então... a gente vai... lembra que a gente falou da pronúncia aqui do nordeste? Já funciona se a gente terminar a pronúncia aqui? (referindo-se ao apagamento da fricativa glotal em sílaba final).

ISABEL: [aʒuˈda]

PROFESSORA FRANCINE: Funciona. Mas também... a gente vê que algumas pessoas pronunciam assim, não é? (transcreve a fricativa glotal para completar a transcrição da palavra ajudar – [h]).

CEM: [aˈʒudah].

PROFESSORA FRANCINE: Lembram? [aʒuˈdah]. Vocês têm observado isso na rua, como nós combinamos? Ajudar? Ajudar. O que vocês têm ouvido mais? Assim

(apontando o símbolo [h] na transcrição fonética [aʒu'dah])? ou assim (apagando o símbolo [h]) ?

ISABEL: Não, sem.

PROFESSORA FRANCINE: Sem, não é? Assim. Sim. Hummm... meus observadores estão funcionando! (jocosa). Então, ajudar... monja (apontando para as transcrições fonéticas).

CEM: ['mõ:ʒə].

PROFESSORA FRANCINE: Ui! Estamos fazendo sucesso! Então, sacerdotisa, monja.

CEM: [sasɛrdo'tizə / 'mõ:ʒə].

DARICA: [sasɛrdo'tizə / 'mõ:ʒə].

PROFESSORA FRANCINE: (dirigindo-se a Darica) (risos) Muito grande, né?

DARICA: [sasɛr / do'tizə].

PROFESSORA FRANCINE: É, está indo muito bem. Né? [sasɛrdo'tizə]

DARICA: [sasɛrdo'tizə]

PROFESSORA FRANCINE: ['mõ:ʒə].

DARICA: ['mõ:ʒə]

PROFESSORA FRANCINE: [aʒu'dah].

DARICA: [aʒu'dar].

PROFESSORA FRANCINE: (fazendo sinal de “legal” com o polegar direito) Perfeito! Vamos formar excelentes falantes da língua portuguesa (jocosa)! Sim, mas você acha que essas pessoas ajudam (dirigindo-se a Cem).

CEM: Sí, para crianças,

PROFESSORA FRANCINE: Sim...

CEM: para pessoas velho...

PROFESSORA FRANCINE: pessoas... velhas (repetição corretiva).

CEM: Pessoas velhas.

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum.

CEM: Pessoas velhas, eh... elas trabalha... voluntár... voluntário, o con ehr... [dinheiro].

PROFESSORA FRANCINE: Certo, então elas “fazem trabalho voluntário”...

CEM: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: ...ou elas “trabalham voluntariamente”, lembram da formação do advérbio?

CEM: Hum... (gesto afirmativo com a cabeça)

PROFESSORA FRANCINE: Então... Elas fazem trabalho voluntário...

CEM: Voluntário...

PROFESSORA FRANCINE: ... ou... elas trabalham voluntariamente... ou... recebendo dinheiro. Isto! muito bom! Tem mais alguma... idéia, palavra, pensamento aqui?
... alguém quer colocar mais alguma coisa?

ANTONELLA: Pobres?

PROFESSORA FRANCINE: Pobres, sim! Quando pensamos nas pessoas mais pobres.

CEM: Pessoas mais pobres.

PROFESSORA FRANCINE: Quando pensamos nas pessoas mais pobres ou abaixo da pobreza também. Já existe, né, também há algum, muito tempo, a classificação de “pobres”, e a classificação de “linhas abaixo da pobreza”.

DARICA: Expigar? (influência do italiano *spiegare*) Expicar?

PROFESSORA FRANCINE: Explicar?

DARICA: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: Como assim? Pode explicar?

DARICA: Eh... porque... quando você explicar, estás a[]udando outra a pessoa pra entender... preci[s]a...

PROFESSORA FRANCINE: O.k... então é responder ao pedido de ajuda.

DARICA: Sí, o... sí, pode ser.

PROFESSORA FRANCINE: Corresponder. Certo! Então expli... se há...

DARICA: ... Por exemplo, se você estiver *enseñando* a... um companheiro...

PROFESSORA FRANCINE: Hum...

DARICA: Eh...como fazer uma matemática, está expigando, então está a[3]udando.

PROFESSORA FRANCINE: E explicar nesse caso é exatamente, exatamente ajudar.

Bom, então vamos fazer o seguinte: vamos...

CEM: (levantando o braço) Outra palavra!

PROFESSORA FRANCINE: Por favor!

CEM: (jocosos) Dicionário...

PROFESSORA: DICIONÁRIO! (risos) Sim, claro!! Como não! É um grande a-ju-dador! Em várias situações! Nós comentamos, nós falamos que as crianças brasileiras quando estão começando a ser alfabetizadas, elas têm que começar a saber isso de assento de banco, acento grave, e aí escreve de maneira diferente, e o dicionário nesse instante ajuda muito (fala pausadamente para realçar o input auditivo). Livros também.

PROFESSORA FRANCINE: Livros também.

CEM: Guia também.

PROFESSORA FRANCINE: Guias? He, dicionários, livros e guias (escreve-os no quadro branco, ao redor da palavra “ajudar”, no associograma). Agora eu quero que vocês, que se dividam em dois pares... Oh! hein hein! estamos com sono... se dividam em dois pares e nós vamos conversar um pouquinho mais sobre isso. Já estão divididos, né? (Isabel senta-se com Darica e Cem senta-se com Antonella) Vamos juntar só mais um pouquinho? Porque senão vocês vão entrar na conversa do outro.

A professora começa a distribuir os papéis para cada aluno. Cem pergunta:

CEM: Um joga?

PROFESSORA FRANCINE: Uhm... não exatamente.

CEM: (risos) que é isso?

PROFESSORA FRANCINE: Vamos ver. Vocês vão conversar entre si exatamente com base no que vocês receberam. Cada um recebeu uma orientação diferente, no par. Certo? Vocês têm 5 minutos para esta conversa e depois nós vamos continuar. Alguma dúvida? Você já leu aí?

CEM: Nós vamos escrever ou oral?

PROFESSORA FRANCINE: Não, na verdade vocês vão conversar

CEM: Uhm-hum

PROFESSORA FRANCINE: Mas vocês vão lembrar disso porque depois vocês vão comunicar aqui no grande grupo.

CEM: Uh! (jocosos)

DARICA: Oh! (jocosa)

PROFESSORA FRANCINE: Memória tá boa? (Dirige-se a Antonella, que participou pouco da aula até agora, e responde afirmativamente balançando a cabeça) A memória tá... boa?

ANTONELLA: Sí... (responde sem ânimo)

PROFESSORA FRANCINE: Ih... não senti firmeza...

CEM: Normal!

PROFESSORA FRANCINE: Normal.

Os alunos começam as interações.

CEM: O que é “aconteceu”? (pega o dicionário)

ANTONELLA: Aconteceu... eh...

PROFESSORA FRANCINE: (percebe que Antonella ia responder e aponta para ela)

ANTONELLA: *Something that happened...*

PROFESSORA FRANCINE: ãh!!! (vocalizando puxando o ar para os pulmões) Em português (sussurra)...! (risos)

CEM e ANTONELLA: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Ela está pensando... Cê dormiu bem?

ANTONELLA: Não. Por causa da luz.

PROFESSORA FRANCINE: Ah, é verdade! E os óculos? Você precisa ir na farmácia Flora no Shopping Barra comprar óculos de dormir de camomila...

CEM: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Pra dormir.

Tendo terminado a Atividade 1, a professora explicou para cada par a Atividade 2, elucidando dúvidas de vocabulário e explicando a diferença entre as duas, que eram bastante semelhantes.

ANTONELLA: Cem, por que você não acredita em mim?

CEM: Eu acredito mais eu!

ANTONELLA: Professora!

PROFESSORA FRANCINE: Sim, senhorita!

ANTONELLA: Cem não acredita em mim!

DARICA: Uh! Cem!

PROFESSORA FRANCINE: O que foi...? Cem! Você está muito... inquieto e revoltado com as meninas

ISABEL: Ele é sempre assim.

PROFESSORA FRANCINE: Eu vou conversar com Jessica.

CEM: Porque eu sei trazer es... transportar o nosso lugar.

PROFESSORA FRANCINE: Transportar... Para outro lugar?

CEM: Para outro lugar.

PROFESSORA FRANCINE: Para “levar”, não é?

DARICA e ISABEL: (Caçoam de Cem)

ISABEL: É “levar” e “trazer” (fazendo gestos com os braços).

ANTONELLA: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Eu disse... Imagine... imagine que eu... estava... ok, vamos resolver isto. Imagine que eu estava na recepção com Jonas (o secretário acadêmico da escola). E o celular dele é quase igual ao meu. Os dois estavam juntos, então quando eu saí de lá, eu peguei e trouxe o celular dele. Quando eu cheguei aqui, que eu vi, aí eu disse assim: “Cem, você pode fazer um favor pra mim? “Leve”, o celular de Jonas... pra lá... e traga com você pra cá o meu. Então levar e trazer são dois movimentos opostos.

CEM: (oferece a mão a Antonella como que dando razão a ela)

PROFESSORA FRANCINE: É que agora ele se convenceu. É que tem que usar a voz macia com ele (jocosa).

TODAS: (sorrisos)

ISABEL: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Então... levar pra lá, trazer pra cá. São movimentos exatamente opostos. Terminamos as discussões?

ANTONELLA: Não.

PROFESSORA FRANCINE: Não?

ANTONELLA: (jocosa) Não, porque... estamos falando sobre trazer e levar

CEM: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Então, quantos minutos, dois?

ANTONELLA: (sorrindo) Dois minutos.

PROFESSORA FRANCINE: Dois minutos mais, o.k.

Os alunos continuam suas discussões aos pares.

CEM: Termin[a]mos...

PROFESSORA FRANCINE: Sim, muito bem! As meninas também terminaram?

DARICA: Sim.

CEM: Elas prec... “ti-ti-ti tcha-tcha-tcha”

PROFESSORA FRANCINE: Ah...

ISABEL: Mas, em português!

CEM: Mas em português!

PROFESSORA FRANCINE: (risos)

CEM: Tudo bem!

ISABEL: Tudo bem.

PROFESSORA FRANCINE: Quem quer falar primeiro?

ISABEL: (jocosa) Cem.

CEM: (jocoso) Isabel.

PROFESSORA FRANCINE: Então é Cem.

CEM: Então é Cem! Todo mundo “Cem”!

PROFESSORA FRANCINE: Claro! Nós aqui dizemos que os homens primeiro, né?

Estamos em número maior!

CEM: Muito gentia!

PROFESSORA FRANCINE: gen[tʃiw]!

CEM: gen[tʃiw].

PROFESSORA FRANCINE: (delicadamente) “gentil” não vai ter feminino não, né?

Sou gentil, você é gentil... eh... Cem, fale... em relação a essa primeira atividade, sobre

o que Antonella disse. E depois Antonella vai falar na atividade 2, sobre o que Cem

disse. E aqui também, tá? (dirigindo-se a Isabel e Darica) Então, na Atividade 1 Eh...

Darica vai falar sobre o que Isabel disse, e na Atividade 2, então...

ISABEL: troca.

PROFESSORA FRANCINE: Certo?

CEM: Que é “seja”?

PROFESSORA FRANCINE: O que é “seja”?

ANTONELLA: Verbo “ser”.

PROFESSORA FRANCINE: É o verbo ser, ãh? em qual tempo ali?

ANTONELLA: Presente do subjuntivo

PROFESSORA FRANCINE: Presente do subjuntivo que vocês sabiam um dia, e nós

vamos retomar.

CEM: (cochicha algo a Antonella)

DARICA: Que disse ele?

PROFESSORA FRANCINE: Vocês vão saber agora!

DARICA: Uuh!!

PROFESSORA FRANCINE: Sim!

CEM: Eh... eu vou ler esta palavras? (referindo-se às perguntas da atividade)

PROFESSORA FRANCINE: Elas já sabem. Elas já sabem. Você vai falar exatamente o que Antonella lhe falou.

CEM: Eh... Antonella me [fa'la], [falə] que...

PROFESSORA FRANCINE: Falou, porque... ela já falou, né?

CEM: Si, falou.

PROFESSORA FRANCINE: Concorda?

CEM: Si, eh... na última vez eh... um pessoa desconhecido.

PROFESSORA FRANCINE: “Uma pessoa desconhecida”. Porque pessoa é feminino, não importa se é homem ou mulher. Só se você falar “uma mulher desconhecida”, um homem desconhecido, mas uma pessoa, sempre desconhecida, por causa da palavra que é invariável no feminino. Vá.

CEM: uma pessoa desconhecida ajuda a Antonella para eh... levar...

PROFESSORA FRANCINE: Ajudou Antonella a levar...

CEM: a levar... eh... porque ela...

PROFESSORA FRANCINE: A levar o que?

ANTONELLA: Levar algo, alguma coisa, a um outro lugar.

CEM: Si, mas, eh... Ela... Quando ela... eh... dirige bicicleta...

PROFESSORA FRANCINE: quando ela estava andando de bicicleta...

CEM: Quando ela... andando de bicicleta, ...

PROFESSORA FRANCINE: estava...

CEM: ... “estava” andando de bicicleta, âhh, uh... âhh... ela (fala baixo com Antonella, pedindo que lhe ajude a lembrar a história) Si, eh... um homem com ['karu] (carro) eh.. abre la porta (coloca a mão nos olhos e inclina a cabeça para baixo e ri)

ANTONELLA: (corrige-o em tom de voz baixo) O homem estava no carro. Ele estava no carro.

PROFESSORA FRANCINE: (tentando ajudar) O homem que estava no carro... (para que o aluno continuasse)

CEM: O homem que estava no ['karu] abre la porta para que... eh... tomar Antonella no carro... (olha para a professora, pedindo ajuda para contar a história)

PROFESSORA FRANCINE: Para pegar Antonella

CEM: Para pegar Antonella no carro

PROFESSORA FRANCINE: Sim...

CEM: ... porque...

PROFESSORA FRANCINE: (olha para Antonella, que, sorrindo, sinaliza que algo está errado) Acho que não é. Tem uma informação errada.

ANTONELLA: Ele abriu a porta e eu caí da bicicleta. Eu estava...

CEM: Ah! agora en...

ANTONELLA: ...andando de bicicleta. Ele abriu...

PROFESSORA FRANCINE: Então ela estava andando de bicicleta... quando um homem... abriu a porta do carro...

CEM: Sim.

PROFESSORA FRANCINE: E?

CEM: E Antonella... (fez gesto com as mãos indicando que ela caíra). Sim?

PROFESSORA FRANCINE: Caiu.

CEM: Caiu. Caiu. Eh... Eh... Depois eh... homem

PROFESSORA: O homem.

CEM: Esta homem.

PROFESSORA FRANCINE: Este homem.

CEM: Eh... pro... eh... (fala em tom de voz baixo com Antonella, tentando recapitular a história)

ANTONELLA: ... me ajudou?

CEM: si. Ajude...

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente. Exatamente. (Mostra a transcrição fonética da palavra “ajudar”, no quadro).

CEM: Si, ajudou. Eh... a Antonella... Eh...Eh... Ela pergunta... para levar hospital

PROFESSORA FRANCINE: Ela... Ela...

CEM: ... ajud... ajudou... ah... ela... pidi

ANTONELLA: Não “ela”...

CEM: “Ele” pediu.

PROFESSORA FRANCINE: Ah... ele pediu permissão...ou ele ofereceu...

ISABEL: ofereceu...

CEM: Si, ofereceu!

PROFESSORA FRANCINE: Então vamos colocar essa parte aqui (dirigindo-se ao quadro branco para escrever) ... Pedir ajuda... e oferecer ajuda.

CEM e ANTONELLA: (fazem sinal de “legal” com o polegar).

PROFESSORA FRANCINE: Muito bem, agora, tá. Continue.

CEM: Ofereceu ajuda...

PROFESSORA FRANCINE: Sim...

CEM: Eh...mais... eh... Antonella diz... eh... no é necessário

PROFESSORA FRANCINE: “Disse” que...

CEM: Disse que no é necessário...

PROFESSORA FRANCINE: ...não era necessário...

CEM: eh... depois esta coisa...(olha para suas anotações) aconteceu... eh... amanhã de este dia...

ISABEL: O dia depois.

CEM: O dia depois.

PROFESSORA FRANCINE: (resolve não interferir na forma não-alvo) Uh-hum...

ANTONELLA: (diz algo para completar a história) ... me levou ao trabalho... naquele dia... Ajudou a levar-me ao trabalho.

PROFESSORA FRANCINE: O.k. Então ele ajudou de qualquer maneira.

CEM: E depois ele liga para perguntar.

PROFESSORA FRANCINE: “Ligou”.

CEM: Ele ligou para perguntar... [ˈsaɥdʒi] (saúde) dela.

PROFESSORA FRANCINE: Perguntar “sobre”... a saúde.

CEM: Sí. Da [ˈsaɥde] dela.

PROFESSORA FRANCINE: No dia seguinte ele ligou para perguntar sobre a saúde dela.

CEM: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: O.k...

CEM: Eh... Ela... sentiu melhor. Ela sentiu [ˈmɛɫɔr] (melhor).

PROFESSORA FRANCINE: Ela se sentiu...

CEM: Ela se sentiu melhor.

PROFESSORA FRANCINE: Melhor. Sim, verdade. As coisas acontecem. Não é? Mas, a forma, a maneira, como é resolvida, ou como se reage, faz toda a diferença.

CEM: Porque quando Antonella... eh... tive? (dirige-se a Antonella)

ANTONELLA: Tinha.

CEM: Tinha dez anos.

PROFESSORA FRANCINE: Dez?

CEM: (pensativo)...

PROFESSORA FRANCINE: Quinze...

CEM: (olha para Antonella)

ANTONELLA: Quinze.

CEM: No... o acidente

ANTONELLA: Si, si, si. Quinze anos

CEM: “Quinze” anos. Dez meses (risos)!

PROFESSORA FRANCINE: Quando Antonella tinha quinze anos...

CEM: Quinze anos, eh... ela... tive um grande [a]cidente de bicicleta.

PROFESSORA FRANCINE: Teve.

CEM: Teve. Teve um grande acidente de bicicleta.

PROFESSORA FRANCINE: Que foi este.

ANTONELLA: Não, foi o outro.

CEM: No... No montanhas.

PROFESSORA FRANCINE: Nas montanhas...

CEM: Nas montanhas.

ANTONELLA: Eu caí de uma montanha... com bicicleta.

PROFESSORA FRANCINE: De bicicleta.

ANTONELLA: Me levaram (inaudível) com avião.

PROFESSORA FRANCINE: De avião.

ANTONELLA: De avião.

PROFESSORA FRANCINE: Ela caiu de bicicleta e com a bicicleta!

ISABEL: Você caiu “com” a bicicleta!

ANTONELLA: Si. Uh-Hum...

PROFESSORA FRANCINE: E levaram você de avião...

ANTONELLA: Si, porque eu estava so... em uma ilha e lá não tem hospital. Então... tiveram que levar-me à cidade mais perto...

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum... E... quantos anos você tinha?

ANTONELLA: Quinze.

PROFESSORA FRANCINE: Quinze.

ISABEL: Mas você [naʊ] (não) teve nada.

ANTONELLA: Nada. Não tenho nada.

PROFESSORA FRANCINE: É verdade... mas foi difícil.

ANTONELLA: Si.

PROFESSORA FRANCINE: Você ficou alguns dias no hospital?

ANTONELLA: Não, (inaudível) não. Porque não era nada. Mas perdi muito sangue... e... o machucada...

ISABEL: Desfigurada.

PROFESSORA FRANCINE: Aparência desfigurada.

ANTONELLA: O rosto era... inchado...

PROFESSORA FRANCINE: O rosto estava inchado.

ANTONELLA: ...estava inchado.

PROFESSORA FRANCINE: Foi temporário. O rosto estava inchado. O.k. Bicicleta duas vezes, né? ... E agora? Eh...Valentina com Cem... Vamos ouvir essa parte agora de Cem.

ANTONELLA: A última vez que Cem ajudou alguém foi a semana passada quando fomos à Chapada Diamantina e ele ajudou... Mitsuki a levar a mala para... a rodoviária. E é uma mala muito pesada.

PROFESSORA FRANCINE: E Mitsuki levou uma mala tão grande para um fim de semana...

ANTONELLA: Porque ela não... tinha o... a mochila, ent[au]... tive que levar a mala.

PROFESSORA FRANCINE: Teve.

ANTONELLA: Teve (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Teve que levar a mala (rindo). Oh!... Mitsuki! Ela ficou muito agradecida?

ANTONELLA: (sorrindo) Sí. Muito.

PROFESSORA FRANCINE: Mitsuki é sempre muito agradecida. Isso é verdade.

CEM: (jocosos) Sí, depois escrevi um notícia...

ISABEL E DARICA: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Ela escreveu... uma nota?

CEM: ...uma nota... para mim. Eh... para... ah... *thank you*

PROFESSORA FRANCINE: “Obrigado”!

CEM: (balança a cabeça afirmativamente) Obrigad...

PROFESSORA FRANCINE: “Obrigada” no caso dela.

ISABEL: Mas...

DARICA: Agradecer...

ISABEL: Para...

PROFESSORA FRANCINE: Para agradecer.

ISABEL: Para agradecer.

CEM: Para agradecer.

PROFESSORA FRANCINE: Para agradecer. Mais alguma coisa de vocês?

ANTONELLA: (balança a cabeça negativamente).

PROFESSORA FRANCINE: Muito bem, muito obrigada! Vamos agora ouvir as meninas!

DARICA: O.k. ahm... A última vez que... (risos)

PROFESSORA FRANCINE: ai ai ai... ói!

DARICA: ... não sei por que (estou rindo)... es engraçado.

PROFESSORA FRANCINE: Mas é porque a “aula” é toda engraçada!

DARICA: Sim claro! Então... a última vez que alguém ajudou a... Isabel... (fala baixo para só Isabel ouvir: “Ah, essa parte...”) ehm... foi... faz um mês, atrás, e ela estava com muitas sauda[ɖʒ]es (saudades) [ɖʒ]a³ su.. suya família...

PROFESSORA FRANCINE: “Sua”.

DARICA: sua família...

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum...

DARICA:... porque, bom... a sua m[aɹ]... seu pai... porque tinha muito tempo sem vê-los.

PROFESSORA FRANCINE: Uhm-hum...

DARICA: E ent[au]... ela se senti... (risos)... sentiu muito triste e tudo...

PROFESSORA FRANCINE: Se sentiu...

DARICA: “Ela” se... se sentiu... ehm... triste, estava muito chor[a]ndo... e depois seu namorado novo... (sorrindo ironicamente, assim como Isabel)... eh...

ISABEL: Namorado!

CEM: Namorado novo?

ISABEL: Namorado... Ah, namorado novo! Si.

CEM: Namorado novo.

ISABEL: (faz gesto negativo com o dedo) Não era novo.

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Não era novo.

DARICA: Não era novo.

DARICA: Namorado se foi para ela su casa... “sua” casa para falar *con* ela e... fazer carinho e... (Isabel sorri irônica) e...

PROFESSORA FRANCINE: Consolá-la

³ Darica revela aqui a aquisição da africada alveopalatal embora a use também em ambiente em que ela não ocorreria. É a manifestação de uma forma não-alvo que revela a aquisição da alvo.

DARICA: Isso! Consolá-la... e... depois ela se sentiu melhor!

PROFESSORA FRANCINE: Então ele foi até a casa dela...

ISABEL: Sí...

PROFESSORA FRANCINE: para ajudar, né? Pra consolar... Ela se sentiu muuuito melhor! (risos)

DARICA: Si... ele estava assim “ Ah... eu não vou saber aonde vais em três meses...”

PROFESSORA FRANCINE: (risos);

ISABEL: Só três meses (risos).

PROFESSORA FRANCINE: Só três meses.

DARICA: Somente três meses.

PROFESSORA FRANCINE: Ah, Isabel, isso me lembra meu filho, eu só vou vê-lo em... sete meses.

DARICA: Então eu tenho quase três meses sem ver a minha família. Ou... gente que conheço.

PROFESSORA FRANCINE: Uau! Então você está viajando há... quanto tempo?

DARICA: *Esto va* ser meu sexto... mês.

PROFESSORA FRANCINE: Estou fazendo...?

DARICA: Estou fazendo meu sexto mês.

PROFESSORA FRANCINE: Por que que... e depois você vai voltar?

DARICA: Não.

ISABEL: Não.

PROFESSORA FRANCINE: Não? (risos)

DARICA: E depois a *Navid*... a Natal vou pra Buenos Aires... E lá vou ver a minha família. Primas e... tias e tias

PROFESSORA FRANCINE: E Celina também?

DARICA: E.. Pode ser, sí. Ehm... minha amiga lá que vem da Inglaterra, então vou ver gente que conheço também...

PROFESSORA FRANCINE: Ah!

DARICA: ...e depois vou voltar aqui a Salvador para... *Ojalá...*

PROFESSORA FRANCINE: Oxalá...

DARICA: Oxalá fazer... voluntário... Voluntariado.

PROFESSORA FRANCINE: Fazer trabalho voluntário.

DARICA: Fazer trabalho voluntário...

PROFESSORA FRANCINE: Hum-hum...

DARICA: ...e depois, antes de fevereiro vem uma amiga... (inaudíveis algumas palavras)... de crianças e ela deve vir aqui também pra via[ʃ]ar por 4 meses depois...

PROFESSORA FRANCINE: “Comigo”?

DARICA: Sí, comigo.

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum.

DARICA: E depois, acho que meu irm[ã] vai vir também no final...

PROFESSORA FRANCINE: Bravo!

DARICA: Então...

PROFESSORA FRANCINE: Um grande encontro!

DARICA: Si... Mas acho que vou via[ʃ]ar até 8 [3]ulho d’ano próximo.

PROFESSORA FRANCINE: Até julho...

DARICA: Até julho....

PROFESSORA FRANCINE: ... do próximo ano.

DARICA: ...do próximo ano.

PROFESSORA FRANCINE: eh... Darica, veja aqui, uma coisa (escreve “com ela” no quadro e sua transcrição fonética logo abaixo,): O namorado de Isabel ficou...

DARICA: Ficou com... ela... (provavelmente leu a transcrição, pois não emitiu som de consoante nasal, tendo pronunciado assim: [kõ / 'elə]).

PROFESSORA FRANCINE: É. Então é como?... a gente faz assim: “Com”

DARICA: [kõũ]

PROFESSORA FRANCINE: “Ela”.

DARICA: E o que eu disse?

PROFESSORA FRANCINE: [kõ'nɛlə]

DARICA: [ko'nɛlə] (sorri)

PROFESSORA FRANCINE: É, você disse mais ou menos isso aqui, né? (aponta para a transcrição fonética) [kõ'nɛlə]. Acho que o <n> do espanhol, ficou [kõ'nɛlə], quase “canela” que a gente fala disso aqui, canela (toca a própria canela para ilustrar). Então... a gente não vai fechar... os lábios pra pronunciar o <m> final. Não.

CEM: [kõ 'elə]

PROFESSORA FRANCINE: Porque se a gente fechar, a gente tem a possibilidade de falar [kõ 'elə], alguns, e quem fala espanhol pode falar [kõ'nɛlə]. Então é assim (dirige a atenção dos alunos para a transcrição fonética, passando o marcador pela extensão da transcrição).

CEM: Que é [ko'nɛlə], espanhol?

PROFESSORA FRANCINE: *Con ella*, né assim? Seria “com ela” só que quando forma no português dá esse resultado.

ISABEL: Ah! *Con ella!*

PROFESSORA FRANCINE: Não é?

ISABEL: A palavra [ko'nɛlə] não existe.

PROFESSORA FRANCINE: Não existe, mas se você pegar a influência do espanhol, do *con* e é como se fosse um <n>.

DARICA: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: Se você ligar no “ela”, é como se fosse essa influência trazida para o português. Ou seja, *with her*, com ela, mas no caso, a gente precisa imaginar essa produção da fala dessa forma assim (apontando para a transcrição fonética da junção de palavras). Então você percebe que esse <m> existe pra “nasalizar” esse <o>. E dê [kõ]. E você não vai... (mostra os lábios fechados e contraídos para a turma) fechar os lábios. Se você fechar, automaticamente, quando você encontrar uma vogal aqui, você vai formar outra palavra. Aí, temos aquela situação que eu falei. Você está falando com fluência, bastante fluência, e você imagina “Por que o brasileiro de vez em quando não me entende, e eu tenho que repetir?” É porque o ouvido brasileiro está acostumado a ouvir “[kõ 'elə]”, e se em dois, três minutos você faz... tem algumas incidências desse tipo de situação, não somente com esse, mas outros, aí, obscurece a fala. Nós precisamos tornar mais clara. Então é mais ou menos isso, “[kõ 'elə]”, ele ficou com... com ela.

DARICA: [kõ / 'elə].

PROFESSORA FRANCINE: Isso! Tudo bem? (aponta para Isabel, para que esta comece a falar)

ISABEL: Eh... na última vez ehm... em que uma pessoa... ajudou Darica... foi... no Paraguai... e... faz... uhm... um mês, um mês e meio...

PROFESSORA FRANCINE: Também!

DARICA: Sí.

ISABEL: Um pouco mais... que um mês e meio

PROFESSORA FRANCINE: Dois meses. O.k.

DARICA: Um mês e meio.

ISABEL: Um mês e meio, dois meses. Hum... Ela estava fa[s]endo um trabalho com uma fundaç[au] de mulheres ehm... pra ajudar-las em... seu... suas finan... suas fin[an]ças.

PROFESSORA FRANCINE: Ajudá-las em suas finanças.

ISABEL: ihm... havia uma menina

DARICA: Não, uma menina não, uma colega.

ISABEL: ...uma mulher, uma colega... dela... que era muito... muito gross... grosseira.

PROFESSORA FRANCINE: Grosseira, não er...

ISABEL: Grosseira.

PROFESSORA FRANCINE: Não era gentil, era grosseira.

ISABEL: Muito *invidiosa*.

PROFESSORA FRANCINE: Invejosa?

ISABEL: Invejosa.

PROFESSORA FRANCINE: Sim, que terrível! Grosseira e invej...

ISABEL: porque Darica disse que era muito linda.

PROFESSORA FRANCINE: Ainda é. (risos)

ISABEL: Darica é muito linda. (risos)

ANTONELLA: (jocosa) Ah, ela falou isso?

ISABEL: (jocosa, balança a cabeça afirmativamente, enquanto Darica balança a cabeça negativamente) Que ela era muito linda, e todos os homens queriam ir com ela ([ko¹nelə])...

DARICA: (rindo, com expressão de “O que é que ela está dizendo?”)

PROFESSORA FRANCINE: Queriam ficar...

ISABEL: ...ficar com ela [ko¹m elə].

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Isso! Temos que falar a verdade! Mesmo que essa verdade...

DARICA: (rindo) ... mentirosa!

ISABEL E DARICA: (risos)

CEM: (jocosos) Por favor! Pára com isso.

PROFESSORA FRANCINE: (jocosa) Olha, Darica disse que Isabel é mentirosa...!

TODOS: (risos)

ANTONELLA: (jocosa e irônica) “Eu sou muito linda e todos os homens querem ficar comigo!”

CEM: uuhh!

ISABEL: Eu sou Darica Hunt!

CEM: Darica Hut?

ISABEL: (balança a cabeça afirmativamente)

PROFESSORA FRANCINE: Estamos conhecendo agora mais uma faceta de Darica.

CEM: Uma empresa para comer!

ISABEL: (ri incrédula)

CEM: Darica Hut.

DARICA: (ri, ao entender a piada)

ISABEL: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: (defende-o) Sim, Darica Hut. Ele mudou Hunt pra Hut. Pizza Hut.

ISABEL: (faz gesto afirmativo para Cem, sinal de legal com o polegar)

PROFESSORA FRANCINE: Sim, ele já criou uma logomarca.

ISABEL: Ihm... nos últimos dias, ela tinha que ir pra onde as mulheres ficavam... as mulheres que ela ajudava, mas ela n[au] fala guarani, ihm... a colega *invidiosa* ... en... en...

PROFESSORA FRANCINE: I... Inveja... Invejosa.

ISABEL: Invejosa. E... ehm... estava falando, que elas não estavam muito perto das mulheres, porque elas não... “ela e sua amiga” não falavam guarani.

PROFESSORA FRANCINE: A amiga invejosa também não falava...

ISABEL: nã-não, a amiga era “do peito”. Mas... a colega, ...

PROFESSORA FRANCINE: uh-hum...

ISABEL: ...era invejosa.

PROFESSORA FRANCINE: O.k., o.k.,entendi.

ISABEL: E queriam que elas se... se sentiram...

PROFESSORA FRANCINE: ...se sentissem...

ISABEL: ...se sentissem mal.

PROFESSORA FRANCINE: O.k.

ISABEL: E ela falava que elas não estavam perto... que as outras pessoas que já haviam... feito... que já tinham feito... este estágio eram mais... estavam mais perto das mulheres. E Darica, muito sensível, muito tímida (disse ironicamente, sorrindo para Dárica, que riu)

CEM: Darica Hut.

ISABEL: [e]la sentiu... muito mal, ...

PROFESSORA FRANCINE: Ela “se” sentiu...

ISABEL: Chorava muito, muito, muito, muito, muito...

DARICA: Ok, não “muito”!

ISABEL: Chorava muito, muito, muito, e sua amiga... ehm... estava emocionada por ela, falou que isso era...

PROFESSORA FRANCINE: Inveja.

ISABEL: ...que era inveja, e era mentira.

PROFESSORA FRANCINE: E era mentira.

ISABEL: Que era mentira, porque era uma pessoa muito agradável...

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum...

ISABEL: ...estava perto das mulheres, falava com elas, a[s] ajudava, e ela se sentiu muito bem, porque dentro dela, ela sabia que isso era verdade. Darica Hut.

PROFESSORA FRANCINE: Então é uma situação muito difícil, não é? Quando estamos assim... e alguém que nos dê força, nos ajude, faz toda a diferença. Uau! Difícil mesmo. Então nós vamos... alguma pergunta? Darica Hut para Isabel?

CEM: Sí! Nome de homem.

PROFESSORA FRANCINE: O nome “dos homens” ou “do homem?”

DARICA: Isso tem que perguntar Isabel, porque...

ISABEL: (interrompe Darica, jocosa) Era muitos! Não me lembro! Mas... John, Pablo.

CEM: Como música de Lady Gaga! Mulher Gaga? Sí?

ISABEL e DARICA: (risos)

CEM: Que é nome de Lady Gaga?

TODOS: (risos).

CEM: *Sí?*

PROFESSORA FRANCINE: Gostei! Vou chama-la agora de mulher gaga! Não, nesse caso, não. Na verdade... eh... o nome – entre aspas – né? o nome dela, não é? Próprio, próprio como artista, então a gente não traduz. Lady Gaga mesmo. Mas eu gostei!

CEM: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: Mulher Gaga. (imita uma pessoa “gaga”), isso é gago, né? Mulher gaga.

CEM: Como na música, “no Fernando, no Hernandez”, só... “Alejandro”

ISABEL: Só Alejandro, ela gostava só de Alejandro. E o problema era que a colega inve... invejosa gostava de Alejandro. Mas Alejandro gostava de Daria.

PROFESSORA FRANCINE: Ahhh! Este era o problema! Ciúme!

CEM: ohmmmm!

PROFESSORA FRANCINE: Vamos lá? (escreve no quadro) Aí ela era invejosa e ciumenta! *Jealous and envious together.*

ISABEL: Ciúme?

PROFESSORA FRANCINE: Ciúme. O ciúme... a inveja (escreve no quadro branco).

ISABEL: Mas ciúm... ela é ciumen...

PROFESSORA FRANCINE: Ciumenta... e invejosa. Como que a gente vai fazer aqui? (mostra a transcrição fonética da palavra “invejosa”, que tem uma africada alveopalatal)

TODOS: Invejosa.

PROFESSORA FRANCINE: In... né?

ISABEL: ve...

PROFESSORA FRANCINE: ...ve...

ISABEL: jo...

PROFESSORA FRANCINE: e aqui é aqui é [ʒ / ʒ]

ISABEL: ...jo... (desenha o som [ʒ] no ar)

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente! O mesmo som daqui, né? (aponta para a palavra “ajuda” no associograma). De [ʒ]. De [ʒ]. É [ʒɔ]... in-ve-jo... e aqui... vai ser

o... [z] (referindo-se à sílaba <-sa> da palavra “invejosa”). Invejosa. Onde está... onde está a parte forte aqui? A tônica?

DARICA: -ve.

PROFESSORA FRANCINE: Invéjosa?

DARICA: In-ve-jooo-sa.

PROFESSORA FRANCINE: Invejooosa. Ah, então tá aqui, né? Invejosa. Concorde, Cem? (mostrando a sílaba tônica na transcrição fonética da palavra)

CEM: Sim.

PROFESSORA FRANCINE: Sim, o que? Você não levantou a cabeça!

CEM: Está escreve...

PROFESSORA FRANCINE: Está escrito?

CEM: Está escrito... (mostra algo numa folha de papel para a professora).

PROFESSORA FRANCINE: (aproxima-se do aluno para ler o que o aluno pediu) Invenção, menino! Que invenção! Invejoso, por que tá no masculino!

CEM: No-no-no. Tá escreveu... [g], no?

PROFESSORA FRANCINE: [g]. Fez a tradução do português europeu, não foi? É de Po[r]tuga[ʃ] (jocosa).

ISABEL: Ah...

PROFESSORA FRANCINE: Português de Portugal (jocosa, imita o sotaque europeu)

DARICA: De Portugal... (em tom de desdém, irônica)

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Mas funciona. Funciona, mas eu sugiro que você faça a minha transcrição fonética...

CEM: Transcrição fonética diferente porque eh...

PROFESSORA FRANCINE: Portugal.

ANTONELLA: A pronúncia diferente...

CEM: Porque ele eh... ele quer falar em turco, sí?

PROFESSORA FRANCINE: (consultando o dicionário português-turco-português do aluno) É. Na verdade, eh... tá diferente...

CEM: Escriti em turco, diferente.

PROFESSORA FRANCINE: É. Nossa! Como é que eu aprendo turco, hein? Vou passar um ano na Turquia. Vamos, meninas? Vamos lá?

DARICA: Vamos! (faz festa)

PROFESSORA FRANCINE: Em Istambul dizem que é lindíssima, não?

ISABEL: Mas os homens... (jocosa, balança a cabeça negativamente)

PROFESSORA FRANCINE: Os homens não?

CEM: Não?

ISABEL: (jocosa, aponta para Cem, como quem diz “Olha o exemplo dele”)

DARICA: Nós vamos levar os homens. *Alejandro* (referindo-se à canção de Lady Gaga)...

ISABEL: Sí, vamos levar Alejandro.

PROFESSORA FRANCINE: Na verdade, Cem está fazendo uma piada comigo... piada... ele está mandando eu olhar a transcrição fonética turca...

CEM: Sí, transcrição fonética turca.

PROFESSORA FRANCINE: heh! (como quem diz “Engraçadinho!”) E eu estou analisando aqui!

CEM: Como se usa, como se usa...

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Você fez uma brincadeira comigo, não é?

ISABEL e DARICA: (conversam entusiasmadas e mencionam a Capadócia)

CEM: Ah, Capadócia!

ANTONELLA: Capadócia!

PROFESSORA FRANCINE: Capadócia?

CEM: Capadócia.

PROFESSORA FRANCINE: Capadócia. Da Bíblia, sim!

CEM: Capadócia... eh... significa... país de... caval... eh... cavalos.

PROFESSORA FRANCINE: Cavalos?

CEM: Sí, país de cavalos.

PROFESSORA FRANCINE: Eh... das narrativas bíblicas, das viagens de Paulo... as viagens de alguns apóstolos.... Então? Tudo bem aqui? Tudo tranquilo? Podemos concluir? (tentando chamar a atenção de Darica e Isabel, que conversam entusiasmadas) A nossa conversa? Vocês gostam de conversar, hein? Quando chegar na segunda parte...

CEM: Mulheres gostam! Homens, não.

DARICA: Men-ti-ra!

PROFESSORA FRANCINE: Nós temos... nós temos dúvidas sobre isso... os homens conversam quando estão juntos...

DARICA: Muuuito.

ISABEL: Os homens são mais... faz mais ti-ti-ti.

PROFESSORA FRANCINE: É, mais fofoca!

CEM: Os homens?

ISABEL: Sim!

DARICA: Os homens são mais...

PROFESSORA FRANCINE: ...fofoqueiros...

DARICA: do que eles pensam.

CEM: Ah.

PROFESSORA FRANCINE: Fofoca?

CEM: (jocosos) Esta é mentiroso grande!

DARICA: (jocosa) Você é um mentiroso grande!

ISABEL: Fofoca de homem é mais perigo[s]o que de uma mulher.

PROFESSORA FRANCINE: O homem fofoqueiro é mais perigoso do que uma mulher fofoqueira. Ih! Cem!

CEM: Eu não vai aceitar esta!

PROFESSORA FRANCINE: Eu não aceito...

CEM: ...aceito...

PROFESSORA FRANCINE: ...isto.

CEM: ...isto. Eu não aceito isto.

PROFESSORA FRANCINE: Bom. Vamos abrir a segunda discussão depois, né? (parece cansada) Porque precisamos concluir o nosso trabalho (jocosa). Mas Isabel estava começando a falar alguma coisa... respondendo... pode...

ISABEL: Ah... está bem.

PROFESSORA FRANCINE: Tudo bem? Ele tem que aceitar, ne?

ISABEL: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: Agora, vamos finalizar a sessão juntas. Um minutinho só. Aí a gente pausa aqui.

Os alunos fazem a terceira parte da atividade, que é uma discussão sobre o que faz cada um mais feliz: ajudar ou ser ajudado. Os alunos iniciam sua conversação e a professora deixa-os à vontade para interagirem sem sua interferência.

Minutos depois...

PROFESSORA FRANCINE: Terminamos?

ISABEL: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: A-ha!

CEM: Você... Isabel!

PROFESSORA FRANCINE: Então...

CEM: Você sabe novela de Spartacus?

ISABEL: Sí.

CEM: Muito boa.

ISABEL: Eu gosto.

CEM: Mais... eh... mais... ator... príncipe eh... é câncer.

ANTONELLA: Tem câncer.

CEM: Tem câncer. E... agora... em...

ISABEL: Você vai ser... o ator.

PROFESSORA FRANCINE: No lugar dele.

CEM: Sí. Eh... *Le* produtor

PROFESSORA FRANCINE: O produtor?

CEM: (risos) O produtor... quer para mim... liga para mim...

ISABEL: (gargalhada)

CEM: ...mas eu não aceitei.

ISABEL: Ahhhh!!!

PROFESSORA FRANCINE: Ele não aceita nada!

ISABEL: Jana! Jana não...aceita.

CEM: Janaína não *permis*.

PROFESSORA FRANCINE: Janaína não permite?

CEM: Janaína não permite para mim.

ISABEL: Ah.

PROFESSORA FRANCINE: Não permite que eu... tome o lugar... do ator.

CEM: Sí.

ANTONELLA: Ah, muito triste.

ISABEL: Se ele é ator...

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum...

ISABEL: ...ele vai ter mais mulheres.

PROFESSORA FRANCINE: É isso que eu ia falar, Janaína é muito sábia! Ela é muito inteligente. Vamos lá! Então, a que conclusão vocês chegaram? Aqui! Vocês.

CEM: Atividade 3?

PROFESSORA FRANCINE: Sim, senhor.

CEM: Eu acho que... eh... o que me faz mais feliz é... para um outra... (Antonella indica a frase que Cem deve ler) Ajudar nos torna mais feliz.

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Você tem uma ótima professora (referindo-se a Antonella)!

CEM: Sí. Ajuda-me.

ANTONELLA: Eu a[]udo Cem.

PROFESSORA FRANCINE: Sim, exatamente. E aí você se torna mais feliz e ele também! É uma felicidade recíproca. Lembra dos pronomes reflexivos e recíprocos? É o caso da vida, né? Então... para você, ajudar...

CEM: Sí, ajudar... o outro nos torna mais feliz. Sí?

PROFESSORA FRANCINE: Sim.

CEM: Porque... eh... nos sentimos... melhor quando nós ajudemos *altro*.

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum... Certo!

CEM: As outras! Os outras...

PROFESSORA FRANCINE: Os outros! A todos os outros!

(risos)

PROFESSORA FRANCINE: “Melhor” (ênfase no som [λ]).

CEM: [ˈmeyɔɾ]

PROFESSORA FRANCINE: [mɛ]...

CEM: ...[mɛ]

PROFESSORA FRANCINE: ...[λɔh]

CEM: [meˈλɔhr]

PROFESSORA FRANCINE: Isso!

CEM: [meˈλɔhr]

PROFESSORA FRANCINE: Melhor, muito bem! Nos sentimos “melhor” quando ajudamos os outros. É verdade! E você, Antonella?

ANTONELLA: Eu concordo com ele.

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum!

ANTONELLA: Porque a gente se sente mais [uˈtʃiw] quando ajudamos a outra pessoas.

PROFESSORA FRANCINE: A gente se sente... mais...

ANTONELLA: [ˈutʃiw]

PROFESSORA FRANCINE: [ˈutʃiw]. É verdade. [ˈutʃiw]. Aqui ó: mais útil.

CEM: Usando.

ISABEL: No.

CEM: Como...

PROFESSORA FRANCINE: Útil? A gente se sente... a gente se sente mais... útil. Nessa prática assim... de ajudar o outro. Sim? E aqui, meninas? (dirige-se a Isabel e Darica)

ISABEL: nós concordamos.

DARICA: Concordamos que... ehm... você tem sentimentos menos... eh... sem egoísmo.

PROFESSORA FRANCINE: Sentimentos menos egoístas.

DARICA: Sentimentos menos egoístas quando você está a[*j*]udando alguém, então isso lhe faz sentir melhor e também porque... ehm... você fazer feliz a [*ˈaʎgen*] que... muito contente que...

PROFESSORA FRANCINE: te “deixa” contente.

DARICA: ...porque é difícil que não sente assim de poder ajudar, e também, quando você pode ajudar alguém, alguém no futuro, não sei quando, pode ajudar também a você.

PROFESSORA FRANCINE: É verdade. É verdade. E aí Isabel estava falando... que este é o... retorno da própria vida. Não é? É como se fosse... uma matemática, uma conspiração, uma realidade da própria vida. Se você faz coisas boas ou ruins, é esse o investimento que você está fazendo. É esta a semente que você está plantando. E... vai colher frutos bons ou ruins. É isso que ela estava falando. Quer completar, Isabel?

ISABEL: Não... não tenho opinião.

PROFESSORA FRANCINE: Porta-voz. Entende? (para Antonella, risos). Então vamos aqui. Ajudar. Vamos pronunciar eh... devagar. [*a*]...

TODOS: [*a*]

PROFESSORA FRANCINE: [*ʒu*].

TODOS: [*ʒu*].

PROFESSORA FRANCINE: [*dah*]

TODOS: [*dah*].

PROFESSORA FRANCINE: Ajudar.

TODOS: Ajudar.

PROFESSORA FRANCINE: Lembraram de quando vocês eram pequenos? A pró?

Professora? A pró fazia assim?

TODOS: (balançam a cabeça afirmativamente)

PROFESSORA FRANCINE: Então vamos. Aqui: [ĩ]

TODOS: [ĩ]

PROFESSORA FRANCINE: [vɛ]

TODOS: [vɛ]

PROFESSORA FRANCINE: [ʒɔ]

TODOS: [ʒɔ]

PROFESSORA FRANCINE: [za]

TODOS: [za]

PROFESSORA FRANCINE: Invejosa.

TODOS: Invejosa.

PROFESSORA FRANCINE: E aqui?

CEM: Esta... (incompreensível) ficou totalmen...

PROFESSORA FRANCINE: Como? Como?

CEM: (rindo) Nós no somos crianças!

PROFESSORA FRANCINE: Não!

DARICA: Sí, você sim!

PROFESSORA FRANCINE: (risos)

ISABEL: Eu sou!

PROFESSORA FRANCINE: Eu disse, “Não!!!” somente agora. Sempre!

ISABEL: Você deve ter seu espírito de criança no coração.

PROFESSORA FRANCINE: Ele está aprendendo com vocês. A palavra é de Cem agora. A palavra de Cem, qual foi?

TODOS: Mon-ja.

PROFESSORA FRANCINE: Monja.

TODOS: Monja.

PROFESSORA FRANCINE: Isso! Agora uma palavra que todo mundo fala, que todo mundo usa, e se vocês esquecerem, do som, [ʒ], é como se você tivesse sempre uma... matriz, uma palavra que vai ajudar você a retomar esse som. Quando meus alunos têm dificuldade com som nasal, eu digo pra eles, lembrem da palavra “não”. Porque é uma palavra que sempre falamos desde o primeiro dia de aula. Não!

ISABEL: O.k.

PROFESSORA FRANCINE: “Não quero”. Não, mão, avião, não é?

DARICA: “Não sei”.

PROFESSORA FRANCINE: “Não sei!” Mas olha aqui essa palavra que a gente sempre usa, principalmente vocês que “viajam”... todo o tempo. Que palavra é esta (aponta para a palavra “viajar”, escrita no quadro branco)?

TODOS: Viajar.

PROFESSORA FRANCINE: Vamos devagar aqui.

PROFESSORA FRANCINE: [vi]

TODOS: [vi]

PROFESSORA FRANCINE: [a]

TODOS: [a]

PROFESSORA FRANCINE: [ʒah]

TODOS: [ʒah]

PROFESSORA FRANCINE: Viajar.

TODOS: Viajar.

PROFESSORA FRANCINE: Uhm! [ʒ:a] (Já) foi!

CEM: Já foi.

PROFESSORA FRANCINE: Vamos ouvir uma música...

CEM: Sí!!

PROFESSORA FRANCINE: ...que vai falar sobre o tema de discussão?

CEM: Eu gosta de música.

PROFESSORA FRANCINE: Siiim, as músicas são ótimas. Então, falando sobre o tema “ajudar”...

DARICA: (fala para Cem) Você vai dançar?

CEM: Sí!

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Ótimo!

DARICA: Ele dança muito bem!

PROFESSORA FRANCINE: É verdade?

DARICA: Sim!

PROFESSORA FRANCINE: Isto não sabia!

ISABEL: Sí, eu gosto...

CEM: Eu não sei também.

PROFESSORA FRANCINE: Eu não sabia também (repetição corretiva).

CEM: (risos) Eu não sabia também.

PROFESSORA FRANCINE: É uma dança sensual, é?

ISABEL: Muito!

PROFESSORA FRANCINE: Ai-ai-ai, então...

ISABEL: E no final ele faz (emite som de beijo ao ar, fazendo referência à canção “Kiss kiss” do turco Tarkan)

CEM: Nós podemos consultar dr^a Isabel.

PROFESSORA FRANCINE: Eu não sei se estou preparada para isto esta manhã, mas será... interessante!

CEM: TAngo com ela.

PROFESSORA FRANCINE: Flamenco com ela (aponta para Antonella).

CEM: Flamenco com ela (Antonella), tango com ela (Isabel)

ISABEL: No, salsa comigo.

PROFESSORA FRANCINE: Salsa? Flamenco e... como é o nome da sua dança?

CEM: Turco. Eh... *halay*

PROFESSORA FRANCINE: Temos... várias modalidades, né? No final, chamaremos alguém pro samba.

A professora pede que eu coloque a música para seus alunos, acessando o Youtube. Tratou-se de um videoclipe da música “Dias Melhores” do grupo Jota Quest.

PROFESSORA FRANCINE: Muito bom, pessoal. Gostei das discussões de vocês, as formas de... de... colocar, né? A... o tema proposto, foi muito bom. E a gente viu que “ajudar” é uma forma de tornar os dias melhores. Os nossos, e o do outro. Então depois da pausa vocês sabem que a gente tem gramática, né? Não chorem e não durmam!

DARICA: O que significa “Chora me liga” (canção sertaneja da dupla de João Bosco e Vinícius)?

PROFESSORA FRANCINE: Não é “Chora menina” (cantarola)?

DARICA: Deixa eu ver, eu tenho guardado no meu ipod como “Chora me liga” (encontra e mostra à professora)

PROFESSORA FRANCINE: Ah! gente! Eu achava que era “Chora menina”.

PAUSA

A professora escreve no quadro: “Todas as pessoas precisam de amor”.

PROFESSORA FRANCINE: Não, não vamos falar sobre este tema. Não vamos falar sobre este tema...

CEM: Certo.

PROFESSORA FRANCINE: Certo? Concorda? Mas não é exatamente sobre isso que quero falar. Eh... O que quero com essa frase, inicialmente, é chamar a atenção de vocês pra um ponto, e depois eu vou distribuir os nossos pontos discursivos e ensaiar, assim, uma discussão rápida. Não é? Pra depois a gente se juntar. Como é que eu digo isso (aponta para a frase escrita no quadro)?

ISABEL: [ˈtodəz əs peˈsoəs / preˈsisam de aˈmor]

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente. “Todas as pessoas precisam de amor”. Se eu fizer aqui (começa a transcrever foneticamente “todas as pessoas”, indo até [ˈtodə])... E agora? Que que eu boto aqui? É uma... nessa transcrição?

ISABEL: Éss

PROFESSORA FRANCINE: Repita, Isabel.

ANTONELLA: (fazendo um sinal de “s” desenhado no ar)

ISABEL: [ˈtodəs:]

DARICA: Un’Éss... [todaˈzazəs]?

PROFESSORA FRANCINE: (apontando para a transcrição, dirigindo a atenção da aluna para esta, enfatizando o som [z]) [ˈtodaˈzas].

DARICA: (faz expressão facial de surpresa) [ˈtodaˈzas]?

ANTONELLA: (vocaliza [ˈtodaˈzas], treinando)

PROFESSORA FRANCINE: Isso é <s>, isso é <s>... aqui, ó? Aparentemente igual, mas quando falamos... isso é pra a gente prestar atenção, inclusive, com esse... (transcreve “[kõ'elɪ]” no quadro) ... “Com ele”... “Com ela”... se você não prestar atenção, então [kon'elɪ], [kon'elə], aqui também... “Todas as pessoas...” É assim que a gente fala. Ah, Francine, e se eu falar [ˈtodas / as / pe'soəs]? Pode! Pode falar! Mas... Na rua, você não vai pausar tanto. E... Vai ficar artificial, você “[ˈtodas / as / pe'soəs]” (jocosa, tomando ar para falar cada palavra) Funciona, né? Inclusive se você falar: “Todos”. “Todas”, só isso. É esse som. “Todos”. “Todas”. Mas se você falar “Todas as pessoas”, você vai ter esse som [z:]. Concordam?

ANTONELLA: Sí.

TODOS: (balançam a cabeça afirmativamente).

PROFESSORA FRANCINE: É o mesmo som dessa palavrinha aqui, ó: (escreve “uso” no quadro)

DARICA: [ˈuso]. No, [uˈzo].

ANTONELLA: [ˈuzo].

PROFESSORA FRANCINE: Porque um <s> entre vogais tem som de <z>. Um <s>. Aqui (referindo-se aos limites das palavras “todas as”), automaticamente, este <s> (da palavra “todas”) ficou entre vogais na sua produção de fala. Tá? Então fica [z:], que eu digo que é “da abelha”. Abelha (checando se os alunos conhecem a palavra)? Bee?

ANTONELLA: (imita o vôo das abelhas com as mãos)

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente. Esse [z:].

CEM: [ˈuzo] é uma bebida *grega*.

PROFESSORA FRANCINE: É mesmo? Olha o perigo! Poderia ser uma coisa negativa também, né (rindo)? É... Ainda bem que é uma bebida grega, né? [ˈuzu].

CEM: Mas muito bom, com bebida turco, *rakl* (bebida turca).

PROFESSORA FRANCINE: Juntando as duas bebidas?

CEM: Sí. Parec...

PROFESSORA FRANCINE: Parecido.

CEM: Sí, parecido a *rakl*.

PROFESSORA FRANCINE: E a pronúncia, como é? [ˈuzʊ]?

ANTONELLA: [ˈuzʊ].

CEM: [ˈuzo].

PROFESSORA FRANCINE: Bom! Bom, estamos encontrando similaridades, né, dos sons. Então quando eu faço isso, pessoal, eu tenho, por causa da dinâmica da fala, eu tenho o mesmo resultado disso aqui. Vocês estão... entendendo? Aqui já é diferente, porque eu tô no final... não-não tem outra vogal aqui (referindo-se aos limites das palavras “as pessoas”). Então eu fico nesse... <s>. Ok? Então, eu gostaria que enquanto vocês discutem sobre isso, vocês observassem casos que vão ocorrer aqui. Que vão acontecer aqui. Tá bom? “Ah, você quer que eu seja um excelente falante da língua portuguesa”? Sim! Se possível... Só que quanto mais a gente fizer isso, melhor. Porque qual o objetivo de vocês? Falar de maneira clara. Né? Então tá. Bem rapidinho... depois a gente vai falar pro grande grupo (distribuindo as séries de perguntas para os alunos – Ver APÊNDICE H).

PROFESSORA FRANCINE: Certo. Cada um vai fazer perguntas diferentes. O que você tem aqui, é diferente daqui (apontando cada papel). Então, podemos começar, nós vamos ter... ah... 8 minutos nessa parte.

(...)

CEM: como tratam as pessoas velhas?

DARICA: Ido[z]os?

(...)

DARICA: Não sei como di[z]er, mas... são ca[s]as para pessoa[z] velhas... então, muita[z] vezes (...) muitas casa[z] de (...)

CEM: Como vêm os americanos?

DARICA: Eh... Não sei... não têm uma vi[s]ão boa do[z] americanos, ah... da política

CEM: ... ['uzo] de dr[a]gas, drogas?

DARICA: Tem muito u[z]o de drogas.

(...)

DARICA: Na Turquia tem muitas festa[s] de rua?

CEM: Tem o quê?

DARICA: Festa[z] de rua?

CEM: No, No tem. Só em feriados. Só em feriados.

DARICA: Quais são os feriados... maiores, principais?

CEM: Feriados nacionais. Porque feriados regionais são muito religi[o]sos. Eh... São... (inaudível)... para muçulmanos...

(...)

DARICA: Como é a inclu[s]ão de portadore[s] de...

CEM: Portadores?

DARICA: de portadore[z] de necessidades especiais na[s] escolas. Surdos, cegos, cadeirantes. Como tratam as pessoas que têm *desabilidades* nas escolas?

CEM: uhm...

DARICA: Tem como programas de inclu[s]ão...?

CEM: ...

DARICA: E então, como é?

CEM: (parece desestimulado para continuar a atividade) Não sei.

DARICA: E como é o turi[z]mo na Turquia?

CEM: Eh... Uhm... Muito bom (risos)!

DARICA: (risos)

ANTONELLA: Como tratam o[z] ido[z]os?

ISABEL: uhm... Eu acho que... um pouco mal. Não... As pessoas não tratam mal... mas o governo não dá uma... atenção especial pra eles. E não têm... serviço[z] especiais, não têm... (inaudível)

ANTONELLA: Como vêem o[z] americanos?

ISABEL: Agora... a gente não gosta muito. Porque... para nós, (inaudível)... dos paí[z]es...

ANTONELLA: Como é o u[z]o de droga[s]... na Colômbia?

ISABEL: Na Colômbia a gente não u[z]a muita[s] drogas... ma[is] agora aumentado... crescido... o consumo... *marijuana*... (inaudível)

(...)

PROFESSORA FRANCINE: Terminamos? Então vamos socializar a conversa.

CEM: Sí?

PROFESSORA FRANCINE: Vocês estão em um ponto de crescimento da fala, temos que ter um vocabulário mais amplo, mais e mais, né?

CEM: Certo!

PROFESSORA FRANCINE: Vamos tentar... compartilhar o que vocês falaram. Mas nós temos apenas quatro minutos, dois aqui e dois aqui. Quem começa?

CEM: Sí. Eu perguntei como tratam os ideo[s]os.

PROFESSORA FRANCINE: Como... tratam os...?

CEM: Como as italianas tratam os ideo[s]os.

DARICA: Ido[z]os (com ênfase no primeiro <o>, mas pronunciando a fricativa alveolar vozeada). Ido[z]os.

CEM: Ido[s]os.

PROFESSORA FRANCINE: Vamos ver (ia interferir, mas deixou que a aluna o fizesse)?

DARICA: I... Ido[z]os (agora com ênfase em [z])

CEM: Ido[z]os.

PROFESSORA FRANCINE: Isso! Aqui a gente tem o quê?

DARICA: Ideo[z]os (influência da fala de Cem)

ISABEL: Ido[z]os.

CEM: Ido[z]os.

Enquanto os alunos repetem, a professora escreve a transcrição da junção das palavras “os idosos” [uzi¹dɔzɔs] no quadro, mas somente Cem a vocaliza completamente. As outras alunas vocalizaram somente a palavra “idosos”.

ANTONELLA: Ido[z]os.

CEM: O[z] Ido[z]os.

PROFESSORA FRANCINE: E aqui? [z]

DARICA: Ido[z]os.

PROFESSORA FRANCINE: Idosos? Ok! Onde é que tá a tônica aqui?

CEM: Os, idosos.

PROFESSORA FRANCINE: [uzi¹dɔzɔs] (ênfase na sílaba tônica).

DARICA: [uzi¹dɔzɔs]

PROFESSORA FRANCINE: Eu posso falar [us / i¹dɔzɔs], claro!

DARICA: [uzi'dɔzʊs]

PROFESSORA FRANCINE: Mas não é sempre que eu vou falar assim, com esta ênfase, então, quando a gente fala “Como tratam [uzi'dɔzʊs]?”, a gente tem essa produção (apontando para a transcrição fonética).

ANTONELLA: [uzi'dɔsʊs]

DARICA: [uzi'dɔsʊs]

PROFESSORA FRANCINE: Como tratam [us / i'dɔzʊs], ok, mas a gente não vai falar assim, então “Como tratam [uzi'dɔzʊs]?” que é a liga com a fluência. Isso, Cem? Como tratam [uzi'dɔzʊs]? E como é que ela respondeu?

CEM: Eh... Eles tratam... uhm... bom (risos).

PROFESSORA FRANCINE: Eles tratam [uzi'dɔzʊs]...

ANTONELLA: bem.

PROFESSORA FRANCINE: Bem.

CEM: Bem. Eh... in Itália?

PROFESSORA FRANCINE: Na.

CEM: Na Itália eh... uh... eles têm casas para idosos.

PROFESSORA FRANCINE: Para velhos...

CEM: Para velhos

PROFESSORA FRANCINE: Ou para idosos.

CEM: Para idosos.

DARICA: O que é idosos então?

PROFESSORA FRANCINE: Velhos.

DARICA: Ah, ok.

PROFESSORA FRANCINE: Sim, chama-se o quê? Abrigo de idosos?

DARICA: Sim.

CEM: Sí.

DARICA: Uh-hum.

PROFESSORA FRANCINE: (dirigindo-se a Darica) Foi isso o que você falou?

DARICA: (jocosa) Sim! Um pouco mais, mas...

PROFESSORA FRANCINE: Sim, mas o tempo está reduzido. E você perguntou o que pra Cem?

DARICA: Eu perguntei se na Turquia tinha muitas festa[s] de rua... mas ele disse que não porque... tem, mas somente... as festa[z] nacionais.

PROFESSORA FRANCINE: Festas nacionais.

DARICA: Nacionais... Eh... Mas não religiosas. Nas festas religio[z]as não tem festa[z] de rua porque são festa[z] mais mu[z]ulmaos,

PROFESSORA FRANCINE: Muçulmanas.

DARICA: Mu[z]ulmanas. E... os um[s]ulmanos não querem dançar na rua e...

CEM: Sí.

DARICA: Ma[z] as festa[z] nacionais, de, não sei... tem as festas na rua. Mas, somente isso.

PROFESSORA FRANCINE: Ok! Bom, então vocês chegaram a esse ponto. Festas[s], de rua, festa[z] de rua. Como falamos essa parte?

DARICA: festa[z] de rua.

CEM: festa[z] de rua.

PROFESSORA FRANCINE: Bo-om! Muito bem, temos mais de uma pronúncia para as “festas de rua”, né? Bom, e aqui (dirigindo-se a Isabel e Antonella).

ANTONTELLA: Eu perguntei a Isabel sobre a Colômbia... como... é o u[z]o de drogas na Colômbia e ela disse que a Colômbia *produce* muita droga.

PROFESSORA FRANCINE: Produ[s:]?

ANTONELLA: (ignora a correção) Ma... o u[z]o no é alto.

PROFESSORA FRANCINE: Ok...

ANTONELLA: Agora tem um crescimento do consumo de drogas, *sobretudo* de *marijuana*.

PROFESSORA FRANCINE: Maconha. No Brasil falamos “maconha”.

ANTONELLA: (escreve no caderno) Maconha. Mas também o consumo *no* é tão alto como a produção (sorri).

PROFESSORA FRANCINE: (risos)

ISABEL: (sorri)

PROFESSORA FRANCINE: (jocosa) É que eles exportam! É, senão o país ia implodir, né?

ISABEL: Nãaaoo...

PROFESSORA FRANCINE: Então, [‘uzʊ], [‘uzʊ] de drogas, né? E você perguntou o quê, Isabel?

ISABEL: Ehm... sobre... o turi[s]mo.

PROFESSORA FRANCINE: E você... perguntou o quê?

ISABEL: Como é.

PROFESSORA FRANCINE: Como é o turismo na Itália.

ISABEL: É... muito de[z]envolvido, ...

PROFESSORA FRANCINE: uhm, ...

ISABEL: Ehm... tem muitos turistas, cheio de turistas, e tem quatro cidades que são muito importantes, Roma, *Venezia*, *Florenzia*, *Milano*, ...

PROFESSORA FRANCINE: Uhm-hum...

ISABEL: ...ela é guia de turismo... ihm... e[m] Itália, ehm... você pode encontrar arte em *qualquer*... qualquer cidade, aldeia, po... eh...

PROFESSORA FRANCINE: Povoado?

ISABEL: Povoado, qualquer lugar você tem....

PROFESSORA FRANCINE:...turistas.

ISABEL: ...muitas co[z]as pra ver.

PROFESSORA FRANCINE: Uhm-hum... Que lindo! Acho que vou me candidatar quando for à Itália, a ter uma guia de turismo muito... especial!

ANTONELLA: (faz sinal de ok para a professora).

PROFESSORA FRANCINE: Vamos lá. Isabel falou “turismo”, “turista”. Você também fala assim, Antonella?

ANTONELLA: Turi[z]mo. Turi[s]ta.

PROFESSORA FRANCINE: Como você fala isso, Darica?

DARICA: Turi[z]mo. Turi[s]ta.

PROFESSORA FRANCINE: E você, Cem?

CEM: Turi[z]mo. Turi[s]ta.

PROFESSORA FRANCINE: Repita, por favor.

CEM: Turi[z]mo. Turi[s]ta.

PROFESSORA FRANCINE: Ok. Nós temos aqui... é... as meninas falando “-i[s]mo, -ista”. Ok... E Cem, tá mais baiano, né?

CEM: Mais baiano. Turi[z]mo.

PROFESSORA FRANCINE: E Turi[z]mo.

CEM: Turista.

PROFESSORA FRANCINE: E turista.

CEM: Turista.

DARICA: Turista.

PROFESSORA FRANCINE: Turismo e turista

CEM: (jocosos) Eu falo como africano (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Eu não sei nenhuma das línguas africanas (risos), mas, vamos tentar refazer aqui.

CEM: Uganda.

PROFESSORA FRANCINE: Como?

CEM: Uganda.

PROFESSORA FRANCINE: Uganda! É, não sei não, como Uganda fala não. Vamos ver aqui (escreve, de um lado do quadro, a palavra “turismo” e do outro, “turista”)? As meninas fizeram assim (escreve a transcrição fonética de “turismo” logo abaixo da palavra com a fricativa alveolar desvozeada: [tu¹ris^{mu}]), né?

CEM: Turi[z]mo.

PROFESSORA FRANCINE: Não, elas disseram [tu¹ris^{mu}]. Onde é que tá a tônica? [ˈris] E você, Cem?

CEM: Turi[z]mo.

DARICA: Turi[z]mo.

ANTONELLA: Turi[z]mo.

PROFESSORA FRANCINE: É mais ou menos assim. Olha. Vamos ver? Se eu estiver errada, me diga. Cê fez isso? Turi[z]mo. Ele fez um [z], aqui, onde as meninas fizeram um [s]. Turi[z]mo. Turi[s]mo. Turi[s]mo. Turi[z]mo. São Paulo faz aqui (aponta para a transcrição [tu¹ris^{mu}].) [tu¹ris^{mu}], as meninas paulistanas.

CEM: (apontando para as alunas) Paulistas! Baiano (apontando para si).

PROFESSORA FRANCINE: E aqui? As meninas fizeram como?

ANTONELLA: [tu¹ristə].

PROFESSORA FRANCINE: (transcrevendo foneticamente a palavra “turista”: [tu'ristə]) Isso... outra vez São Paulo, ãh? E Cem foi carioca (transcrevendo foneticamente a palavra “turista” com a fricativa alveopalatal desvozeada: [tu'riʃtə]).

CEM: [tu'riʃtə].

PROFESSORA FRANCINE: Ele fez isso, ó (transcreve [ʃ]). Lembra?

DARICA: Então, quando se pode saber se é [ʃ] ou [z]?

PROFESSORA FRANCINE: Cê tá falando daqui (aponta para [tu'rizmu] e [tu'riʃtə])? Porque aqui (aponta para [tu'rismu] e [tu'rizmu]) tem essa diferença, né (apontando especificamente para [s] e [z] de cada transcrição, respectivamente).

DARICA: Sí, mas, ehm... e por que tem <t> e <m>?

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente. É a colocação, é a posição, desse <s>, nesse caso, em relação a, neste caso, à consoante que vem depois. Não é? Aqui, turi[s:]ta, ou turi[ʃ]ta, dá essa possibilidade, mas aqui, esse som nasal não vai permitir (apontando para [m] de [tu'rizmu]) a mesma produção (titubeia ao olhar para a própria organização do quadro). Quer dizer que eu não posso fazer turi[ʃ]mo? Sim, carioca faz turi[ʃ]mo. Ele faz. Mas aí é o regionalismo forte do Rio de Janeiro. Turi[ʒ]mo. “Turi[z]mo” fazemos nós aqui. Em muitas partes, muitas regiões do Brasil, também. Mas o carioca, ele é [ʃ / ʃ / ʃ], nos “esses” de maneira intensa. Ficou diferente, aqui (dirigindo-se a Darica e apontando para a transcrição [tu'rizmu])?

DARICA: [tu'rizmu].

PROFESSORA FRANCINE: Isso! Agora, Cem, alguém já se bandeou pro seu lado. Ela tinha feito antes aqui (apontando para a transcrição [tu'rismu]). Tá, e a gente também teve outra fala aí que foi não sei se Isabel... Sim, “festas de rua” (escreve “festas de rua” no quadro). Como você fala (volta-se para Antonella e Isabel)

ISABEL: festa[s], de rua.

PROFESSORA FRANCINE: Você veio pra cá (aponta para a transcrição [tu¹riʃtə])?

ISABEL: Não, fe[s]tas.

PROFESSORA FRANCINE: (jocosa) Eu sabia! Eu sabia. Estava tentando modificar!

Mas ela fez aqui (apontando para a sibilante na transcrição “[tu¹rismu]”): [fɛstas / di huə]

ANTONELLA: Pra mim também, festa[s], de rua.

DARICA: Normalmente?

PROFESSORA FRANCINE: Sim, normalmente.

DARICA: festa[s], de rua.

CEM: Festa[s], de rua.

PROFESSORA FRANCINE: Festa[s], de rua? Vamos lá (procede na transcrição fonética da frase em questão, mantendo, de modo errôneo, a sibilante desvozeada: [fɛstas di¹ huə])... alguém faz assim ([fɛʃtas di¹ huə])? Alguém se percebe, alguém se observa fazendo assim (transcreveu [fɛstaz di¹ huə])?

TODOS: (pronunciam a seu modo)

PROFESSORA FRANCINE: [fɛstaz di¹ huə]? [fɛʃtas di¹ huə]? Alguém faz assim, de vocês quatro?

TODOS: (testam sua fala para responder à professora)

DARICA: [fɛʃtas di¹ huə].

PROFESSORA FRANCINE: Você fez o [ʃ]

CEM: Eu fiz qual delas?

PROFESSORA FRANCINE: Você fez a primeira. As meninas também.

CEM: Mas os baianos, faz [fɛʃtas]?

PROFESSORA FRANCINE: Faz, [fɛʃtas]. E alguns fazem [fɛʃtas], e outros fazem [fɛstaz: di¹ huə] (ênfase no [z]). [fɛstaz di¹ huə]. Então, se você utiliza uma produção

também, de regionalismos, de influências, e a influência vinda do espanhol e do italiano vai levar pra esses sons aqui, sibilantes (aponta para as transcrições fonéticas).

Ok! Nós terminamos

CEM: Obrigado!

PROFESSORA FRANCINE: Vocês foram ótimos, obrigada a vocês...

O quadro branco então ficou assim (pronúncias válidas no português brasileiro):

turismo	turista	festas de rua
[tu'ris̃m̃u]	[tu'rist̃ə]	[fɛstas di' huə]
[tu'rizm̃u]	[tu'rist̃ə]	[fɛstas di' huə]
		[fɛstaz di' huə]

Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento: terceiro dia

Antes do início da aula, os alunos conversavam sobre amenidades, até que a professora anunciou o início da aula, escrevendo no quadro: “Cadê Darica?”, que Antonella vocalizou.

ANTONELLA: “Cadê Darica?”

PROFESSORA FRANCINE: Vocês ouviram essa expressão?

ANTONELLA: Sim.

PROFESSORA FRANCINE: Pois é, igual a “Onde está Darica”. Bem, diante dessa informação da provável viagem de Darica⁴, a gente não vai esperar não (diz lentamente com ar jocoso). A gente vai trabalhar. E a gente vai trabalhar no chão!

ANTONELLA: No chão?

PROFESSORA FRANCINE: É, a gente não tem mesa grande o suficiente pra trabalhar.

ISABEL: Tá bom.

PROFESSORA FRANCINE: Então, meus amores...

ANTONELLA: Todos sentados no chão.

PROFESSORA FRANCINE: É... Eu vou primeiro explicar aqui... e depois vocês vão fazer como “crianças”, como sempre (jocosa, provoca Cem). Vocês lembram que a gente já conversou sobre os símbolos da representação de transcrição fonética. Aqui tem dois (diz segurando o cartão em que constava a transcrição fonética [õ'ɛ]).

CEM: [õ'ɛ].

PROFESSORA FRANCINE: (sorri para o aluno, aprovando sua pronúncia) [õ'ɛ]). Né? Aqui tem dois. E aqui tem várias palavras... e nós vamos fazer assim: vamos colocar em colunas, essas palavras aqui.

CEM: Ah, certo.

PROFESSORA FRANCINE: Certo?

ANTONELLA: Depois colocamos as palavras em cada... coluna.

PROFESSORA FRANCINE: É. Exatamente, embaixo. Tudo bem? Então, alguém pode me ajudar a espalhar?

⁴ A aluna avisara dias antes que talvez viajasse por alguns dias.

Assim, os alunos ajudam a professora a espalhar os cartões pelo chão, e começam a categorização das palavras abaixo dos símbolos fonéticos. Isabel reconheceu que a palavra “porta” ficaria abaixo de [h] e colocou-o em tal categoria. Cem percebeu que “xícara” estava na categoria errada, devendo ir de [ʒ] para a coluna [ʃ], e assim o fez.

CEM: Mas esta [ʃikə], [ʃe]!

PROFESSORA FRANCINE: Isso! Isto é [ʃ:].

PROFESSORA FRANCINE: Vamos fazer agora uma revisão, pra ver se tá tudo ok? Vamos aqui. Isso é [r].

CEM: [r].

PROFESSORA FRANCINE: Juntos, como onteem! tra...

TODOS: tra...

PROFESSORA FRANCINE: ba...

TODOS: ba...

PROFESSORA FRANCINE: lho.

TODOS: lho.

PROFESSORA FRANCINE: trabalho.

TODOS: trabalho.

PROFESSORA FRANCINE: Tudo bem aqui, né? Pra

TODOS: Pra-

PROFESSORA FRANCINE: -to

TODOS: -to.

PROFESSORA FRANCINE: Prato.

TODOS: Prato.

PROFESSORA FRANCINE: Ok, então tá tudo ok. E aqui?

ISABEL: [kasə]

PROFESSORA FRANCINE: -ca

TODOS: -ca

PROFESSORA FRANCINE: [za]

TODOS: [z:a]

PROFESSORA FRANCINE: [ˈkazə]

TODOS: [ˈkaza]

CEM: De Janaína.

PROFESSORA FRANCINE: (jocosa) Meu Deus, ele tá apaixonado, ou o que é? Cê acha também que ele está apaixonado ou está fazendo finta?

ANTONELLA: Naaaão (irônica)

ISABEL: Sempre.

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Sempre? ...Aqui, vamos falar?

TODOS: [ˈuzu]

CEM: [ˈuzu].

PROFESSORA FRANCINE: Jipe (ênfase em [ʒ]).

TODOS: Jipe.

PROFESSORA FRANCINE: Gente (ênfase em [ʒ]).

TODOS: Gente.

PROFESSORA FRANCINE: Gigante.

TODOS: Gigante. (Antonella: [ʒigantʃi])

PROFESSORA FRANCINE: [ʒã]nela.

TODOS: Janela (Antonella: [ʒanela]).

PROFESSORA FRANCINE: Tudo bem?

CEM: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: Corro

TODOS: Corro

PROFESSORA FRANCINE: Roda

TODOS:

PROFESSORA FRANCINE: Coro

CEM: Coro?

Cem percebe que a palavra fora colocada em coluna errada ([h]) e então posicionou a palavra sob o símbolo correto, [r]. Isabel também aponta para este símbolo.

PROFESSORA FRANCINE: Ok. Bravo! Muito bem. Mesmo porque olha o que aconteceu (compara a palavra “coro” e “corro”, aproximando os cartões): não poderia de fato estar no mesmo lugar, não é? ... Então, “porta”

TODOS: Porta.

PROFESSORA FRANCINE: Amar.

TODOS: Amar.

PROFESSORA FRANCINE: Tudo bem agora? Vamos lá. Os pés.

TODOS: Os pés.

PROFESSORA FRANCINE: Ensinar.

TODOS: Ensinar.

PROFESSORA FRANCINE: Exercício.

TODOS: Exercício.

PROFESSORA FRANCINE: Caça.

TODOS: Caça.

PROFESSORA FRANCINE: Os amigos.

TODOS: Os amigos.

CEM: (retira a junção de palavras “os amigos” da coluna [s] e transfere-a para a coluna [z], voluntariamente).

PROFESSORA FRANCINE: Yes, Cem! Bravo! A [kazə]... e o[z] amigos... de Janaína (rindo)? Bom, por que você lembrou disso aqui? Foi quando nós pronunciamos, que você percebeu? Pelo ouvido? Ou você lembrou ontem, quando eu coloquei no quadro? Eh... “o[z] americanos”?

CEM: Ah, si, eh... quando duas eh... (aponta as vogais entre as quais a sibilante vozeada está, na junção de palavras “os americanos”)

PROFESSORA FRANCINE: Vogais.

CEM: Vo[k]ais. *Sf?*

PROFESSORA FRANCINE: Sim, exatamente. Mesmo olhando e estando separados, mas quando pronunciamos, a velocidade da pronúncia vai trazer para o mesmo caso desse aqui (aponta para as palavras “casa” e “uso”). E esse aqui. E quando nós pronunciamos você percebeu (dirigindo-se a Cem). Muito bom. Yes! Eu gosto desse grupo! “Caça”.

TODOS: Caça.

PROFESSORA FRANCINE: (pega a palavra “casa” leva-a até a palavra “caça”, para que os alunos as comparem no traço de vozeamento). Então...

ANTONELLA: Caça, casa.

PROFESSORA FRANCINE: certo? Muito bem!

CEM: Que é “caça”?

ANTONELLA: *Hunt.*

CEM: (imperceptível)

ANTONELLA: Na-não. Quando você... vai a...

ISABEL: ...caçar animais.

ANTONELLA: ...caçar animais.

CEM: Ah! *Predator*

PROFESSORA FRANCINE: Mais ou menos (risos)... Ok? E “casa”... Então é uma boa percepção, auditiva e visual. E isso nos ajuda a entender, quando [si:], aqui, e do [z:], aqui. Tudo bem? Vamos lá.

PROFESSORA FRANCINE: E aqui? [ʃ:ipi] (chip).

ANTONELLA: [ʃ:ipi].

CEM: [ʃ:ipi].

PROFESSORA FRANCINE: (rindo) Na verdade, seria o *chip*, mas, na pronúncia brasileira, [ʃ:ipi].

CEM: [ʃ:ipi]. Eh... chip de celular, *sf*?

PROFESSORA FRANCINE: Sim... Xícara.

TODOS: Xícara.

PROFESSORA FRANCINE: [kõ / 'elə] (com ela)

ANTONELLA: [kõ / 'elə]

CEM: [kõ / 'elə]

PROFESSORA FRANCINE: E a gente não vai fechar [kõm'elə],n em [kõn'elə]. [kõ / 'elə]

ANTONELLA: [kõ / 'elə].

PROFESSORA FRANCINE: Muito bem. Alguma pergunta aqui? Não? Então nós vamos jogar. Ah... Cês tão sentindo falta de Darica! Que sempre gosta de jogar (rindo). Então, tudo tranquilo? Então eu vou pegar um Dominó. Redistribuindo as pedras... imagine uma pedra de dominó, tá? Tem 28, mas Darica está faltando, então cada um fica com quanto aí?

ISABEL: Nove, e um sobra.

CEM: E nós precisamos calculadora (jocosos)?

ISABEL: 28. Nove, sobra um.

PROFESSORA FRANCINE: (rindo) Ela é a calculadora.

A professora distribui as “peças” entre os alunos, conforme as instruções, mas acha que alguém ficou com 10 peças, pois não sobrou nenhuma em suas mãos:

PROFESSORA FRANCINE: Alguém tem dez? Alguém tem dez?

Todos contam suas peças e Cem descobre que ficou com dez:

CEM: dois, três, catorze, cinco... dez. Dez!

PROFESSORA FRANCINE: Cem? Cem, dê-me uma... que seja igual dos dois lados.

Uma bucha. Eh... tá bom, qualquer um. Então nós vamos começar com este aqui (põe a peça no chão). Vocês podem jogar para cá ou para lá (aponta as duas pontas da peça: [õ'ɛ] e) mas precisarão ler a informação. Eu vou ler essa informação e vocês têm acesso à informação de vocês. O ideal é que você não deixe o seu colega do lado ver o seu jogo. Tudo bem? Então, aqui nós temos [õ'ɛ]⁵, não é? E aqui, “Vamos viajar para onde nestas férias?” (leu com ênfase no [ʒ] de “viajar”) O foco aqui é “...”? [ʒ]

ANTONELLA: [ʒ]

PROFESSORA FRANCINE: Vai lá.

ISABEL: Mas eu posso... jogar aqui também?

PROFESSORA FRANCINE: Jogar aqui também

⁵ A professora confunde-se aqui com o som [õ] e pronuncia-o em vez de [õ'ɛ]

ISABEL: Mas... quem primeiro?

CEM: (coloca sua peça em cujo um dos lados havia o som [ʒ])

ANTONELLA: Cem, Cem,Cem.

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Quem lê a informação de cá (o outro lado da peça de Cem)?

ANTONELLA: “Valentina disse que a Salça boa de verdade é a da Colômbia!” (cujo <s> de “salsa” estava em destaque)

CEM: (debochado, jocoso) Uh...! Eh, Isabel!

PROFESSORA FRANCINE: Olha aê Isabel! “Isabel disse que a Salsa boa de verdade é a da Colômbia!” Vai, Antonella.

ANTONELLA: (coloca uma peça em cujo um dos lados havia o símbolo [s], e no outro, a frase “Fernanda precisa de um jipe”.)

PROFESSORA FRANCINE: Ok?

CEM: Uh-hum.

PROFESSORA FRANCINE: E agora?

CEM: Fernanda precisa de um jipe. [ʒ:]ipe.

PROFESSORA FRANCINE: Ok?

CEM: Uh-hum (procurando uma peça para encaixar)

PROFESSORA FRANCINE: Venha, Isabel.

ISABEL: “Ana chamou Victor para ir [kõ / 'elə] no cinema”.

CEM: Ah! [k^on'elə].

PROFESSORA FRANCINE: Para ir “...”?

ANTONELLA: [kõũ 'elə]

CEM: [kõⁿ'elə].

PROFESSORA FRANCINE: (incompreensível)... Fale direito!

CEM: Gritos?

PROFESSORA FRANCINE: Pode ler outra vez?

CEM: Ah! [kõn'elə].

ANTONELLA: [kõũ / 'elə]

CEM: [kõn'elə].

PROFESSORA FRANCINE: Nã!

ANTONELLA: [kõ].

CEM: [kõũ]?

ANTONELLA: [kõũ] (balança a cabeça de modo afirmativo)

PROFESSORA FRANCINE: [kõ / 'elə]

CEM: [kõ 'elə]

PROFESSORA FRANCINE: Você não percebeu, mas disse três vezes [kõn'elə].

CEM: [kõn'elə].

PROFESSORA FRANCINE: (rindo) Sim, mas não é [kõn'elə].

CEM: [kõ 'elə]!

PROFESSORA FRANCINE: Sim... [kõ 'elə]! (risos) O que é que a gente faz de penalidade máxima para quem repete (jocosa)... o problema que a gente tratou durante a semana? A gente pode pensar, não é? N'algumas penalidades.

PROFESSORA FRANCINE: Pode ler (dirige-se a Antonella).

ANTONELLA: Professora Edna quer saber sobre as artes na Itália.

CEM: (jocoso e debochado) Uh! Itália. Artes... artes... ta-tãm (mostrando que tem uma peça para colocar no jogo)!

PROFESSORA FRANCINE: Que foi? É a vez de Antonella. É sua vez, é Cem?

ANTONELLA: (ironizando, pois na verdade é sua vez) Sim...

PROFESSORA FRANCINE: Mas vamos ver o que Cem fez.

ANTONELLA: (Coloca uma peça no jogo, antes que Cem o faça)

PROFESSORA FRANCINE: Sim...

ISABEL: (jocosa, irônica) Eu acredito... que uma penalidade... (incompreensível)

PROFESSORA FRANCINE: Sim, diante de dois... enganos. Vamos anotar aqui... que Cem já tem uma penalidade. Vamos colocar aqui, porque pode ser que Isabel tenha... Isabel e Antonella... (escreve o nome dos três alunos no quadro, atribuindo-lhes um número de erros abaixo de cada um). Então já temos que pensar em uma penalidade para Cem, vocês já têm?

ANTONELLA: Posso pensar.

PROFESSORA FRANCINE: Temos que pensar, durante o jogo vamos pensar. Porque você cometeu duas infrações... um foi com ela, e a outra foi o que? A[r]tes... Não é? Então, é “[kõũ 'elə]” e “[ahʃis]”.

PROFESSORA FRANCINE: Não, e três, né? Que ele queria jogar no lugar de Antonella (ri). (segundos de silêncio) Quem joga?

CEM: [ki] joga?(dirigindo-se a Isabel) Esperamos para você.

PROFESSORA FRANCINE: Esperamos “...”?

CEM: Pra você.

PROFESSORA FRANCINE: Por.

CEM: Por??

PROFESSORA FRANCINE: É! Porque você tem que estudar mais... (risos, e dá um tapinha de cumplicidade no ombro do aluno). Olhe ali na lista.

CEM e ANTONELLA: “Rodrigo fez uma carreta horrível”!

PROFESSORA FRANCINE: “Rodrigo fez uma carreta horrível”! Hum... nós temos só um pequeno problema.

ANTONELLA: Qual é?

PROFESSORA FRANCINE: O que é uma carreta?

ANTONELLA: No sei.

PROFESSORA FRANCINE: Não? É uma “careta”?

ANTONELLA: (balança a cabeça negativamente)

ISABEL: (incompreensível)... é um carro.

PROFESSORA FRANCINE: Isto é uma carreta. Um pequeno carro de duas rodas.

ISABEL: Que nós levamos com as mãos.

PROFESSORA FRANCINE: Com as mãos... E “careta”, é a contração (faz uma careta)... se alguém fizer isso pra você na rua, ó (faz nova careta)! É uma careta. Mas (incompreensível, mas refere-se a Cem jocosa, irônica) não tem... a diferença.

PROFESSORA FRANCINE: Na verdade...

CEM: Penalidade! Penalidade!

PROFESSORA FRANCINE: Não! Não! (risos) Ele tá doido pra passar penalidades pra vocês... (dirige a atenção dos alunos para o jogo). Se fosse “careta”, seria assim (escreve a palavra no quadro). Mas aí tem “carreta”, então provavelmente Rodrigo fez, fabricou, uma carreta que ficou com defeitos.

ISABEL: Ah, mas...

PROFESSORA FRANCINE: ...isso... é contração... da face... que vai levar... isso! uma careta (em resposta à careta que Antonella fez). E a carreta é um carrinho de duas rodas, então provavelmente Rodrigo fez o quê? Uma carreta que ficou mal feita. Um carrinho que tem algum problema. Então, ok...correto... Agora, “[õe]” (outra metade da peça).

CEM: Eu não tem...

PROFESSORA FRANCINE: Oh... (lamentando)!

CEM: Palavra por isso, e por isso (referindo-se às duas extremidades do Dominó, que tinham “[õɛ]”, coincidentemente).

PROFESSORA FRANCINE: Nem “[õɛ]”, nem “[õɛ]”.

ISABEL: “[õĩ]”?

PROFESSORA FRANCINE: São as mesmas. Então?

CEM: Ela tem (apontando para Antonella)!

PROFESSORA FRANCINE: Sabe o que diz (quando não temos a peça e damos a vez ao próximo jogador?) ? “Passo”.

CEM: Passo.

PROFESSORA FRANCINE: Passo.

CEM: Passo.

ANTONELLA: (coloca uma peça no jogo).

PROFESSORA FRANCINE: Ok, neste caso, ela formou uma “bucha”, né? O que tem ali? Pode ler pra Isabel?

ANTONELLA: Fernanda precisa de um chip.

ISABEL: (coloca uma peça no jogo que faça par com a frase acima)

PROFESSORA FRANCINE: Leia (dirige-se a Cem para que leia a frase que está na outra metade da peça colocada por Isabel)

CEM: Ana chamou Victor para ir [kõⁿˈɛlɔ], [kõ / ˈɛlɔ] (com ela) no cinema.

PROFESSORA FRANCINE: (rindo ironicamente) Ok!

ANTONELLA: Darica trouxe Bacci Perugina para todos.

PROFESSORA FRANCINE: Agora é a vez de Isabel!

CEM: No!

ANTONELLA: Sim!

PROFESSORA FRANCINE: Você não tinha esse [õĩ], [kõ / ˈɛlɔ]. [kõĩˈɛlɔ].

ISABEL: (coloca uma peça no jogo: de um lado o símbolo [r], que fez par com a frase anterior, e do outro a frase “Você quer casar comigo?”)

PROFESSORA FRANCINE: Está correto? Está correto, Cem?

CEM: *Sí*.

PROFESSORA FRANCINE: Pode ler agora?

CEM: Você quer casar comigo?

ISABEL: (jocosa) *Sí*.

CEM: *Sí?* (cantarola a “Marcha Nupcial” e depois coloca uma peça no jogo: de um lado, o símbolo [z], do outro, a frase “Por que você não me chamou para sua festa de aniversário?)

PROFESSORA FRANCINE: Bom, muito bom! Pode ler pra Antonella?

CEM: (começa a ler, mas é interrompido por Antonella)

ANTONELLA: “Por que você não me chamou para sua festa de aniversário?” (coloca então uma peça no jogo, fazendo par com a frase que leu: de um lado, a frase “Arda ganhou muito dinheiro na Loteria e agora está muito rico!”, e do outro, o símbolo [ʃ])

CEM: *Insha Allah!*

PROFESSORA EDNA: Tomara! Deus queira! Agora... (pigarreia)... não sei se podemos aceitar assim, porque... ela não colocou o símbolo, colocou outra frase...

ISABEL: Mas... é o mesmo... som.

PROFESSORA FRANCINE: Isso! É o mesmo som. Aceitamos pelo argumento (brinca)! Bravo!

ISABEL: *Oh, yes!* Mulheres!

CEM: Tudo possibilidade para mulheres, mas não para homens (brinca)!

ISABEL: *Sí!* Mulheres!

PROFESSORA FRANCINE: Observe, observe. Elas trabalharam com a lógica do mesmo som. E você colocou o som diferente.

CEM: Tá bom! Eu posso fazer esta (pergunta se pode colocar uma peça no outro extremo do dominó, o símbolo uma “bucha” do símbolo [ʃ])

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum.

ISABEL: Passo.

PROFESSORA FRANCINE: (jocosa) Oh! Menina! Que menina tão passante!

CEM: Passou?

ISABEL: (risos)

CEM: Eh... Passo.

TODOS: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Vamos ter que... abrir o jogo.

CEM: Ah! Mesmo? (apontando par aos dois extremos do jogo, em que teriam que colocar ou símbolo ou frase contendo [ʃ]).

PROFESSORA FRANCINE: E aí? Palavras...

CEM: (balança a cabeça negativamente)

PROFESSORA FRANCINE: Lembrem que as palavras com esse som([ʃ]) são <ch>, <x>...

ISABEL: Xícara, chip... cheiro.

CEM: Não... (sem encontrar peças)

ISABEL: Não tem frases?

PROFESSORA FRANCINE: Vamos abrir, o jogo? Vou abrir pra cá (pega uma peça de um dos extremos e transfere para o outro) E agora? Temos outra vez pontas iguais? Temos outra vez pontas iguais, mas...

CEM: [ki] joga (coloca uma peça no jogo)?

PROFESSORA FRANCINE: Pode ler, Cem?

CEM: Os últimos serão os primeiros!

PROFESSORA FRANCINE: Outra vez? Para que as meninas ouçam?

CEM: O[s], últimos serão os primeiros!

PROFESSORA FRANCINE: E se você ler com mais velocidade? Como é que fica?

ISABEL: Mais rápido.

CEM: Mais rápido?

PROFESSORA FRANCINE: Sim, a mesma frase.

CEM: O[z] últimos serão os primeiros!

PROFESSORA FRANCINE: Vocês ouviram? Quando ele leu devagar, foi aquele som, mas quando ele leu rápido, foi esse som aqui (apontando para [z], em uma das extremidades do jogo). Vai, Antonella.

ANTONELLA: (coloca uma peça no jogo).

PROFESSORA FRANCINE: Pode ler, Antonella?

ANTONELLA: Rodrigo fez uma carreta horrível!

PROFESSORA FRANCINE: Ah? Esse Rodrigo faz muita carreta! Acho que ele é fabricante!

CEM: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Mas todo mundo acha horrível, acho que ele não vai vender. Mesmo que ele fabrique muito! (segundos de silêncio)...

ISABEL: (coloca uma peça no jogo)

PROFESSORA FRANCINE: Está correto? Está correto, Cem?

CEM: Sí (joga outra peça).

PROFESSORA FRANCINE: Pode ler, Cem?

CEM: Rodrigo fez uma careta horrível! (pronunciou ca... ca[r]eta ho[r]ível)

PROFESSORA FRANCINE: Então tá igual aqui, e aqui (aponta para as palavras “careta” e “horrível”)?

CEM: ca[r]eta... ho[h]ível.

PROFESSORA FRANCINE: Sim senhor! Eita! Não vou aumentar sua penalidade não, cê já tem uma ali, né? Antonella.

ANTONELLA: (procura uma peça que se encaixe no jogo)

PROFESSORA FRANCINE: Oh, baby! Temos dois casos aqui... Não tem, ok. Isabel.

ISABEL: Que pena... (coloca uma peça no jogo)

PROFESSORA FRANCINE: Ok? Tudo bem? Vamos lembrar que esse símbolo é aquele assim... de cabeça pra baixo (referindo-se a [r]).

CEM: (coloca uma peça, pois é sua vez de jogar).

PROFESSORA FRANCINE: O que tem aí?

CEM: Você quer caçar comigo?

PROFESSORA FRANCINE: Entende? Todo mundo entende essa frase?

ANTONELLA: (coloca uma peça bucha de [s] encaixando-a na frase que Cem leu)

PROFESSORA FRANCINE: Isso!

ISABEL: (coloca sua última peça no jogo) Ganhei!! Uh huu!!!

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Você terminou? Tem um estado aqui, Minas Gerais, diz-se que os mineiros... comem... quietinhos... quer dizer, são discretos... calados... Ela discretamente ganhou o jogo. Mas... Vamos ver aqui, não é (aponta para Cem e Antonella)? Então, primeiro lugar, Isabel. E agora vamos ver aqui.

CEM: (fala algo com a professora Francine enquanto coloca uma bucha de [h] para fazer erroneamente par com a frase “São muito caros!”)

PROFESSORA FRANCINE: São muito “...”? Caros!

CEM: [karus]!

PROFESSORA FRANCINE: Tá correto?

ANTONELLA: Não.

CEM: Por quê?

ANTONELLA: Carros!

PROFESSORA FRANCINE: Aqui? (apontando para a frase que estava na peça anterior à jogada de Cem)

CEM: Caros. (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Vamos ver se nesse final conseguiríamos encaixar (em uma das pontas do dominó, e aponta para as duas últimas peças, que estavam nas mãos de Antonella)? Conseguríamos?

ANTONELLA: Não.

PROFESSORA FRANCINE: Não, né? Então elas realmente...

CEM: (interrompe a professora para ler a frase de uma das duas peças que faltaram no jogo) “Darica, Antonella e Isabel chamaram Cem para ir ao cinema com elas” .

PROFESSORA FRANCINE: Só se a gente fizer assim, ó (e junta as duas peças que faltaram, sendo que uma é uma bucha de [kõ'e] e a outra tem uma metade com a frase que Cem leu). Com elas no cinema.

CEM: Sim. Vamos! Vamos!

PROFESSORA FRANCINE: Pessoal! Muito bom! Muito bom! Certo? E a gente teve alguns impasses ali, mas a gente percebeu o que era de fato (referindo-se à diferença entre “careta” e “carreta”, escritas no quadro branco), mensagem diferente, você pode falar uma coisa completamente diferente da outra, se você não produzir o som da palavra de fato. E aí, é aquilo que eu falei: na sua cabeça, você pensa, “Eu tô falando a coisa correta e esse brasileiro não tá me entendendo? É porque na verdade, você tá falando outra coisa. Porque um é “carro”, o outro é “caro”, um é “carreta”, o outro é

“careta” um é [kõ'nela], outro é [kõõ / 'elə]. Inclusive para nós “[kõ'nela]” não existe. Existe “Canela”, que é *cinamon*, ou, como é essa parte aqui mais fina da perna também falamos “Ai! Machuquei minha canela”. E aí, em dois, três, cinco minutos de conversa fluente e com velocidade normal, você pode produzir palavras diferentes das que você realmente tem intenção de produzir. E vai ficar obscura a sua fala, não vai ficar clara. Por isso a gente está trabalhando com essas questões pra que a gente fale cada vez mais, e melhor, mais claramente. Eu acho que a nossa comunicação certamente vai ficar muito melhor. Perguntas aqui?

CEM: Eh... Bater palma para Isabel.

TODOS: (aplausos)

PROFESSORA FRANCINE: E agora... eu vou fazer uma proposta para vocês. Já que estamos trabalhando várias questões, tanto da gramática quanto da produção oral, da fonética, eh, e nós vamos continuar juntos na próxima semana, eu quero pedir que a gente se ajude mutuamente, nessa questão. Quando um de vocês falar uma coisa que for um engano, um equívoco nos pontos que a gente tá trabalhando, se eu não ouvir, se eu estiver aqui desatenta, porque às vezes passa, então vocês vão se supervisionando nisso. Vão se monitorar. Tá? A gente pode fazer esse acordo, de ajuda mútua, na questão da pronúncia, porque já estamos conhecendo, trabalhando, corrigindo a nossa produção oral, não é? Com base nesse trabalho que a gente fez essa semana, não é? Fonético, então, eu acho que a gente tá assim, apto a se ajudar mutuamente. Até nas conversas... eh... bem informais que vocês tiverem, se houver uma oportunidade. Ok? Vocês estão indo muito bem! Certo? Parabéns.

**Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento:
quarto dia**

(...)

PROFESSORA FRANCINE: Então, agora pode repetir, agora observando a pronúncia desta vez? Já corrigimos a parte gramatical, mas eu queria observar sua pronúncia. “É [ˈmeyor] que você me dê uma explicação”. Uh-hum. Veja se você tá fazendo assim, ó (transcreve foneticamente a palavra “melhor” no quadro assim: [meˈkɔr] e [ˈmeɪor], para que o aluno comparasse)

CEM: [ˈmeyor]

PROFESSORA FRANCINE: É assim que cê tá fazendo? [meˈkɔr]? A pronúncia é essa? [meˈkɔr]?

CEM: [ˈmeyor]

ANTONELLA: É [meˈkɔr].

PROFESSORA FRANCINE: [kɔ].Ó? Não é essa (aponta para a transcrição errônea). A gente tem um símbolo assim (aponta para [kɔ])...

ANTONELLA: [kɔ]

PROFESSORA FRANCINE: ...para falar do [kɔ]. E agora, isto daqui é assim: “ilha”.

CEM: [iːkɔ]

PROFESSORA FRANCINE: Meninas, vocês são testemunhas, que ele pode, né? Mas ele fica assim, com preguiça (jocosa). Então é “...”?

CEM: [meˈkɔ].

PROFESSORA FRANCINE: [meˈkɔh].

CEM: [meˈkɔh] (sorri).

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Sim, senhor. Porque senão você vai fazer isso:

[^lmeyor]

CEM: [^lmeyor]

PROFESSORA FRANCINE: E não é.

CEM: [me^lʎ:ɔr]

PROFESSORA FRANCINE: Isso! [me^lʎ:ɔh]

CEM: “É [me^lʎ:ɔr] que você me dê uma explicação”.

PROFESSORA FRANCINE: Ficou muito melhor!

E assim, a professora deu prosseguimento à correção do exercício de verbos no presente do subjuntivo, até chegar a hora da pausa.

PAUSA

Após conversarem sobre o que fizeram na pausa, a professora anunciou a aplicação da atividade de pronúncia, imediatamente após um pedido de Cem, de modo jocoso, de que não trabalhassem mais o presente do subjuntivo, quando viu folhas de exercícios nas mãos da professora a serem distribuídas entre os alunos.

CEM: Por favor, não presente subjuntivo!

PROFESSORA FRANCINE: Sim, um pouquinho, não muito!

CEM: (faz expressão de contrariedade)

PROFESSORA FRANCINE: Só um pouquinho! Pra ajudar você em casa (risos)!

CEM: (continua com expressão de contrariedade, de modo jocoso)

PROFESSORA FRANCINE: Não chore, Cem...

CEM: (risos)

ANTONELLA E ISABEL: (conversam em espanhol entre si)

PROFESSORA FRANCINE: (para e observa as duas alunas conversando) Elas estão falando noutras línguas...

CEM: *Sí*, sempre.

PROFESSORA FRANCINE: Acho que em espanhol. Ou será que ela está falando italiano?

CEM: (imita uma pessoa falando italiano, e ri)

PROFESSORA FRANCINE: É, poderiam falar português, né?

ISABEL: *No*.

PROFESSORA FRANCINE: Por que não? Nããã. Ó, não, (incompreensível)

CEM: Elas fala espanhol. Eu... *no* entende.

PROFESSORA FRANCINE: Elas pensam que você nããã entende, mas você já está entendendo e falando. Esse nome, inclusive, é daí. Vamos nos aproximar só um pouquinho? Eu queria que vocês se juntassem só um pouquinho mais. Isso, Isabel. E aí já fica junto, né? Nós agora vamos conversar um pouquinho, quando Cem falou...

ISABEL: (interrompendo a professora) Preciso uma folha?

PROFESSORA FRANCINE: Não...

ISABEL: *Sí*.

PROFESSORA FRANCINE: Você pode usar o verso (da folha da atividade), a lateral, e você falou (aponta para Cem) “presente do subjuntivo, não”, mas agora vai ser a hora de falar. Antes, nós fizemos reconhecimento do sentido do presente do subjuntivo, fizemos umas atividades juntos, né? Procuramos uma casa pra alugar ou comprar, depois a gente viu, e também a gente tem o presente do subjuntivo com outras conjunções, principalmente com a conjunção que, vimos a estrutura da palavra

indefinida, “procuro uma secretária que...” , mais o pronome relativo que, mas agora a gente vai falar, né? A gente vai falar. E aqui está a orientação (distribui a folha de exercício para os alunos). Eu sei que vocês gostam de viajar, não é?

CEM: Uh-hum...

PROFESSORA FRANCINE: Antonella? Nem se fala, né?

ANTONELLA: Eu adoro viajar!

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente. E vocês também (dirige-se a Cem e Isabel).

CEM: *Sí.*

PROFESSORA FRANCINE: Isabel, aqui, de vez em quando fica com uma saudade, mas, mesmo assim, gosta muito de viajar. Você também (dirige-se a Cem). De vez em quando fica assim... com saudade, mas gosta de viajar.

CEM: *Sí.*

PROFESSORA FRANCINE: Então vai ser um tema que todo mundo gosta, por isso, vamos começar alguma coisa dentro desse tema. Veja. Vocês vão conversar, entre vocês, o que vocês preferem. E é óbvio que vocês vão, por favor, usar os verbos que estão aqui na conversa, não é? E a estrutura que está aqui também na conversa. Você prefere viajar com os amigos... e com estas outras situações, e por quê. Tá? Depois vocês, não na número quatro, na número três... não é? Vão lembrar de uma viagem que foi marcante, o que é marcante?

ISABEL: Algo muito importante.

PROFESSORA FRANCINE: Muito importante, memorável. Né? *Remarkable*. Memorável. Pra você. Então, quando você lembrar, você vai pensar nos hábitos culturais que você pôôde observar da cidade que você visitou. Então, comente com seu colega sobre a realidade de lá em relação aos seguintes aspectos. Escolha somente cinco itens. Mas, eu gostaria que, a letra j e a letra k estivessem dentro desses itens,

tá? E aí vocês escolhem mais três, ao invés dos dois. Depois, aqui o exemplo, as pessoas na cidade que visitei não têm o hábito de ler nos parques. Ou, lá as pessoas não jogam lixo na rua. Ou, os garçons recebem gorjetas mas os cabeleireiros não. Esses são exemplos do que você pode lembrar, de como você pode comentar. E finalmente, agora sim, o número quatro, (risos), “E em seu país, quais são as regras? Pensando nos aspectos culturais do exercício anterior”, que vocês vão fazer ainda, aí você vai dizer ao seu colega como as pessoas lidam com esses mesmos aspectos que você precisou lidar nessa viagem memorável que vocês fizeram. E entãoãããããã... aí sim, dessa vez, você usa o presente do subjuntivo. “No meu país, é importante que...” , necessário que, não é permitido que... não é esperado que... ou é esperado que... Então agora vocês vão conversar. Como vocês são três...

CEM: Eu vou perguntar, porque eu não sei muito bem...

PROFESSORA FRANCINE: Não se preocupe, estamos aqui para nos ajudar, eu vou estar também presente para que você pergunte a mim também. E aí, como não estamos em par, por exemplo, Isabel vai começar... falar isso, e se você precisar perguntar alguma coisa pra Isabel, se não ficou muito claro você pergunta, depois vocês fazem... tá bom? Vamos lá? 10 minutinhos porque somos três, né?

ISABEL: (jocosa, aponta para Cem)

PROFESSORA FRANCINE: Os homens primeiro? Os homens? Tem que chamar Rômulo então, pra ficar no plural.

ISABEL: (sorri e aponta para Cem enquanto fala) O homem.

ANTONELLA: Com quem você prefere viajar?

CEM: Eu prefiro viajar com os amigos... porque eh... eles são... intere... felizes...

PROFESSORA FRANCINE: Interessantes? Felizes?

CEM: Felizes... alegres... eh... muito *cabelheros*...

PROFESSORA FRANCINE: (faz ar de estranheza)

CEM: (reage ao ar de estranheza da professora) No *cabelheros... cabe...*

PROFESSORA FRANCINE: Cavalheiros?

CEM: No. *Brincadeiros.*

PROFESSORA FRANCINE: Brincalhões! Brincalhões?

CEM: Brincalhões.

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum...

ANTONELLA: E...

CEM: Nós falamos muito.

ISABEL: Bebem muito (jocosa, ri)

CEM: (concordando) Bebem muito.

ANTONELLA: (balança a cabeça afirmativamente)

ISABEL: (dirige-se a Antonella) E você?

ANTONELLA: Eu prefiro viajar [kõ u] meu namorado. Mas, na verdade, eu viajei também com amigos, com a família, mas prefiro viajar com meu namorado.

CEM: (dirige-se a Antonella) Por quê?

ISABEL: (concomitante a Cem) Não te[m]... ido.

PROFESSORA FRANCINE: (tentando entender o que disse Isabel) Não tenho ido?

ISABEL: No. No te[m]... ido.

PROFESSORA FRANCINE: Hum... Não tem “...”?

ISABEL: (tentando ser mais clara) Ainda não...

PROFESSORA FRANCINE: (arrisca) Tive. Ainda não tive “...”?

ISABEL: Ainda não tive a experiência de viajar... Com meu namorado porque estou muito... *pequena* (jocosa).

PROFESSORA FRANCINE: Pequena?

ISABEL: Pequena.

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum.

CEM: Você também (estava conversando com Antonella, então não ouviu Isabel desde o começo)?

ISABEL: Eu (sem entender a pergunta)?

ANTONELLA: Sim, ela é pequena.

PROFESSORA FRANCINE: Eu sou muito pequena. Para nós, pequena é tamanho.

ISABEL: Eu sou jovem.

PROFESSORA FRANCINE: Eu sou muito jovem. Sou muito nova.... né? Falamos assim.

CEM: (jocosos) Muito nova. Você é pessoa muito jovem.

PROFESSORA FRANCINE: Você sabe quantos anos ela tem?

CEM: Sí, dezoito.

PROFESSORA FRANCINE: Ela poderia ser minha filha...

CEM: Sí.

PROFESSORA FRANCINE: Sim, verdadeiramente. Porque tenho mais que o dobro da idade dela. Tenho 42.

CEM: Filha de professora Francine.

PROFESSORA FRANCINE: Sim, poderia.

ISABEL: Essa é a verdade. Mas sh...

PROFESSORA FRANCINE: Segredo (risos)! E ela parece com o meu filho. Vocês já viram uma fotografia dele?

TODOS: (balançam a cabeça negativamente)

PROFESSORA FRANCINE: Não? Podem continuar, eu vou mostrar.

ANTONELLA: E... Você lembra de uma viagem[m] que foi marcante pra voc...

CEM: (interrompe Antonella) Mas ela não terminar?

ANTONELLA: Sim, ela disse...

ISABEL: Eu prefiro viajar com minha família.

ANTONELLA: Adoro (corrige a colega).

ISABEL: Eu adoro viajar com minha família. Porque temos uma relação... muito boa,
...

CEM: Você gosta de... eh... suas irmãs? Todos?

ISABEL: Sim, sempre. Eu adoro.

PROFESSORA FRANCINE: Muito bom. Eu estou observando que vocês estão indo bem aqui! Lembra que nós falamos sobre isso (escreve “com eles” no quadro e sua transcrição fonética)?

CEM: “Cooo[m] eles”.

PROFESSORA FRANCINE: (faz ar de estranheza)

CEM: [kou¹ɛlɪs]

ANTONELLA: [ˈkõ / ˈelɪs]

CEM: [ko¹ɛlɪs]

PROFESSORA FRANCINE: Neste caso, a gente vai (indicando que vai colocar o diacrítico da sílaba tônica em algum lugar, esperando que os alunos digam onde)...

CEM: [ko¹ɛlɪs]

PROFESSORA FRANCINE: [ˈelɪs]. Como é que eu faço aqui? Tem sílaba tônica onde?

ISABEL: Em [e].

CEM: [ko¹elɪs]

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum, muito bom.

ANTONELLA: Então qual foi o... uma viagem marcante para você?

CEM: Marcante?

ANTONELLA: Muito importante, fantástico...

CEM: Fantástico (vocaliza enquanto escreve a palavra em suas anotações, e ri). Eh...

Nós... Eh... fomos com amigos em uma universidade...

PROFESSORA FRANCINE: Cem, você tá falando baixinho...

CEM: *Baixin?* Ah! (brinca que vai falar alto) Nós fom (ri)... ! Nós fomos co[n] amigos universidade...

PROFESSORA FRANCINE: Amigos da universidade?

CEM: Da universidade, *Sí*. por... u[m] lugar nome... (incompreensível), em Turquia...

PROFESSORA FRANCINE: Na Turquia.

CEM: Na Turquia. Eh... Na Turquia em... (incompreensível), perto Antália.

PROFESSORA FRANCINE: Perto “...”? Da...

CEM: Perto da Antália.

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum...

CEM: Eh... pa... para uma semana...

PROFESSORA FRANCINE: Tempo (fazendo o aluno lembrar regra de uso das preposições “por” e “para”, vistas dias antes)!

CEM: Por! Por uma semana.

PROFESSORA FRANCINE: Uhm-hum...

CEM: Eh... Nós... Eh... estevamos...

PROFESSORA FRANCINE: Estivemos...

CEM: Estivemos muito alegre, feliz, todos.

PROFESSORA FRANCINE: Ok, estávamos. Nesse caso. Nós estávamos muito muito alegres, felizes, durante aquele tempo... porque não sabemos quando estava mais, ou menos. Mas, e isso aqui? Lá na... (incompreensível)?

CEM: Uh-hum.

PROFESSORA FRANCINE: Eh... o que vocês... o que comem lá?

CEM: Eh... (incompreensível). *Self-service*.

PROFESSORA FRANCINE: É quando você mesmo... se serve. “Serviço próprio”, né? Nesse caso, é quando você mesmo se serve. Não tem nenhum garçom pra servir você. Mas... Muitas coisas, muitas comidas, muitas “tipi” de comidas

PROFESSORA FRANCINE: Muitos tipos?

CEM: Tipos.

PROFESSORA FRANCINE: De comida.

CEM: Porque quando você vai eh... *un* outra grande... em Turkia... na *sur*

PROFESSORA FRANCINE: No Sul.

CEM: No Sul, muitos [ˈko]midas, é.

PROFESSORA FRANCINE: É, Burt falou para mim que tem uma variedade muito grande de comida lá.

CEM: *Sí*.

PROFESSORA FRANCINE: Mas... E a... aqui? “Dormir durante o dia (Lê na folha da atividade)”. Lá nesse lugar.

CEM: Dormir durante... o dia e quê?

PROFESSORA FRANCINE: É um hábito...?

ANTONELLA: (interrompe a professora) Onde você foi... as pessoas dormiam durante o dia?

CEM: *No... No* entende esta pergunta.

PROFESSORA FRANCINE: Não fazem uma siesta.

ISABEL: Siesta? *A nap?*

CEM: No entendo isto. Esta pergunta.

ISABEL: Tomar uma siesta.

PROFESSORA FRANCINE: Fazer.

ISABEL: *Take a nap.*

CEM: Ok. Entende, mas eh... Que nós tamos explicar, que nós falamos...?

ANTONELLA: Tem países onde é normal

ISABEL: Fazer uma siesta.

ANTONELLA: Fazer uma siesta durante o dia.

CEM: No. No. Porque eh... Turquia é um país medite[r]ânea.

PROFESSORA FRANCINE: Mediterrâneo.

CEM: medite[r]âneo. Mas eh... O Sul também *no* siesta durante o dia.

PROFESSORA FRANCINE: uh-hum... Não faz, siesta...

CEM: *Sí.* Porque esta no hábito...

PROFESSORA FRANCINE: Não é...

CEM: *No* é....

PROFESSORA FRANCINE: Não é hábito...

CEM: *No* é um “habitud”...

PROFESSORA FRANCINE: Eu vou mostrar aqui a Cem (vai até o aluno e mostra-lhe algo na folha de atividade). “As pessoas na cidade que visitei não ‘...’?”

CEM: ...no têm o hábito de

PROFESSORA FRANCIEN: Ok. Então nós podemos falar sobre as pessoas de lá. Tá?

E as meninas podem perguntar mais três coisas além destas duas e por isso que está aqui o exemplo, para que a gente fale com esta estrutura, “As pessoas na cidade que visitei não têm o hábito de ler nos parques”, ou “As pessoas não jogam lixo na rua”.

Vamos falar mais ou menos assim.

ISABEL: A gente anda sem camisa na rua?

CEM: Sem camisa?

ISABEL: Sem camisa.

CEM: AH! Como “brasileiros”? Quando... (faz sinal de quem está correndo). *No.*

PROFESSORA FRANCINE: Nãããooo (corrige-o, jocosa)!

CEM: Não!

PROFESSORA FRANCINE: (risos)

CEM: Nããã (vocaliza como exercício).

PROFESSORA FRANCINE: Vocês são testemunhas... de que ato de violência...

ANTONELLA: (pressiona as fossas nasais com o indicador e polegar da mão direita)

Nããã!

PROFESSORA FRANCINE: (risos)

CEM: Não. Mas porque elas fala muito espanhol, não?

PROFESSORA FRANCINE: Meninas, meninas!

ANTONELLA: A gente está falando sempre português.

CEM: Quê??

ANTONELLA: Sí! Porque esse fim de semana...

ISABEL: Só falamos português.

ANTONELLA: Só falamos português.

PROFESSORA FRANCINE: Ele não estava com vocês.

CEM: *Sí.*

PROFESSORA FRANCINE: Por isso. Ok, meninas, mais alguma pergunta para Cem?

ANTONELLA: Como tratava[m] os turistas?

CEM: (jocoso) Nós tomamos turistas em quarto e depois (faz gesto de quem vai atirar em alguém com uma espingarda)... (risos)

TODOS: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: (jocosa) Não vamos mais a essa região da Turquia. Nós “pegamos” os turistas, não “tomamos” os turistas. Então... as pessoas de lá tratam “...”?

ISABEL: Muito... mal?

PROFESSORA FRANCINE: Tratam muito mal os turistas.

CEM: Eh... alguns “lugars”, restaurante ou bars, antigamente, fez eh... muito caro preços para turistas.

PROFESSORA FRANCINE: “Antigamente”. Essa palavra puxa um verbo no pretérito imperfeito. Antigamente “...”?

CEM: Uh-hum.

PROFESSORA FRANCINE: ... faziam, antigamente tinham... preços muito caros para os turistas...

CEM: Mas agora, governo faz um...

ISABEL: Uma lei (tenta ajudar)?

CEM: *No* uma lei.

ISABEL: *Law*.

ANTONELLA: *Law*.

CEM: Ah, sim. Uma lei estrito.

PROFESSORA FRANCINE: Escrita?

CEM: *No. Strict*.

ISABEL: Uma lei muito forte.

CEM: Forte. Forte.

PROFESSORA FRANCINE: Uma lei radical.

CEM: Radical. E depois, eh... turistas são muito “relassi”

PROFESSORA FRANCINE: Relaxaaaados.

CEM: ...mais relaxados na Turquia.

PROFESSORA FRANCINE: E em seu país? Quais são as regras?

ISABEL: Como são os cumprimentos... em seu país?

CEM: Comprimidos?

ISABEL: Como...

ANTONELLA: Quando você encontra alguém...

CEM: Ah!

ANTONELLA: Você cumprimenta. Como é?

CEM: Eu vou mostrar (pergunta sorrindo)?

PROFESSORA FRANCINE: Não sei! Meninas, vocês querem que ele demonstre?

ISABEL: (jocosa) Eles sempre dão um beijo na boca.

PROFESSORA FRANCINE: Na boca?? Janaína não vai gostar disso.

CEM: Mas Janaína não está aqui!

TODOS: (risos)

CEM: Quando eu encontro um amigo, dois beijos, ...

PROFESSORA FRANCINE: nas faces.

CEM: Nas faces, ...

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum...

CEM: E... (faz gesto de aperto de mão).

PROFESSORA FRANCINE: E um aperto de mão.

CEM: E aperto de mão. Só.

PROFESSORA FRANCINE: Só, quando encontra os amigos? E as amigas?

CEM: As amigas, eh... *no*... (gesto de aperto de mão).

ISABEL: Não aperto de mão, só beijos.

CEM: Só beijos.

PROFESSORA FRANCINE: Então não é permitido que aperte a mão das amigas?

CEM: Uh-hum. No.

PROFESSORA FRANCINE: Só é permitido que se beijem.

CEM: Se beijem.

PROFESSORA FRANCINE: (risos, diante do olhar jocoso e desconfiado de Antonella)

ANTONELLA: Eu acho que esta é uma regra de Cem.

CEM: É uma *regla*?

ANTONELLA: De Cem!

CEM: No! Esta regra é ge-ge-ge...

PROFESSORA FRANCINE: Geral.

CEM: Geral.

PROFESSORA FRANCINE: Ok, obrigada. Meninas.

CEM: Eu vou perguntar... sempre! (risos)

ANTONELLA: E o que comem no seu país?

CEM: Que comem?

ANTONELLA: Qual é o prato típico, a comida típica?

CEM: Muito, muitos tipos de comidas. Mas... eh... como você sabe eh.... *döner kebab* é muito famoso. Eh... e (incompreensível) é fazendo de carne.

PROFESSORA FRANCINE: Como? O verbo?

CEM: Fazendo (vai até o quadro desenhar o prato típico)

PROFESSORA FRANCINE: Não seria um particípio?

ANTONELLA: Feito.

PROFESSORA FRANCINE: Feito? De carne?

CEM: Pequenas carnes dentro.

PROFESSORA FRANCINE: Dentro?

CEM: Em cima. Sobre. É muito... fino.

PROFESSORA FRANCINE: Ok, como é o nome disso?

CEM: (incompreensível). Mas muito bem gostoso. Na Turquia.

PROFESSORA FRANCINE: Ok, eh... vocês ouviram quando eu perguntei... “Não é permitido” (escreve a frase no quadro) “que...”

ISABEL: ...aperte[m]

PROFESSORA FRANCINE: ...apertem... tem...

ISABEL e ANTONELLA: ...as mãos.

PROFESSORA FRANCINE: ...as mãos das mulheres. Como é que fica aqui? “Não é permitido que ‘...’?”

ISABEL: se beijem.

PROFESSORA FRANCINE: Aqui, exatamente aqui?

ISABEL: ...aperte[m]...

ANTONELLA: apert[ẽĩ].

PROFESSORA FRANCINE: (faz um gesto semicircular com a mão esquerda, indicando a junção de palavras)

ANTONELLA: ...apert[ẽĩ] as mãos.

PROFESSORA FRANCINE: Isso! Então a gente não vai... (aponta para os próprios lábios fechados e contraídos)... fechar o lábio, lembra? Que a gente conversou sobre isso?

ANTONELLA: ...apert[ẽĩ] as mãos.

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente (e vai para o quadro transcrever foneticamente as palavras em junção: [apeh] e pára no [h]) Esse <r> aqui? A gente pode tirar, como no final da palavra?

ANTONELLA E ISABEL: [apɐh]tem.

ANTONELLA: Não.

PROFESSORA FRANCINE: Não. Né? Senão fica “apetem”.

CEM: [apɐh¹tẽĩ]

PROFESSORA FRANCINE: Então, e aqui, como é que fica (continua a transcrever foneticamente o segmento supracitado)?

ANTONELLA: [ẽ / ɪ].

PROFESSORA FRANCINE: Assim?

ANTONELLA: apɐrt[ẽĩ], as.

PROFESSORA FRANCINE: Isso, apɐrt[ẽĩas]. A[s]? A[z]? Como é que é aqui (espera os alunos dizerem se se trata de uma sibilante vozeada ou não)

ANTONELLA: [z].

PROFESSORA FRANCINE: Exatamente! [azmãũs].

CEM: apɐrt[ẽĩas].

PROFESSORA FRANCINE: E aqui?

ISABEL: Mãos.

PROFESSORA FRANCINE: Assim (transcreve [ãũs])? E agora, onde é que estão as partes fortes?

CEM: [a¹pɐhtẽĩaz¹mãũs].

ANTONELLA: [ˈpɛ]?

PROFESSORA FRANCINE: [a¹pɐhtẽĩaz¹mãũs], né?

ANTONELLA: Mãos.

PROFESSORA FRANCINE: Mãos. [a¹pɐhtẽĩaz¹mãũs]. Está bom assim?

CEM: Esta é como alemão.

PROFESSORA FRANCINE: (risos)

CEM: Aperta mão!

PROFESSORA FRANCINE: [a'pɛhtẽĩaz'mãũs]. [a'pɛhtẽĩ! O importante é a gente observar aqui, ó...

ANTONELLA: (dá ênfase à junção) [a'pɛhtẽĩaz'mãũs].

PROFESSORA FRANCINE: Cer...

CEM: [a'pɛhtẽĩaz'mãũs].

PROFESSORA FRANCINE: Se a gente observar aqui, a gente vê que esse <m> está simplesmente dando o som nasal a esse <i>, porque se nós fecharmos os lábios, fica “mas”. Né? [a'pɛhtẽmaz'mãũs]. E aí, vai ficar muito obscuro... Ok? Vamos lá? Agora nós temos pouco tempo. As meninas.

Neste momento da aula, a professora Francine, talvez ao perceber que os alunos ainda produziam formas não alvo, decide interromper a atividade para realizar uma instrução explícita do som através da transcrição fonética no quadro branco. Porém, a aluna que mais produziu forma não alvo foi Isabel, e dela não foi requerida uma oportunidade de vocalizar a junção de palavras estudada. Ela tampouco se voluntariou, provavelmente por perceber sua dificuldade na realização dos sons em questão. Teria sido benéfico para a aluna proceder na vocalização, pois isto seria um reforço para a memorização dos sons associados aos símbolos fonéticos apresentados, ao mesmo tempo em que praticasse sua articulação.

O ideal era que a professora Francine tivesse preparado os alunos para a realização da vocalização⁶ da nasal bilabial, pois assim não precisaria interromper o fluxo da conversa, o que a enriqueceria o debate sobre diferenças culturais. Com a preparação, os alunos poderiam ter monitorado sua fala nos sons em questão, sem perder a espontaneidade das

⁶ O termo aqui se refere à produção de som vocálico de um grafema que representa uma consoante, como no caso estudado: m → glide.

discussões. As correções da professora deveriam também limitar-se somente ao objetivo da atividade, e a situações de barreira no entendimento.

ISABEL: Uhm... que viagem[m] foi marcante para você?

ANTONELLA: Uhm... eu acho que o... viagem que foi marcante pra mim foi... viagem para Dubai, o ano passado com meus pais, e meu irmão.

PROFESSORA FRANCINE: Sim! A viagem, feminino.

ANTONELLA: A viagem[m].

CEM: A viagem?

ANTONELLA: Uh-hum. Fomos... Era muito tempo que... toda a família junta não ia pra um viagem... para uma viagem. E... então foi... divertido, e... eu gostei muito.

ISABEL: E... lá, a gente... como trata[m], os turistas (evita a junção, fazendo uma pausa) ?

ANTONELLA: Eh... (tem dificuldade de responder)

PROFESSORA FRANCINE: (jocosa) As pessoas não são como na Turquia não, né? Leva pro quarto...

ANTONELLA: (rindo) Não... É um lugar muito chique. Então os turistas são tratados muito bem. E... a gente se sentia rica (diz um pouco constrangida)!

PROFESSORA FRANCINE: Ok!

ANTONELLA: Pra tudo muito lindo, tudo muito limpo, tudo perfeito, e... as pessoas sempre trata[n] os turistas de uma maneira... de um jeito... *gentile?*

PROFESSORA FRANCINE: Gentil!

ANTONELLA: Gentil.

PROFESSORA FRANCINE: As pessoas sempre tratam os turistas de um modo gentil...

ANTONELLA: Mas o turista tem que respeitar algumas *reglas*.

PROFESSORA FRANCINE: Regras?

ANTONELLA: Regras. Porque... Dubai é um país muçulmano...

PROFESSORA FRANCINE: Sim.

ANTONELLA: Então você não pode ir na rua... ahm... (faz gesto com as mãos referindo-se ao próprio modo de vestir-se, que na ocasião da aula vestia um vestido “tomara-que-caia”)

PROFESSORA FRANCINE: ...mostrando...

ANTONELLA: Mostrando de mais, né? Tem que... cobrir-se um pouco. Não muito. Não... cê não tem que utilizar o *xador*, por exemplo, isso não é muçulmano.

ISABEL: Mas... tem que respeitar.

PROFESSORA FRANCINE: Muito bem. O que eles comem lá?

ANTONELLA: Na verdade, come[n]... eh... comida típica de todo o mundo!

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum...

ANTONELLA: Eu acho que não foi a um restaurante árabe.

CEM: Italiano (risos)!

ANTONELLA: Tem restaurante italiano, espanhol, japonês...

CEM: Sim?

ANTONELLA: Sim, tem restaurantes de todos...

CEM: No restaurante típico?

ANTONELLA: Não.

PROFESSORA FRANCINE: Interessante. Não é? Eles comem (com pronúncia vagarosa) comida de todos...

CEM: No restaurante típico árabe?

ANTONELLA: Eu acho que tem também, mas... é mais fácil encontrar um restaurante de comida internacional.

PROFESSORA FRANCINE: Certo! É, achei interessante também, porque na Turquia eles têm também comida de todo o mundo, mas têm uma comida típica. Mas lá... não. Comem comida de todo o mundo, e ponto.

ANTONELLA: Sim.

CEM: Nós temos “restorates”... só... só por turistas...

PROFESSORA FRANCINE: “Para”. “Finalidade, turistas (fazendo referência a regra de uso da preposição ‘para’) ”. Para turistas...

CEM: “Para” turistas. Só comidas típicos.

PROFESSORA FRANCINE: Comidas? Típicas.

CEM: Comidas típicas.

ANTONELLA: Em Dubai, você pode encontrar restaurante que... cozinha[n] pratos típico, como *falafel*. São pratos, eh... árabes. Mas, cozinham também *pasta*, ou... cozinham tudo! Uma mistura!

PROFESSORA FRANCINE: Observem que Antonella falou “comem comida”. Então, aqui (aponta para a transcrição fonética da palavra comem, ainda no quadro), “comem comida de todo o mundo”. Comem... comida... então a gente vem, mas aqui ó... comem as... apertam as mãos. “Apertem as mãos”, “comem comida”. É diferente.

ANTONELLA: Tem uma... *consonante*.

PROFESSORA FRANCINE: Uma consoante, muito bem (repetição corretiva). Que mais? Quem vai perguntar mais uma coisa para Antonella, pra depois Isabel falar?

ISABEL: Os cumprimentos, são como?

ANTONELLA: O[s] homens se cumprimenta[n] com beijo... nas faces.

PROFESSORA FRANCINE: Também?

ANTONELLA: Também.

CEM: Três beijos.

ANTONELLA: Três beijos.

PROFESSORA FRANCINE: E na Turquia?

CEM: Duas.

PROFESSORA FRANCINE: Dois, o beijo é masculino.

CEM: Dois.

ANTONELLA: Eles ficam muito tempo cumprimentando.

PROFESSORA FRANCINE: Ah, é? Como assim?

ANTONELLA: (fala palavras em árabe, gesticulando com entusiasmo) *Salaam Aleikum!*

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Diferente, não?

ANTONELLA: Quanto tempo demora (risos)!? Mas as mulheres, não. Não se to[z]cam, não se beijam, não se...

PROFESSORA FRANCINE: Então os homens

CEM: Sim, porque muçulmano...

ISABEL: Para os muçulmanos...

CEM: O que?

ISABEL: “Para” os muçulmanos (diz impaciente)...

CEM: Ah, *sí*. *Nó* “para” os muçulmanos. Eu não vou dizer “para os muçulmanos (diz irritado)”.

PROFESSORA FRANCINE: Olha a briga (jocosa, contemporiza)! Humpf!

ANTONELLA: (risos)

CEM: (sorrindo) Os muçulmanos... eh... pensa que para mulheres...

PROFESSORA FRANCINE: Pensam. Plural. Os muçulmanos pensam...

CEM: pensam mulheres, eh... no precisa beijar. Ou “treitar” o...

PROFESSORA FRANCINE: Tratar?

CEM: (olha para Antonella) *Behave*.

ANTONELLA: Portar-se.

CEM: O que?

ANTONELLA: Por-tar-se.

PROFESSORA FRANCINE: Comportar-se, né? O comportamento... o jeito...

CEM: *Sí*, eh... porque... in *Koran*⁷, (incompreensível) escrito...

PROFESSORA FRANCINE: Alcorão?

ANTONELLA: Corão.

CEM: Corão.

PROFESSORA FRANCINE : Corão. Alcorão.

CEM: ...escreve... eh... mulheres no ah... no pode fazer...

PROFESSORA FRANCINE: “Não”...

CEM: “Não” pode fazer “namas”... in “mosco”, mulheres eh... homens, sempre diferente (fazendo gesto de “separados”).

PROFESSORA FRANCINE: Sempre serão diferentes, separados.

ISABEL: Você é muçulmano?

CEM: Eu sou “cristiano”.

ISABEL: Eu não gosto... dessa... cultura...

PROFESSORA FRANCINE: ...da cultura muçulmana.

ISABEL: Eu sou muito... pra mim é (parece incomodada)...

PROFESSORA FRANCINE: É porque é diferente, né? Muito diferente...

ISABEL: (interrompe a professora) ...as mulheres são como... muito inferiores.

⁷ O Corão

PROFESSORA FRANCINE: Coisas.

CEM: Eu... Eh... Eu não gosto também porque eu... eu conheci muito perto cultura de muçulmanos e... porque muçulmanos, eh... diz “muçulmas” é um religião... muito... limpo. Mas se você viu todos países muçulmanos, são... tudo... sujo. Lixo.

PROFESSORA FRANCINE: Ah, entendo.

CEM: Entende?

PROFESSORA FRANCINE: A parte visual é suja. Então, deveria ser também limpa, a parte visual, se a parte interior é limpa. Ok, mas é a questão que às vezes tem alguns choques, é realmente em relação à cultura, e alguns extremismos. Não é? Ok... e aqui?

CEM: Eh... O respeito ao pedestre.

ANTONELLA: Ah, mas não pergunta a ela agora(refere-se a Isabel)?

PROFESSORA FRANCINE: É, melhor perguntar a Isabel, mas agora, esse último aqui, só esse último. Algum aspecto em seu país. Como é que são as regras? Além do que Isabel perguntou e do que Cem perguntou.

ANTONELLA: Na Itália, eh... cumprimentos, não sei... (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Por exemplo...

ANTONELLA: A gente se cumprimenta, como... (faz gesto de aperto de mão) assim...

Co[n] apertando as duas mãos.

PROFESSORA FRANCINE: Ou simplesmente falando “...”?

ANTONELLA: *Ciao!*

PROFESSORA FRANCINE: Então... apertando as mãos ou falando...

ANTONELLA: Mas é engraçado porque talvez quando... ahm... as pessoas cumprimentam comigo,

PROFESSORA FRANCINE: “Me cumprimentam”

ANTONELLA: Me cumprimenta e me diz “oi”, eu respondo “*ciao!*”

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Como se estivesse na Itália!

ANTONELLA: Si, si. Mas aqui “tchau” é quando você vai embora.

PROFESSORA FRANCINE: É verdade.

ISABEL: Ah! *Ciao é hola?*

ANTONELLA: *Sí!*

PROFESSORA FRANCINE: Oi... Ela descobriu hoje (risos)!

ANTONELLA: Você utiliza *ciao* sempre. *Ciao* quando encontra uma pessoa, *ciao* quando vai embora...

ISABEL: Sempre *ciao*.

PROFESSORA FRANCINE: Para nós é quando a gente vai embora. Ok, uma coisa diferente. Uma das regras diferentes na Itália. Então é necessário que eu saiba, quando eu chegar lá, na Itália...

ANTONELLA: Que você pode falar *ciao*... com todo mundo.

PROFESSORA FRANCINE: Que mais, alguma coisa mais?

ISABEL: Como é a siesta?

ANTONELLA: No sul da Itália, é... importante esse... “tome”... siesta... eh... durante a tarde. Mas, no norte da Itália, não é costume.

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum... Ok. Podemos passar pra cá...

ANTONELLA: Quando... qual foi o viagem marcante?

ISABEL: Uhm... primeira vez fui... pra França... eu fui sozinha...

PROFESSORA FRANCINE: Você tinha quantos anos?

ISABEL: Eh...

CEM: (riso irônico)

ISABEL: *Quince*.

PROFESSORA FRANCINE: Quinze anos.

ANTONELLA: E você gostou da França?

ISABEL: Eu gostei muito. Eu gostaria morar lá.

PROFESSORA FRANCINE: Eu gostaria “...”?

ISABEL: ...”de” morar lá.

PROFESSORA FRANCINE: Ok.

ISABEL: Eu não gosto a comida.

PROFESSORA FRANCINE: “da” comida.

ISABEL: Da comida... pra mim a pior comida do mundo...

PROFESSORA FRANCINE: Olha!

ISABEL: Eu não entendo por que a gente fala que a comida francesa é gostosa. Então, eu não gosto.

PROFESSORA FRANCINE: Antonella concorda com você.

CEM: *S?*

PROFESSORA FRANCINE: O que eles comem lá?

ISABEL: Uma comida... sem sabor... sem... simples...

CEM: Sempre carne.

ISABEL: A carne crua... os mariscos... não são gostosos... eu não gosto. O único que eu gosto é o [paʊ].

PROFESSORA FRANCINE: O “...”?

ISABEL: o [paʊ].

PROFESSORA FRANCINE: Pão.

ISABEL: [paʊ]. O [paʊ] é muito gostoso, e os queijos.

CEM: Queijos.

ISABEL: *S?* Os queijos são...

PROFESSORA FRANCINE: Então ela ia viver de pão e queijo... ou então fazer a própria comida.

ANTONELLA: Queijo e vinho (risos).

PROFESSORA FRANCINE: Poderíamos encontrar Isabel todos os dias... bêbada!

CEM: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Sim, continue.

ANTONELLA: E... as pessoa dormem durante o dia?

ISABEL: Não, onde eu morava eles não... eu acho que é uma... um jeito dos países quentes.

PROFESSORA FRANCINE: Dos países quentes...

ISABEL: Sim, na Colômbia... ah, depois eu falo.

PROFESSORA FRANCINE: Mas pode. Pode misturar, não tem problema.

ISABEL: Na Colômbia a gente geralmente faz... ehm... faz uma siesta.

PROFESSORA FRANCINE: Porque é muito quente? Porque é um hábito?

ISABEL: Não, um hábito.

ANTONELLA: Mas eu acho porque é quente. É difícil sair de casa quando tem 40º, né? Em Dubai...

CEM: Aqui quente também, mas no hábito...também.

PROFESSORA FRANCINE: Salvador não, mas no interior, sim.

ANTONELLA: No Dubai, durante o dia, as pessoas não caminhava na rua. Durante a noite se podia ver as familias nos... jardins... com as meninas, as crianças jogando... durante a noite.

PROFESSORA FRANCINE: Mais fresco, não?

ANTONELLA: Sim.

PROFESSORA FRANCINE: Continue, Isabel.

ISABEL: Ahm... que mais...?

ANTONELLA: Como tratam os turistas?

ISABEL: Os franceses são muito... como se fala... muito frios.

CEM: *Sí*.

ISABEL: Então não gostam muito... de falar. Você pergunta e eles... respondem, mas...

PROFESSORA FRANCINE: Respondem de maneira seca.

ISABEL: Eu gosto... França

PROFESSORA FRANCINE: Da!

ISABEL: Da França. Por... Paris, a elegância. Mas eu não gosto a gente.

PROFESSORA FRANCINE: “Da gente”.

ISABEL: Da gente. A gente é muito feia. E eu estou habituada a gente muito aberta. E lá são muito fechados.

PROFESSORA FRANCINE: E no seu país? Alguma regra especial, diferente da França?

ISABEL: Os cumprimentos... nós só damos um beijo. Quando conhecemos. Quando não conhecemos, só aperto de mão.

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum...

ISABEL: As mulheres também. Pra mim, eu não beijo... um homem. Esta mesma semana, foi muito engraçado, porque havia um homem...

PROFESSORA FRANCINE: Um homem?

ISABEL: Estava vendendo... coisas... na praia... em... Ilha dos Frades. E depois, nós encontramos co[n] ele... aqui em... Porto, e aí ele primeiro apertou a mão, e eu queria só apertar a mão, mas ele insistiu...

ANTONELLA: (rindo) Tão feio para pensar...

PROFESSORA FRANCINE: E... Ele conseguiu, né?

PROFESSORA FRANCINE: Então, “Nós encontramos com ele,... (aponta para a transcrição já feita antes no quadro: [kõ^lelɪ]”

CEM: Com ele...

PROFESSORA FRANCINE: Com este homem. “Homem” tem mais ou menos essa questão aqui, né? Ho-mem (transcreve a palavra foneticamente no quadro: [õmẽĩ]). Mais alguma particularidade? Da Colômbia em relação à dança? Alguma coisa importante é que se passa? Na colômbia, que não seja importante na França?

ISABEL: A gente quer andar sem camisa na rua. Pra mim isso é horrível. Mas na Colômbia, há gente que...

PROFESSORA FRANCINE: As pessoas andam... sem camisa na rua.

ISABEL: Não muito no interior, mas nas costas, sim.

PROFESSORA FRANCINE: Por causa de uma... de uma cultura mais litorânea. Aqui também, no interior as pessoas não andam tanto... de-de... sem camisa.

CEM: Mulheres não, mas homens, sim.

PROFESSORA FRANCINE: Não! No interior. Mas aqui, em Salvador, sim! Andam, por causa da cultura litorânea, é diferente, né? Ok. Mais alguma coisa?

CEM: Não.

PROFESSORA FRANCINE: Não? Tudo bem? Nós vamos ouvir uma música com o presente do subjuntivo.

**Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento:
quinto dia**

PROFESSORA FRANCINE: Olha, eu vou escrever uma coisa aqui no quadro, vocês vão olhando e pensando, tá?

A professora Francine escreveu no quadro:

O que você fez:

ontem à tarde?

ontem à noite?

anteontem à noite?

PROFESSORA FRANCINE: Ó a mentira, viu?

Momentos depois..

PROFESSORA FRANCINE: Olha. Vocês vão escrever três frases em resposta a isso.

Mas veja bem: cada um de vocês vai escrever três frases em resposta a isso, mas “uma” delas deve ser mentira. Mas esta mentira não deve ser claaara. Óoobvia. Para que você veja... vocês estão trabalhando juntos já há três semanas... ou quatro?.

ISABEL: três.

PROFESSORA FRANCINE: Vocês se conhecem bem, vocês... se divertem juntos, se ajudam, vamos ver se vocês conseguem reconhecer qual é a frase mentirosa, qual é a mentira, você vai escrever três frases, duas verdades, e uma mentira. Então, vocês vão escrever agora, depois vocês vão se juntar, vão contar um para o outro, mas não... a que for mentirosa, a frase que é uma mentira, não deixe que seja fácil não. Mas ainda assim vamos ver se vocês conseguem descobrir. Eh... quando vocês terminarem de escrever, aí vocês vão se juntar um pouquinho mais, pra ver... quem consegue descobrir a frase mentirosa. Tá bom? Primeira parte.

(Minutos depois...)

PROFESSORA FRANCINE: Pronto... Terminou, Cem?

CEM: Não.

PROFESSORA FRANCINE: Cem não consegue mentir, meninas! (risos)

CEM: Novela é feminino ou masculino?

PROFESSORA FRANCINE: a novela...

CEM: A novela.

(Minutos depois...)

CEM: (fazendo gesto de quem está pescando). Eh... (querendo saber o significado)

PROFESSORA FRANCINE: Pescar?

CEM: Pescar.

PROFESSORA FRANCINE: Peixe?

CEM: Assente com a cabeça.

PROFESSORA FRANCINE: Pescar peixe.

CEM: Terminei.

PROFESSORA FRANCINE: Sim? Antes de vocês conversarem sobre o que vocês escreveram, eu só queria que você, vocês lessem isso aqui pra mim.

Em seguida, a professora acrescentou a cada frase a transcrição fonética dos limites entre as palavras, assim:

ontem à tarde?

[ẽĩə]

ontem à noite?

[ẽĩə]

anteontem à noite?

[ẽĩə]

Depois, pediu aos alunos que pronunciassem as palavras, enquanto apontava sua transcrição fonética no quadro:

PROFESSORA FRANCINE: Cem, pode ler aqui?

CEM: O que você fez [o]...ont[ẽĩ / a] tarde.

PROFESSORA FRANCINE: Ont[ẽĩ] à tarde?

ISABEL: ont[ẽĩ a] tarde

PROFESSORA FRANCINE: Pode repetir? (apontando para “ontem à tarde”)

CEM: ont[ẽĩ / a] tarde.

PROFESSORA FRANCINE: ont[ẽĩ a] tarde, O.K.. Antonella?

ANTONELLA: (receosa) O que você... O que você fez onte[m a]noite?

PROFESSORA FRANCINE: Vamos repetir? (colocando a mão abaixo da transcrição fonética da junção)

ANTONELLA: O que você fez ont[ẽĩ ə] noite.

PROFESSORA FRANCINE: Siiiiim! E finalmente?

ISABEL: O que você fez anteont[ẽĩ / a] noite?

PROFESSORA FRANCINE: Então, essa prática foi para a gente lembrar “sempre”, repetidas vezes, que não vamos “cortar” a palavra desse <m>. A gente vai perceber que isso é pra nasalizar esse <e> e automaticamente a gente vai ter um som de <i> na pronúncia, e nessa vogal, então, na fluência a gente liga: ont[ẽĩ a] tarde, ont[ẽĩ ə] noite, anteont[ẽĩ ə] noite. Vamos lembrar disso por nossa prática aqui, que a gente não vai cort... onte[ma] . Certo? ont[ẽĩ a] tarde, ont[ẽĩ ə] noite, anteont[ẽĩ ə] noite. Mas conversem, eu quero ver quem vai reconhecer a verdade e a mentira de quem.

ISABEL: Começa, Cem.

CEM: Eu vou ler?

ISABEL: Certo.

CEM: Certo?

ANTONELLA (pergunta a Cem): O que você fez ont[em]a tarde?

CEM: Estudei na casa.

PROFESSORA FRANCINE (de modo jocoso): De quem?

CEM (olha-a sem entender)

ANTONELLA: Issa é a mentira!

TODOS: (risos)

ANTONELLA: De ont[em] a tarde fomos todos juntos à praia!

PROFESSORA FRANCINE (jocosa): Foi óbvio!

CEM: Mas depois de Brotas!

ISABEL: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: continue para ver se elas descobrem as duas primeiras.

CEM: Está co[r]eto! Eu diga outra!

PROFESSORA FRANCINE: Eu...? (incentivando a autocorreção)

ISABEL: Ah! Ele vai falar... muitas mentiras. Várias mentiras.

PROFESSORA FRANCINE: Ih...!

ANTONELLA: Cem, o que você fez onte[em] a noite?

PROFESSORA FRANCINE: OPS!

ANTONELLA: ont[em] a noite.

PROFESSORA FRANCINE (jocosa): Sim senhora!

CEM: Eu assitei eh... minha novela turca.

ANTONELLA: É verdade, ele disse antes... E anteont[em] a noite?

CEM: Eu fui a pescar na Barra... (risos)

TODOS: risos

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Eu fui a...? Não! Isso é do espanhol! (jocosa). Eu fui pescar. Mas... você ainda está na Barra. Então eu “...”?

ISABEL: Vim.

PROFESSORA FRANCINE: Eu vim pescar na Barra. Se eu estivesse em Brotas, ou Santo Agostinho, “Eu fui”. Eu vim pescar na Barra. E aí, meninas?

ANTONELLA: Então, a terceira é... a mentira.

CEM (rindo): No, tudo correto!

PROFESSORA FRANCINE: O que?

CEM: Todos correto! (piscando o olho para a professora)

PROFESSORA FRANCINE: Tudo é verdade!

ISABEL: Tudo mentira!

PROFESSORA FRANCINE: Tudo mentira! As meninas não conseguiram saber o que é mentira nem verdade. Sim! Antonella falou. Uma verdade.

ISABEL: Antonella, o que você fez... ont[eə] noite?

Isabel evita o glide, numa tentativa de fazer a junção.

ANTONELLA: Ont[ẽ̃_ə] noite eu fui a comer uma sorvete [kõũ] a Luana. De chocolate e pavê.

PROFESSORA FRANCINE: Ouviram?

ISABEL: E ont[eə] tarde?

ANTONELLA: Fui a comer (risos).

PROFESSORA FRANCINE (depois de escrever no quadro “vou a comer” e “fui a comer”): Não tem “a”, nem no futuro com ir, nem no passado com ir (mostra exemplos no quadro).

CEM: hum...

PROFESSORA FRANCINE: Certo? Agora, tem uma coisa, mais: nós usamos para “sorvete”, o verbo “...”? (escreve “tomar” no quadro).

ISABEL: Tomar.

PROFESSORA FRANCINE: Tomar. Agora pode repetir pra Antonella, isso aqui (mostra a transcrição fonética da junção de palavras em questão)?

ISABEL: O que você fez ont[**eə**] tarde?

ANTONELLA (corrigindo a colega): ont[ẽĩ / ə] tarde?

ISABEL: ont[**eə**] tarde.

ANTONELLA: Ont[ẽĩ a] tarde... eu... fui à praia, para bronzear e beber uma caipirinha.

PROFESSORA EDNA: Nesse caso, bronzear vai um reflexivo, não?

ANTONELLA: Para me bronzear.

ISABEL: Para me bronzear.

CEM: hum...

ISABEL: E anteont[**eɪm**], à noite?

ANTONELLA: Anteonte[**em** ə] noite

PROFESSORA FRANCINE: Opa!

ANTONELLA: Anteont[ẽĩ ə] noite...

PROFESSORA FRANCINE: (risos)

ANTONELLA: ...eu fui tomar uma pizza...?

PROFESSORA FRANCINE: Comer.

ANTONELLA: Comer uma pizza. Marguerita.

ISABEL: A gente acha... a gente n[**aʊ**], eu acho... que um... eh... [e]la n[**aʊ**]...

foi (olha para o quadro branco onde está escrito (“tomar sorvete”) ... tomar um sorvete
ont[eə] noite.

ANTONELLA: (sorri assentindo)

PROFESSORA FRANCINE: Aê! Muito bem! Olha, foi mais fácil reconhecer a
mentira de Antonella, do que a mentira de Cem.

ISABEL (jocosa): Sim, Antonella fala a verdade. Mas Cem... a mentira. Você é uma
mentira (dirige-se a Cem)!

TODOS: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: Cem, não posso entrar nessa discussão, porque, né? Elas
conhecem muito bem, ah... você... fora da escola, né? O que eu posso fazer? Não
posso defendê-lo.

CEM: (balança a cabeça, sorrindo)

PROFESSORA FRANCINE: Posso?

ISABEL: Não precisa defender.

PROFESSORA FRANCINE: Não precisa de defesa!

CEM: Tá bom...

PROFESSORA (jocosa, em tom de piedade): Oh, ele aceitou! Ele aceitou, Isabel,
pobrezinho!

ISABEL: Sim...

PROFESSORA FRANCINE: Quem vai perguntar a Isabel?

CEM: Eu! ... O que você fez ont[ẽ / a] tarde?

ISABEL: Eh... ont[eə] tarde eu estive na praia com meus amigos e um bicho de sete
cabeças.

CEM: Que??

PROFESSORA FRANCINE: (risos)

CEM: Um “bitchi”?

ANTONELLA: (risos) Um bicho de sete cabeças...

PROFESSORA FRANCINE: Ontem à tarde “...”?

ISABEL: Eu estive.

PROFESSORA FRANCINE: Eu estive “...”?

ISABEL: Na praia... com meus amigos...

PROFESSORA FRANCINE: Hum...

ISABEL: ...e um bicho (pronuncia [ˈbitʃo]) de sete cabeças. Que se chama Cem. (jocosa)! Isso é verdade.

CEM: Bi[tʃu] de “...”?

ISABEL: Sete cabeças.

PROFESSORA FRANCINE: Ontem à tarde eu estive na Barra com meus amigos e um bi[ʃ:]o... de sete cabeças (risos)! “Peraí”, viu (transcreve “bicho” foneticamente no quadro)?

ANTONELLA: [ˈbiʃo].

ISABEL: [ˈbiʃo].

PROFESSORA FRANCINE: [ˈbiʃu], é. Senão a gente vai fazer [tʃ:]. Que nem *sandwich*. [ˈbiʃo]. É [ʃ:]... (exagera na produção para que os alunos percebam).

ISABEL: De sete cabeças!

PROFESSORA FRANCINE: De sete cabeças. Não vai perguntar mais nada?

CEM: Esta é... a mentira.

PROFESSORA FRANCINE: Esta é a mentira? Então vamos ouvir as outras pra saber se esta é a mentira.

CEM: E ontem ont[ẽã] noite. O que você fez?

ISABEL: Ehm... Ont [eə] à noite eu fiquei e[m] casa. E... falei com a minha família brasileira.

PROFESSORA FRANCINE: “Eu falei” seria “conversei”, não é?

ISABEL: Conversei.

PROFESSORA FRANCINE: Com a minha família brasileira.

CEM: E... anteonte[m] à noite?

ISABEL: E anteont[ẽ / a] noite, fui a comer bolo...

PROFESSORA FRANCINE: (mostra a anotação no quadro sobre a ausência da preposição a em verbos compostos por infinitivo)

ISABEL: Fui comer...

CEM: Duas mentiras. Aqui, eh... bicho de sete cabeças *no*, porque estou príncipe...

PROFESSORA FRANCINE: Porque “sou o príncipe”.

CEM: Sou o príncipe. E depois, você *no* come um bolo... eu acho que.

ISABEL: Eu comi um bolo mas eu não... (incompreensível)

PROFESSORA FRANCINE: Olha! Ele conhece você... (risos) Bravo! Bravo! Então... eh... no caso... aqui tudo bem, Antonella? Há uma tendência ainda de fechar a boca no < m >, você...

ANTONELLA: ...porque em italiano [m]...

PROFESSORA FRANCINE: É forte, né? Não só italiano, inglês também. Eh... um ator chamado Arnold Schwarzeneger, ele veio fazer uma propaganda de uma escola de inglês aqui. E foi muito interessante porque ele dizia assim: eh... C.C.A.A. (escreveu no quadro e pronunciou[sisieɹeɹ]). É o nome do curso (escreve “é assim que se fala” no quadro, continuando a frase). Antes, na propaganda, ele falava que pra você falar bem inglês, você tinha que ir pra esse curso, C.C.A.A., aí no final ele dizia “C.C.A.A. É assi[m] que se fala”. É assi[m] que se fala”. E no nosso caso, falamos é...

ANTONELLA: [asĩ].

PROFESSORA FRANCINE: Assim.

CEM: Em turco também.

PROFESSORA FRANCINE: Em turco também o <m> é forte?

CEM: Eh... eu sou turco...

PROFESSORA FRANCINE: hum...

CEM: *Ben Türk duyuyorum*

PROFESSORA FRANCINE: Uh-hum. Então, esse final de palavra...

CEM: *Sí*.

PROFESSORA FRANCINE: Esse <m> forte... né... só que no seu caso, eu ouvi um [ũm]... mas aqui nas meninas é [m:ə], mesmo. Não é? Esse “Assi[m]! Ele é forte.

CEM: Mas, italianos têm *accent*, eh...

PROFESSORA FRANCINE: Sotaque.

CEM: *Sí*...

ISABEL: Como se escreve sotaque?

PROFESSORA FRANCINE: (vai ao quadro e escreve a palavra).

ANTONELLA: Os italianos têm sotaque e também em italiano existem palavras que terminam com “consonantes”.

PROFESSORA FRANCINE: Com consoantes, né? É, eu não sabia... interessante.

ISABEL: Em espanhol temos *muy pocas*...

PROFESSORA FRANCINE: Muito “...”?

ISABEL: Muito poucas palavras que terminam com *consonantes*. E em <m>, nenhuma.

PROFESSORA FRANCINE: Nenhuma?

ISABEL: Nenhuma.

PROFESSORA FRANCINE: E pra nós, o <n> final é pra nasalizar essa vogal anterior, não é? O <l> final, nós também não pronunciamos o <l>, e o italiano e o espanhol já pronunciam... Eu acho isso interessante porque forma essa diversidade rica de pronúncia. Claro que na hora de aprender temos um pouco mais de trabalho, mas é assim que fazemos. Ont[ẽĩ a] tarde, justamente porque esse som vai ser produzido aqui, e aqui. Então esse <a> vem logo... você pode falar pausadamente ont[ẽĩ / ə] tarde, claro, mas não é igual a ont[ẽĩ a] tarde, quando você fala de maneira mais rápida, mais fluente. Ont[ẽĩ ə] noite, anteont[ẽĩ ə] noite. Como fazer para eu separar essa pronúncia da minha língua desta nova língua? É essa prática mesmo que nós estamos fazendo, é por ouvir e reproduzir, mas visualizar é interessante para que com consciência eu possa produzir melhor, reproduzir melhor o som. E aqui, Isabel? Hoje a gente pegou outra vez o [tʃ], né? –[i]o], [ʃ]. Mas eu gostei... gostei de vocês poderem reconhecer a mentira um do outro, e a verdade um do outro (risos).

Transcrição das falas da professora Francine e seus alunos nas aulas durante o experimento:

sexto dia

Neste último dia, a aluna Darica retorna às aulas, depois de ter se ausentado no terceiro, quarto e quinto dias.

PROFESSORA FRANCINE: Vocês já brincaram... desse jogo aqui (escreveu “BINGO” no quadro branco)?

CEM: (entusiasmado) Ah! *S!*

ANTONELLA: Bingo!

PROFESSORA FRANCINE: Sim? Vamos brincar hoje outra vez. Mas antes... de chegarmos ao bingo... exatamente, vamos fazer outras partes para que este bingo seja... eh... relativamente... eh... fácil. Digamos assim. Os pares estão prontos? Então, meus queridos? O que vocês vão fazer? Vocês vão associar as figuras a estas palavras. É o primeiro passo. Então eu acho que vocês vão ter que trabalhar no chão (Antonella e Darica sentam-se no chão). Pra espalhar, porque a gente não tem uma mesa, né? Não tem uma mesa. Vamos lá. Quem tiver dúvida quanto à figura, pode me chamar.

Os quatro alunos então procedem no que a professora instruiu. Associaram, assim, figuras às palavras correspondentes, para utilização posterior.

PROFESSORA FRANCINE: Está em empate! Como é que falamos?

ANTONELLA: Empate.

PROFESSORA FRANCINE: Empate. É quando temos o mesmo resultado. Mas, para a pronúncia de vocês isso é um ganho. Isso é muito bom, esse empate. Mas nós vamos, eh... antes de pronunciar estas palavras, agora, juntos, nós vamos colocá-las, embaixo, outra vez, da representação da pronúncia, da representação fonética. Então vamos lá... Lembrem, que isso aqui era assim (refere-se ao símbolo [r])...

CEM: *Sí*... guarda-chuva.

PROFESSORA FRANCINE: É... mas esse guarda-chuva é o que? O som dele?

ANTONELLA: [r].

PROFESSORA FRANCINE: Sim... Ok! Muito bem! (...) Inclusive as palavras que não estão em associação com as gravuras, inclusive estas vocês colocam aqui, tá? Então, vamos trabalhar só com um grupo, vamos fazer o seguinte: vamos trabalhar com as

palavras as de um dos pares. De vocês aqui (dirige-se a Cem e Isabel). Agora vocês vão colocar essas palavras aqui nas colunas.

Os alunos distribuem então as palavras sob os símbolos fonéticos [ʒ], [s], [z], [r], [h], [ʃ], [o], [u]. A professora começa então um exercício de pronúncia das palavras, em que ela as pronunciava e os alunos repetiam. Não pronunciou os sons representados pelos símbolos fonéticos, o que seria interessante para o treinamento fonético dos alunos. Entretanto, a professora enfatizava seus sons ao pronunciar as palavras.

Ao chegar com os alunos na coluna [s], a professora se surpreende com a presença da palavra “sul” nessa coluna:

PROFESSORA FRANCINE: Esse “sul”, ele pode também estar, se a gente observar essa parte (aponta para a rima da palavra)... ok, vocês observaram esta (<s>). Muito bem, está correta.

ISABEL: Mas pode ser lá (aponta para [o], mas a professora pensou que tivesse sido para [u])...

PROFESSORA FRANCINE: Pode ser lá, né? Se a gente observar a parte final? Então, pra que ele (o símbolo [u]) não fique tão sozinho, eu vou botar aqui, tá bom?

CEM: Uh-hum.

A professora Francine, antes de transferir a palavra para a coluna [u], retira de lá a palavra “sou”, que estava sob o símbolo [u] por estar de cabeça para baixo, como se fosse “nos”).

ISABEL: Ah... Ah! É [su]. [so]. (referindo-se à palavra “sou”, que estava sob o símbolo [u], por estar de cabeça para baixo, como se fosse “nos”).

CEM: Ah! [so].

PROFESSORA FRANCINE: (risos).

ISABEL: Eu Sou (está com a palavra “sou” na mão)

CEM: Eu sou.

PROFESSORA FRANCINE: Onde é que a gente pode botar? Muito bom (risos)!

ISABEL: Lá (aponta para a coluna [u]). Não! lá (coluna [o]).

PROFESSORA FRANCINE: Isso! Muito bom! Muito bom (risos)! Vocês fizeram um trabalho duplo. Se bem que nós...

ANTONELLA: Para mim era [nus].

PROFESSORA FRANCINE: Nos. É, se fosse “nos” ([nus])... muito beeem (risos)!!

Palavra polivalente. Então vamos voltar pra cá. “Caça” e “assa”.

A professora prossegue na atividade de audição e repetição, e ao chegar nas palavras da coluna [z], que formam pares mínimos com as da coluna [s], chama a atenção deles para o vozeamento da sibilante, sem, entretanto, realçar os pares mínimos.

PROFESSORA FRANCINE: Percebem aqui? A necessidade da pronúncia? Estou gostando. Esse grupo, depois quando chegar aos seus países vão ser professores da pronúncia da língua portuguesa. Bravo (sussurra)! Aqui: “caro”....

Ao terminar a atividade de audição e repetição, a professora se dá conta de que poderia organizar as colunas em pares mínimos. Desloca, assim, a coluna [ʃ] para junto de [z],

PROFESSORA FRANCINE: Bem, vamos colocar... este... pertinho deste... Percebem?

Também aqui, esses pares?

DARICA: (depois seguida por todos) Acho, ajo. Queixo, queijo. China, Gina. Ok...

A professora volta para as colunas [s], [z] e aponta para as palavras, para que os alunos as pronunciem como pares mínimos:

TODOS: Caça, casa. Assa, asa.

A professora então dirige-se às palavras que estão sob o símbolo [r]:

PROFESSORA FRANCINE: Se a gente tivesse par desse aqui (palavra “caro”), seria como?

DARICA, CEM e ANTONELA: Carro.

ISABEL: Tem aqui.

PROFESSORA FRANCINE: Tem aí? Ah! Cadê o “carro”?

Isabel entrega à professora a palavra “carro”, e esta coloca-a sob o símbolo [h].

Depois disso, procedem na pronúncia dos pares mínimos:

PROFESSORA FRANCINE: Vamos lá?

TODOS: Caro, carro. Coro, corro. Sou, sul.

PROFESSORA FRANCINE: Esse verbo aqui. Esse verbo aqui (vai até o quadro e escreve “saber”), no pretérito perfeito?

DARICA: Soube.

PROFESSORA FRANCINE: Então, é aqui, não é (aponta para [o])?

DARICA: Soube.

ISABEL: Soube.

PROFESSORA FRANCINE: E lá ([u]), sul. Muito bem! Vocês conhecem todas essas palavras, o significado?

ISABEL: Ajo.

ANTONELLA: Ajo?

PROFESSORA FRANCINE: Ajo... Muito bem. “Ajo” é do verbo “agir”. “Eu sempre ajo muito rápido”. Agir, reagir (escreve no quadro).

ISABEL: Reajo.

PROFESSORA FRANCINE: Reajo. Tudo bem?

A professora então tira dúvidas dos alunos quanto ao significado das palavras da atividade. Então inicia a sua terceira etapa, escrevendo 16 palavras no quadro para que destas os alunos escolham nove e as escreva em suas cartelas de bingo. Isabel foi a ganhadora do jogo. Em seguida, a professora decidiu escrever no quadro os pares mínimos, um abaixo do outro, em lista.

corro	ajo
coro	acho
China	sul
gina	sou
caro	asa
carro	assa
casa	queijo
caça	queixo

PROFESSORA FRANCINE: Ok, então agora vocês podem visualizar aqui todas as palavras com as quais trabalhamos hoje, e vocês podem criativamente montar um diálogo. Depois nós vamos ouvir os diálogos. (incompreensível) ...bicho de sete cabeças. Mas se ficar...

CEM: Como nós vamos fazer diálogo... estas palavras?

PROFESSORA FRANCINE: Como nós vamo... com no mínimo seis... no mínimo (escreve “no mínimo” no quadro) vocês devem usar... seis palavras... destas aqui, como? Com criatividade. Não tem que ter exatamente um... um... tema... uma lógica... do outro, mas da sua lógica. Talvez seja... bem elaborado, talvez vocês lembrem do sonhos... o sonho que Isabel teve...

CEM: Vamos falar sobre a história de viagem...

ISABEL: Cem!

CEM: ...a Vi.. ao Vitória.

PROFESSORA FRANCINE: Elas vão falar sobre a história da viagem a Vitória. “A” Vitória, porque Vitória é... cidade. Mas você vai trabalhar com ela (Isabel, e não Darica, que foi a Vitória), deixe elas (Darica e Antonella) lá.

Os alunos então negociam em seus pares como vão apresentar o diálogo. Em determinado momento, pude ouvir Cem corrigir a pronúncia de Isabel da palavra “China”, que foi [tʃinə], e ele pronunciou [ˈʃinə].

Minutos depois, a professora pediu que os alunos lessem os seus diálogos. As alunas Darica e Antonella criaram o seguinte diálogo (as palavras utilizadas estão em negrito):

- Olá, como você se chama?

- Me chamo **Gina**.

- De onde você é?
- Eu sou do **sul** da **China**.
- E como você chegou até aqui? De **carro**?
- Não, eu viajei sobre um **asa** de um **caça**.
- E foi muito **caro**?
- **Acho** que sim.

Os alunos Cem e Isabel criaram o seguinte diálogo:

- **Gina**, você gostaria de viajar para a **China**?
- Eu **acho** que é uma boa ideia.
- Então eu preciso ir **correndo** para a agência.
- Não esqueça que eu gosto de viajar perto da **asa** do avião.
- Você gostaria de alugar um **carro**?
- Sim!

PROFESSORA FRANCINE: Vamos lá? Vamos ouvir os diálogos? Estou curiosa!

(...)

PROFESSORA FRANCINE: Quem vai ler primeiro o diálogo?

CEM: Isabel.

PROFESSORA FRANCINE: Oxente? É um diálogo, vai ser lido em dupla! Vai ser lido em dupla, porque é um diálogo, não?

CEM: Uh-hum.

PROFESSORA FRANCINE: Mas, é... Antonella aqui disse que vai ser a primeira?

ANTONELLA: Igual (Tanto faz).

PROFESSORA FRANCINE: Igual. Ok. Ouçam bem!

ANTONELLA: Vai (fala para Cem)!

ISABEL: Gina, você gostaria de viajar pra China?

CEM: Não, “você” Gina.

ISABEL: Gina, você gostaria... de ir pra China (jocosa)?

CEM: (sorri contrariado) Eu acho que é uma boa ideia.

ISABEL: Então eu preciso ir correndo para a agência.

CEM: Não esqueça que eu gosto viajar perto da a[s]a no avião (olha para a professora, e percebe que produziu uma forma não alvo). A[z]a do avião.

PROFESSORA FRANCINE: (aproveita para corrigir a ausência da preposição) “Do” avião. Perto da “asa” (ênfase no som da sibilante) do avião.

CEM: Do avião.

ISABEL: Eh... Você qui[s]esse alugar um carro?

PROFESSORA FRANCINE: Se você quisesse alugar um carro... seria muito bom!

CEM: Sim!

PROFESSORA FRANCINE: Terminaram? Eu vou pedir para que vocês repitam devagar, porque eu acho que tenho umas duas correções para fazer, mas de antemão, foi muito bom!

PROFESSORA FRANCINE: Vamos? Meninas (Darica e Antonella), vocês ouviram bem?

ANTONELLA: Uh-hum.

PROFESSORA FRANCINE: Eu vou pedir que vocês repitam, para que eu veja se tem...

ISABEL: Gina, você gostaria ir lá pra China?

PROFESSORA FRANCINE: Você gostaria “...”? Porque o verbo gostar...

ISABEL: Ah! “Você gostaria de viajar...”

CEM: (ri, jocoso, voltando-se para Isabel)

PROFESSORA FRANCINE: Mas foram vocês dois que escreveram, Dr. Cem! Então, “Gina”, ...

ISABEL: (risos)

PROFESSORA FRANCINE: ...você gostaria de viajar para a China? Ok. Continuem.

CEM: Eu acho que é uma boa ida. “Boa” “aída”.

ANTONELLA: Ideia.

CEM: Ideia.

PROFESSORA FRANCINE: Eu acho que é uma boa “...”? “i-dei-a” (escreve a palavra no quadro branco). Não vai dizer “ai” aqui não, tá Cem?

ISABEL: Aponta para a escrita da professora no quadro.

CEM: Ah (entendi)! No *accent*.

PROFESSORA FRANCINE: Não tem mais acento. Tinha! Antigamente tinha! Mas agora não tem mais, e eu já me acostumei. Continuem, continuem.

ISABEL: Então eu preciso ir correndo para a agên^[si]a.

PROFESSORA FRANCINE: A^[3ẽ]ncia (ênfase na sílaba tônica). Eu preciso ir “correndo” para a agência. Então vamos lá... ela já usou... “China”, “Gina”... “correr”, né? Sim, continue...

CEM: Não esqueça que eu gosto viajar perto da a[z]a do avião (olha para a professora, buscando aprovação).

PROFESSORA FRANCINE: Não esqueça que eu gosto “...”? De viajar...

CEM: De viajar (repete, frustrado).

PROFESSORA FRANCINE: Sim... Onde? Perto “...”

CEM: Perto da a[z]a do avião.

ISABEL: E “acho” também.

PROFESSORA FRANCINE: Oh! “Acho que é uma boa ideia”, é verdade! Muito obrigado. Sim...?

ISABEL: Ehm... ? Você qui[s]esse alugar um carro?

PROFESSORA FRANCINE: “Se você quisesse alugar um carro”, nesse caso... eh... eu entendo que a frase está assim, ó: “Se você quisesse alugar um carro”... não tá completa. “Se você quisesse alugar um carro, seria bom”. Se você quisesse alugar um carro, seria útil. Né?

ISABEL: Então “Você gostaria de alugar um carro”?

PROFESSORA FRANCINE: Ok! Aí está completa porque é uma pergunta.

CEM: “Você queria?”

PROFESSORA FRANCINE: “Você queria alugar um carro?” É o imperfeito. “Você gostaria de alugar um carro?” é o futuro do pretérito.

CEM: Uhm...

PROFESSORA FRANCINE: Isso é um pouquinho complicado, mas depois a gente vê. Então... “carro”, ela falou “carro”. “Você gostaria de alugar um carro?” Ok! Seis?

CEM: Sim.

PROFESSORA FRANCINE: Terminamos?

CEM: Sim.

PROFESSORA FRANCINE: Vamos ouvir a outra? Parabéns para o diálogo dessa primeira turma... está completo e criativo. Vamos aqui?

ANTONELLA: Olá, como você se chama?

DARICA: Eu me chamo Gina.

ANTONELLA: De onde é você?

DARICA: Eu sou do sul da China (risos).

PROFESSORA FRANCINE e ANTONELLA: (risos).

ANTONELLA: E como chegou até aqui? De carro?

DARICA: Não, eu cheguei so... eu via[*[j]*]ei sobre a... *una* a[*[z]*]a de um caça.

ANTONELLA: Uau!

PROFESSORA FRANCINE: Na asa de um avião, né?

DARICA: Sim.

ANTONELLA: Uau! E foi muito ca[*[h]*]o?

DARICA: Acho que sim.

PROFESSORA FRANCINE: (dirige-se a Antonella com um gesto corporal solicitando repetição corretiva)

ANTONELLA: “caro”.

PROFESSORA FRANCINE: Foi muito o quê?

ANTONELLA: “caro”.

PROFESSORA FRANCINE: Ah! Sim, sim.

CEM: Caro.

DARICA: Acho que sim.

PROFESSORA FRANCINE: (mesmo gesto para Darica)

DARICA: “Acho” (risos).

PROFESSORA FRANCINE: (risos).

ANTONELLA: Ok! (terminamos).

DARICA: Já.

PROFESSORA FRANCINE: Gente! Elas usaram bem mais que seis! Uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, bravo!

CEM: Preço para elas!

PROFESSORA FRANCINE: Prêmio?

CEM: Preço.

PROFESSORA FRANCINE: Preço?

ANTONELLA: De quê?

CEM: Porque vocês faz mais palavras.

PROFESSORA FRANCINE: Prêmio!

CEM: Prêmio.

PROFESSORA FRANCINE: Prêmio?

CEM: Sim, prêmio.

PROFESSORA FRANCINE: Prêmio é um brinde. É um brinde para elas. Um prêmio para elas. É, né? Acho que sim. Mas primeiro quero ouvir outra vez, mais devagar... quase eu fiquei como uma barata tonta aqui.

(...)

PROFESSORA FRANCINE: Vocês podem por favor, repetir?

ANTONELLA: Olá, como você se chama?

DARICA: Olá, eu me chamo Gina.

ANTONELLA: E de onde você é?

DARICA: Sou do sul da China (risos).

CEM: “Sou do sul da China”? (risos)

PROFESSORA FRANCINE e ANTONELLA: (risos).

ANTONELLA: E como chegou até aqui? De carro?

DARICA: Não, eu via[*f*]ei sobre uma... sobre uma a[*z*]a de um caça.

PROFESSORA FRANCINE: (risos)

ANTONELLA: Uau! Foi muito caro?

DARICA: Acho que sim.

PROFESSORA FRANCINE: (risos) Gente! Muito bom. Muito bom! Bravo (aplaude)!

TODOS: (aplausos).

PROFESSORA FRANCINE: Os dois grupos foram ótimos (risos)! Eu não acha que... Eu não sabia que eu ia sorrir tanto essa manhã. Não somente com os sonhos (os alunos falaram com o que sonharam durante a noite anterior no início da aula), mas também com a criatividade de vocês. Gostei muito. E depois acho que quero esses diálogos, tá? Depois vocês podem escrever esses diálogos para mim, numa folha limpa, os dois, os dois grupos... mas agora, nós vamos precisar retornar para os nossos focos gramaticais “lindinhos”. Tá bom? Tudo tranquilo?

(...)

Mais adiante na aula, a professora iniciou a segunda atividade que solicitei que aplicasse, “Mundo melhor” (APÊNDICE H).

PROFESSORA FRANCINE: Ok, vamos retomar, vamos retomar. Vamos fazer uma atividade bem... de cinco minutos. Vamos ouvir uma música. Mas... antes de ouvir a música, vocês vão ligar, né? As frases com as transcrições fonéticas, eh... vocês vão ligar com um traço a frase que está... que está aí. Certo?

CEM: Estás com os “chifras” de *nazis*.

PROFESSORA FRANCINE: Eh... com os chifres de “...”?

CEM: Nazis.

PROFESSORA FRANCINE: Nazistas?

CEM: Nazistas.

PROFESSORA FRANCINE: Com os símbolos nazistas? Mas não são (melodicamente)! Vamos ligar? Bem rapidinho?

DARICA: Eh... não entendo.

PROFESSORA FRANCINE: Oh! Não entendeu? Então... é que a gente trabalhou com algumas transcrições fonéticas nestes dias...

DARICA: Temos que ligar “istos” *transcripciones* fonéticas...

PROFESSORA FRANCINE: “Estas”... para a frase de fato que representa a transcrição fonética. Por exemplo, o que que tá escrito aqui?

DARICA: (Em [ki'oʒeʊtʃi'ãmu], lê o símbolo [ʒ] como se fosse [z])

PROFESSORA FRANCINE: [oʒeʊ]...(realçando o som [ʒ] para que a aluna a imite).

DARICA: [o'ʒeʊ]... [tʃi]... [ki'oʒeʊ]... [tʃi'amu].

PROFESSORA FRANCINE: Ok. Aí você vai ligar.

CEM: Ah! *Sí*...

PROFESSORA FRANCINE: Certo?

CEM: Entende.

PROFESSORA FRANCINE: Entendeu? “Entendi” (ênfase na sílaba tônica). É uma brincadeira.

(...)

Alguns minutos se passam até que todos terminam de fazer a atividade de ligar. A professora então faz uma breve explicação do que é a música sertaneja (a a canção “Tem que ser você” pertence ao estilo), apresenta os cantores Vitor e Léo (intérpretes da canção trabalhada) e depois confere os trabalhos de cada um, ajudando-os quando necessário. Ao terminar de conferir os trabalhos, a professora dá instruções quanto à audição da música:

PROFESSORA FRANCINE: Tudo bem aí, meninas? Ok... agora nós vamos ouvir... como será que eles pronunciam? Eles estão pronunciando de fato como a transcrição fonética foi feita? Nós vamos ouvir uma vez, pra verificar. E... quando eles repetirem

nós poderemos cantar juntos com eles, mas primeiro... da primeira vez nós vamos apenas ouvir. Como ali é baixinho, eu vou desligar o... ar! Pra a gente ouvir... Depois a gente canta!

Os alunos ouviram a canção. Ao final, a professora perguntou:

PROFESSORA FRANCINE: Bravo!

DARICA: Que lindo!

PROFESSORA FRANCINE: Que lindo, né? Vocês observaram que...

CEM: Você também.

ANTONELLA: Como? Você o quê?

CEM: Linda!

DARICA: Oh...Cem!

PROFESSORA FRANCINE: Antonella a-mou a música, né?

ANTONELLA: Sim!

PROFESSORA FRANCINE: Então, “[ki'ozeutʃi'ãmũ]”. Eles fazem assim?

DARICA: [ki'ozeutʃi'ãmũ].

ANTONELLA: (cantarola) [ki'ozeutʃi'ãmũ].

DARICA: Ah! Você sabe que eu... essa canção “Chora, me liga”? João Bosco?

PROFESSORA FRANCINE: Sim! “Chora, me liga”.

DARICA: Eu quase ouvi o sábado... que foi uma festa de... não me lembro como se chama... “algo” “universitário”? Como se chama?

PROFESSORA FRANCINE: Aqui em Salvador?

DARICA: Não-Não, em Vitória.

PROFESSORA FRANCINE: Uma festa universitária?

DARICA: Ehm... se chama... um estilo; que se chama... não sei, mas João Bosco estava lá... eu cheguei muito tarde, então já estava no final...

PROFESSORA FRANCINE: Oh (que pena)! Exatamente, você teria ouvido “Chora me liga”!

DARICA: *Sí* (lamenta)! Mas vi a... outra pessoa, outra banda... que tocava também... todos a mesma coisa mas...

PROFESSORA FRANCINE: Isso foi no sábado (questionou).

DARICA: Sim.

PROFESSORA FRANCINE: Olha aí, ela está “assim com” o sertanejo, olha! O estilo sertanejo é uma das preferências de Darica. Muito bem. E as outras frases que nós ligamos? Vocês observaram a pronúncia? Vocês também já fizeram, né? [põdẽĩ'e'gah], [tẽĩki'seh], [seus'pezvãu] me levar. Vocês querem cantar essa música ou vocês já cantaram enquanto ele cantava?

ANTONELLA: Já cantei...

DARICA: Quero escutar outra vez (sorri)...

PROFESSORA FRANCINE: Cê quer escutar outra vez? Vamos escutar e cantar.

A professora coloca a música e os alunos cantam juntos, animados. Depois da primeira escuta da canção, a professora mais uma vez faz os alunos lerem as transcrições.

Depois de terminar a canção a aula seguiu seu curso normal, com correções de exercícios.

FIM DA OBSERVAÇÃO DAS AULAS DA PROFESSORA FRANCINE